

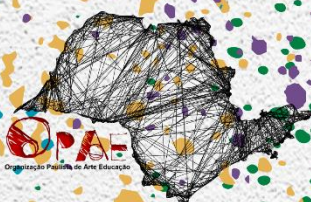
II CONGRESSO DA

OPAE

SEMPRE FUI SONHADOR,
É ISSO QUE ME MANTÉM VIVO
A VIDA É DESAFIO (RACIONAIS MC'S E AFRO-X)

CADERNO DE RESUMOS

#2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

II Congresso OPAC

Caderno de resumos [livro eletrônico] : sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo / [organização] Fernando Bueno Catelan, coordenação comissão científica Pio de Sousa Santana. -- São Paulo, SP :OPAE, 2023.

212 p. : il. color.

PDF

Disponível em: <<https://opae.com.br/publicacoes/anais-conopae/>>

Vários autores.

ISBN 978-65-980069-1-4

1. Arte - Educação 2. Arte -- Experiências 3. Educação 4. Formação docente I. Catelan, Fernando Bueno. II. Santana, Pio de Sousa. III. Título.

23-167782

CDD-370

Ficha catalográfica elaborada por Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

A revisão linguística e ortográfica, assim como o conteúdo e a formatação dos artigos publicados são de responsabilidade dos autores e das autoras.

COMO CITAR

CATELAN, Fernando Bueno; SANTANA, Pio de Sousa. (orgs). **Caderno de Resumos do II ConOPAE**: Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo - II Congresso da Organização Paulista de Arte Educação. São Paulo: OP AE, 2023.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Dr. Pio de Sousa Santana

Pareceristas

Dra. Ana Marcia Akauí Moreira

Dra. Camila Serino Lia

Dra. Clarissa Suzuki

Dra. Eliane Aparecida Andreoli

Me. Fernando Bueno Catelan

Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Dra. Lilian Amaral

Dra. Margarete Barbosa Nicolosi Soares

Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Me. Rubens de Souza

Dra. Tarcila Lima da Costa

Curadores

Dra. Ana Marcia Akauí Moreira

Dr. Pio de Sousa Santana

Me. Rubens de Souza

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dra. Ana Marcia Akauí Moreira

Profa. Drieli Caroline Gaona

Dra. Eliane Aparecida Andreoli

Ma. Elisângela de Freitas Mathias

Profa. Elizandra Martins Miranda

Me. Fernando Bueno Catelan

Ma. Flávia Teodoro Alves

Prof. Illo Wagi Soares Bueno De Camargo

Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Dra. Mirian Celeste Martins

Dr. Pio de Sousa Santana

Profa. Priscila Mondin de Lima

Dra. Rejane Galvão Coutinho

Ma. Roberta Jorge Luz

Me. Rubens de Souza

Profa. Nayra dos Santos Mendes

Profa. Simone Leal dos Santos Abreu

Profa. Simone Venâncio dos Santos

Dra. Tarcila Lima da Costa



unesp

instituto
de
artes

PPG artes

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

FaEB
Federação de Arte
Educadores do Brasil

GEPP
ARTES

GRUPO DE PESQUISA
Performatividades
e Pedagogias

Cê de
Conteúdo

Pina_

UNITAU
Universidade de Taubaté

CCA UST
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

FEIRA DA
SOLIDARIDADE
PROJETO EDUCATIVO E CULTURAL PARA
CRIANÇAS E JOVENS COM DEFICIÊNCIA



bienal são paulo



PERSPECTIVA



Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Deficiência

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
 EIXO 1 – AS POLÍTICAS E SEUS DESDOBRAMENTOS NO CAMINHO DO ENSINO, APRENDIZAGENS E FORMAÇÃO EM ARTE	11
A ABORDAGEM TRIANGULAR PARA O ENSINO DAS ARTES E CULTURAS VISUAIS COMO PRINCÍPIO	12
A DOCÊNCIA DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERCALÇOS E CONQUISTAS	14
A MATERIALIDADE NO ENSINO DE ARTES: ENTRE DEFASAGENS E PROPOSTAS.....	16
AUTO AVALIAÇÃO ARTÍSTICA E FORMATIVA COMO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA GRADUAÇÃO EM ARTE	18
COLHENDO E PLANTANDO SONHOS: ESTUDAR ARTES VISUAIS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	20
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE EM FORMA REMOTA	22
ESPAÇO CRÍTICO E CRIADOR: A POLÍTICA E O ENSINO DE TEATRO	24
MAPEAMENTO DAS LICENCIATURAS EM ARTE NO ESTADO DE SÃO PAULO ARTES VISUAIS, MÚSICA, DANÇA E TEATRO	26
NA RODA DOS POVOS.....	28
PRÁTICAS MUSICAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: POLÍTICAS PÚBLICAS E SEUS DESAFIOS	30
PROJETOS DE ARTE-EDUCAÇÃO PRODUZIDOS EM FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	32
RELATOS E EXPERIÊNCIAS DO ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO DO NOVO ENSINO MÉDIO	34
STEAM: ARTES E CIÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO	36
 EIXO 2 – FORMAÇÃO E PRÁTICAS EM TERRITÓRIOS SONHADOS	38
A DISCIPLINA DE ARTE COMO DISPOSITIVO FABULATÓRIO NO EJA DO SISTEMA PRISIONAL FEMININO	39
A EXPERIÊNCIA DE UM CURRÍCULO DE ARTE EM MOVIMENTO NO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL	41
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NO ATELIE LABORATÓRIO “ESPAÇOS DA PINTURA”	43
A GRANDE DAMA: MEDIAÇÃO TEATRAL E AÇÃO CULTURAL EM CAPIVARI... 45	

A IMPORTÂNCIA DA ARTE EM UM ESPAÇO HOSPITALAR	47
ARTE E TRANSFORMAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR. UMA EXPERIÊNCIA COM O TEATRO DO OPRIMIDO NA EME PROFESSOR VICENTE BASTOS - SÃO CAETANO DO SU	49
DE SONHOS SOMOS: PERCURSOS DO GRUPO DE TEATRO ESCARAFUNCHAR.....	51
DESIGN, EDUCAÇÃO E ARTE: METODOLOGIA PROJETUAL DO DESIGN NO ENSINO DA HISTÓRIA DA ARTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO PAULO, BRASIL	53
EXPOSIÇÃO RIOS EM MOVIMENTO	55
FELICIDADE E RESISTÊNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O CONSTRUCTO CORPOARTE E SUAS REVERBERAÇÕES NO ENSINO DE ARTE NA EJA PAULISTANA.....	57
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA DE SURDOS: UM CURSO INTRODUTÓRIO.....	59
HOJE A AULA É NO MUSEU! A VISTA ESCOLAR NO MUSEU DE ARTE	61
O CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFRJ - ENTRE UMA FORMAÇÃO DOCENTE E O SER ARTÍSTICO: COMO CONCILIAR AS DUAS PRÁTICAS?	63
PROJETOS ARTÍSTICO-POLÍTICO-PEDAGÓGICOS NA ATUAÇÃO DO TEATRO DE GRUPO NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	65
VIA DUTO – VIA MAC (1988)	67
 EIXO 3 – AUTORES E FORMAÇÃO EM ESPAÇOS E LUGARES	 69
A PESQUISA “PROCESSOS CRIATIVOS EM MÚSICA DE ARTE-EDUCADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA”	70
A VIVÊNCIA NO QUINTAL GUARDADO. UMA PROPOSTA DE PROCESSO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO INSPIRADA NAS PRÁTICAS DE TEATRO EDUCAÇÃO DE JOANA LOPES E ILO KRUGLI.	72
ARTE E FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM PEDAGOGIA: A VIVÊNCIA DA PROPOSIÇÃO “CAMINHANDO COM LYGIA CLARK”	74
ARTISTA-PROFESSOR-ARTISTA: UM SONHO HETEROTÓPICO.....	76
AUTODOCUMENTÁRIO: ENSINO DO DOCUMENTÁRIO PARA UMA INVESTIGAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA NAS ESCOLAS	78
COMO A FOTO SAI DA CÂMERA? DESCOBERTAS SOBRE FOTOGRAFIA NUM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE DOIS A SEIS ANOS.....	80
DIÁRIO DE UMA PROFESSORA ESTRATEGISTA: A FANTASIA E O RISO COMO ESTRATÉGIAS DE APRENDIZADO EM DESENHO.....	82
GLAUCIA AMARAL: ENTREMEAR CULTURALISTA EM MODA E ARTE	84

GRAFFITI É PARA GERAL E PRECISAMOS TRABALHAR PARA REVERBERAR ESSA IDEIA NOS NOSSOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO!.....	86
LEITURA DE IMAGEM NA PERSPECTIVA DA AUTONOMIA DE PESSOAS ADULTAS COM DEFICIÊNCIA.....	88
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS: PESQUISA BASEADA EM ARTE COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	90
RODA DE SACI – QUE CENA É ESSA? A ARTE DE ENSINAR A TRANSGREDIR. PRÁTICAS DA ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ENGAJADA.....	92

EIXO 4 – É CONTEMPORÂNEO? NOVAS LEITURAS E SONHOS SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DA ARTE

“AQUELE CARA QUE FAZIA DESENHOS BUGADOS”: PINTURAS E ANIMAÇÕES DOS SONHOS E DEVANEIOS NA SALA DE AULA.....	94
A FALA ATRAVÉS DA ARTE: SONHAR, REFLETIR E VIVER É PRECISO	95
ARTISTA EDUCADORA: UM OFÍCIO DE CRIAR RESPIROS E FRESTAS NA DUREZA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO	97
EXPANDINDO OLHARES ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.....	99
INTERFACES	101
JUVENTUDE, ARTE E INTEGRAÇÃO - PROCESSOS DE AUTOCONHECIMENTO E EXPRESSÃO	103
O ENSINO DE ARTES COMO TERRITÓRIO DE POSSIBILIDADES: ESTRATÉGIAS INSURGENTES VOLTADAS À DIMENSÃO DO AFETO E AO PENSAMENTO DECOLONIAL	105
O JOGO DAS LINGUAGENS E DOS MEIOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS	107
OS CÉUS DO ARTISTA EDUCADOR	109
POR UMA EDUCAÇÃO TRASGRESSORA: A EXPERIÊNCIA DAS INTERVENÇÕES URBANAS NAS AULAS DE ARTES	111
QUAIS SÃO OS SÍMBOLOS IMAGÉTICOS NA CONTEMPORANEIDADE INFANTIL? REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, DESAFIOS E PROPOSIÇÕES ARTOGRÁFICAS.....	113
REALIDADE VIRTUAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTE.....	115
UMA PROPOSTA DE PINTURA CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA.....	117

EIXO 5 – ABORDAGENS CULTURAIS: PRÁTICAS, POLÍTICA, PROCESSOS E AÇÕES REFLEXIVAS SOBRE O ENSINO DA ARTE.....

ANÁLISES DODISCENTES: COMPREENSÃO DA ARTE INDÍGENA EM DIFERENTES NUANCIAS EM SALA DE AULA.....	121
	122

ARTE-EDUCAÇÃO, ARTE POPULAR E MEMÓRIA: QUANDO OS MONSTROS-MEMÓRIA FOGEM PELAS FRESTAS DA CIDADE.....	124
CONSTRUINDO IDENTIDADES ATRAVÉS DE RETRATOS E AUTORRETRATOS SOB UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL.....	126
FUNK NA ESCOLA PERIFÉRICA.....	128
INCIDÊNCIAS CONTRA-MONUMENTAIS_ICONOCLASTIA NA CONTEMPORANEIDADE	130
MUTIRÃO: ATELIÊ DE PESQUISA EM ARTES VISUAIS, CORPO E EDUCAÇÃO	132
NA QUEBRA. JUNTAS – MOMBAÇA E OS ESTILHAÇOS DISSIDENTES NA ESCOLA PÚBLICA.....	134
O ENSINO DA CERÂMICA COMO EDUCAÇÃO DECOLONIAL	136
OLHARES NEGROS QUIRINO: A LUZ NEGRA QUE ILUMINA A ESCOLA PÚBLICA.....	138
PRÁTICAS ARTÍSTICAS DESESTRUTURANTES: CONFLUÊNCIAS ENTRE RAÇA, GÊNERO E TERRITÓRIO NA ESCOLA PÚBLICA.....	140
PROFESSORAS E A MÚSICA: EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM MUSICAL COM O UKULELE	142
TRANSGREDIR O RACISMO: ASSUMINDO UM COMPROMISSO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS EM SALA DE AULA	144
UNIVERSIDADE INDÍGENA ALDEIA MARAKA'NÀ: METODOLOGIAS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	146

EIXO 6 – OBJETOS, AÇÕES E INTERMEIOS NO DIÁLOGO POSSÍVEL COM AS ARTES E A EDUCAÇÃO	148
ARTE E EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE NA PRÁTICA: UM APOIO PEDAGÓGICO DIGITAL AO EDUCADOR.....	149
DIÁLOGO E CONSCIÊNCIA: O OPRIMIDO NO RAP E NA PEDAGOGIA.....	151
DISSEMINARTE	153
GRAFIAS & LUGAR[ES] DE NARRATIVAS DE CORPOS.....	155
HISTÓRIA DA ARTE NO ENSINO MÉDIO: INTEGRAÇÃO ENTRE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS.....	157
INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DO BALÉ: COMO TORNAR ACESSÍVEL OS ASPECTOS MATEMÁTICOS INERENTES AO BALÉ COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO ENSINO-APRENDIZAGEM DESSA LINGUAGEM DA DANÇA	159
INTERFACES DA PEDAGOGIA COM A ARTE: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO	161
MEDIAÇÃO CULTURAL NA EDUCAÇÃO: ESPAÇO DE DISPUTAS	163
MEMORIAL: O MENINO NO CAMINHO DO TEATRO	165
MONUMENTOS: A EDUCAÇÃO PELA PEDRA	167

O OLHAR DO EDUCADOR E DO EDUCANDO POR MEIO DAS IMAGENS.....	169
PRÁTICAS DA MEMÓRIA: ARTE, EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO	171
TEATRO EM CENA: O PALCO NA SALA DE AULA	173
OFICINAS.....	175
ANCESTRALIDADE E REINVENÇÃO DE MUNDO.....	176
ATELIÊ EFÊMERO: UMA EXPERIÊNCIA DE PINTURA ENCÁUSTICA	178
CÂMARA ESCURA: A POESIA DO MUNDO INVERTIDO	180
CAPOEIRA ANGOLA E INCLUSÃO NO ENSINO DE ARTE: CRUZOS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	182
CARTAS DE SONHADOR, CORPO DE NÓS.....	184
CARTOGRAFIAS DA MEDIAÇÃO: INVESTIGANDO AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM NA ARTE.....	186
DANÇA CRIATIVA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PELO SISTEMA DE MOVIMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	188
EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	190
GRAFISMO INDÍGENA COMO (RE)EXISTÊNCIA IDENTITÁRIA ORIGINÁRIA ...	192
LAMBE COM EDUCAÇÃO - OFICINA DE LAMBE-LAMBE COMO TÁTICA POÉTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA DE ARTE/EDUCAÇÃO.....	194
LEITURA AFROREFERENCIADA E JOGO NA SALA DE AULA	196
LINGUAGEM MUSICAL E A EDUCAÇÃO PÚBLICA.....	198
MÚSICA NA PRÁTICA: MÉTODOS ATIVOS	200
NA RODA DOS POVOS.....	202
O CORPO ANIMADO	204
PESSOAS NEGRAS NAS OBRAS DE BELL HOOKS E WALTER FIRMO: A LEITURA DE IMAGENS COMO FERRAMENTA PARA A LEI 10639/03	206
PROFESSORA MARLI: EM UMA HISTÓRIA SEM FIM.....	208
SONHANDO A REAL: O CORPO ATRAVÉS DA RESPIRAÇÃO, SOB O TEATRO DE ANTUNES FILHO	210

APRESENTAÇÃO

A segunda edição do Congresso da Organização Paulista de Arte Educação – OPAE, teve como objetivo promover encontros e diálogos, em um espaço de trocas de experiências para professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação e artistas educadores paulistas. Contribuindo assim para construção coletiva da reflexão sobre o ensino de Arte enquanto campo de experiência na sala de aula, pesquisa e formação docente.

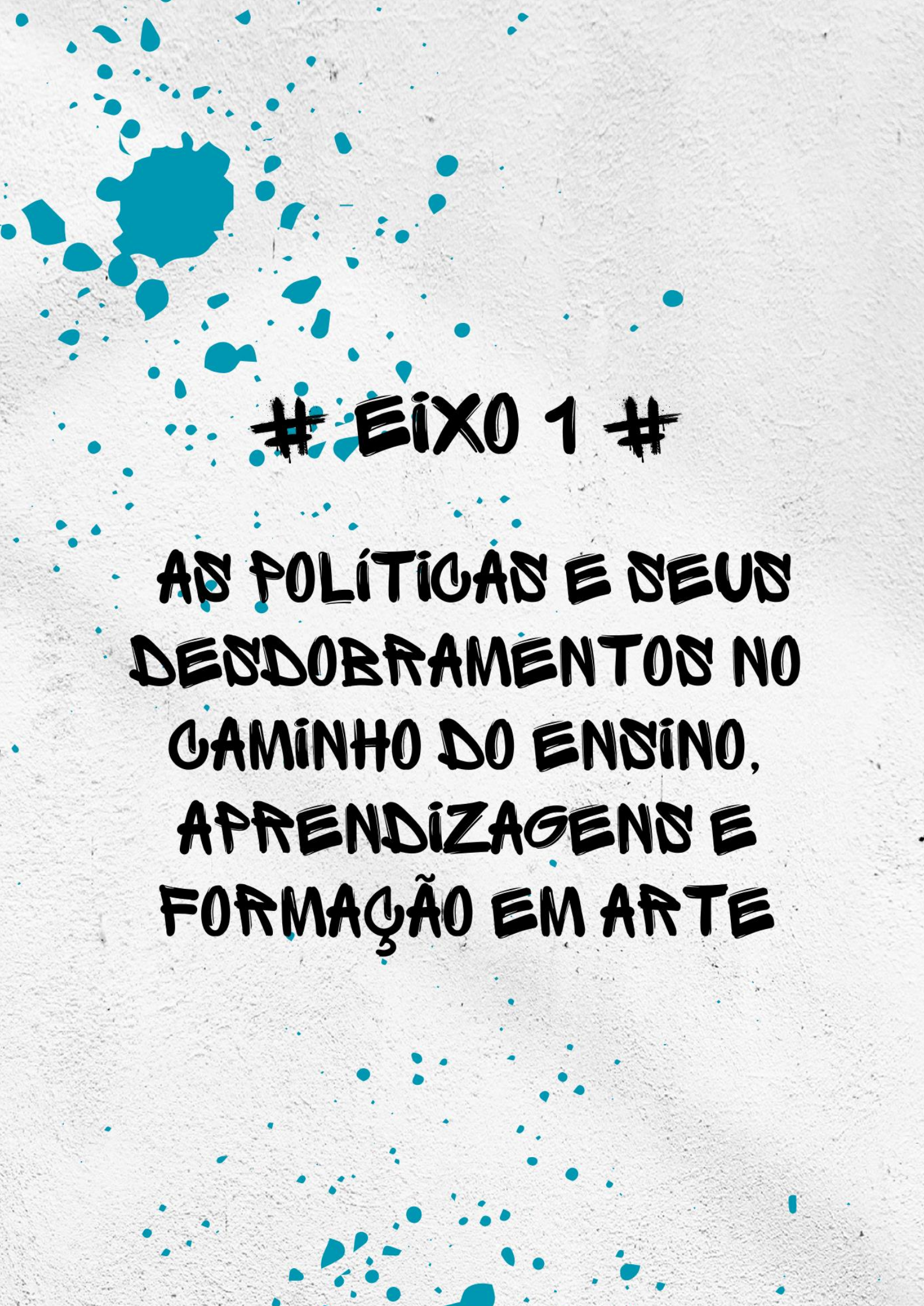
Acreditamos que conseguimos atingir esse objetivo, foram mais de 200 participantes, 98 trabalhos submetidos e 18 oficinas.

O tema do Congresso deste ano “Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo”, faz referência a música A Vida é Desafio dos Racionais MC's e Afro-X. Os rappers nos convidam a refletir sobre a importância de sonhar, e que é sempre necessário acreditar que o sonho é possível, e que o céu não é o limite.

Diante de tantos desafios para a arte, a pesquisa e a educação, sonhar é o que mantém vivas nossas lutas por um ensino de arte que entende os seres humanos de modo integral e não fragmentado. Aspecto este, que nos leva a refletir sobre a letra da música A Vida é Desafio, na qual o capitalismo nos obriga a escolher entre vivermos pelos nossos sonhos com as artes ou sobrevivermos fragmentados pela lógica do consumo.

Até hoje, o ensino de arte se mantém vivo porque educadoras e educadores sonharam antes de nós. Assim, continuaremos sonhando e os que virão depois de nós também sonharão, para manterem vivo o ensino de arte nas escolas e em todos os espaços da vida.

Comissão Organizadora
agosto de 2023

The background is a light gray, textured surface. It is decorated with numerous teal-colored paint splatters of various sizes. A large, irregular splatter is located in the upper left corner, while smaller, more uniform dots and smaller splatters are scattered throughout the page, particularly around the text.

EIXO 1

AS POLÍTICAS E SEUS
DESDOBRAMENTOS NO
CAMINHO DO ENSINO,
APRENDIZAGENS E
FORMAÇÃO EM ARTE

A ABORDAGEM TRIANGULAR PARA O ENSINO DAS ARTES E CULTURAS VISUAIS COMO PRINCÍPIO

Carolina Teixeira Pires¹

Maria Christina De Souza Lima Rizzi²

Relacionar-se com a Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais, sistematizada por Ana Mae Barbosa, como um princípio que extrapola o universo da arte/educação e dialoga com os processos de aprender e ensinar em uma diversidade de dimensões e campos de estudo, amplia e multiplica significativamente as possibilidades de interagir com a busca de conhecimento e com o ato de pesquisar.

Esta compreensão viabilizou a realização de uma pesquisa de doutorado pelo Programa Pós Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), intitulada “Travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis”, orientada pela Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi e defendida em 2021.

Esta teve como objeto de investigação os diálogos possíveis entre os saberes ancestrais dos povos da floresta e os saberes construídos a partir de experiências contemporâneas que buscam estratégias que favoreçam possibilidades de ser e estar no mundo em harmonia com a natureza, da qual somos parte.

Para contemplar a complexidade do tema, a pesquisa foi desenvolvida como uma investigação poética, mesclando as linguagens da fotografia, do desenho e da pintura, compondo narrativas visuais, e também as linguagens da poesia escrita e dos contos de tradição oral, estes ainda muito utilizados para a transmissão de conhecimentos no território onde foi realizada, na Amazônia acreana.

¹ carolina@sabia.org.br

² mcsrizzi@usp.br

Estruturou-se a partir da interação viva entre as ações propostas pelos três vértices do triângulo de Ana Mae - ler, contextualizar e fazer - relacionando-se com a Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais como uma epistemologia dinâmica, multidimensional e transdisciplinar, a partir da qual as ações desenvolvidas foram organizadas e potencializadas.

A dimensão do LER, relacionada com as experiências, vivências, fruição, pesquisa de campo, contatos diretos, escuta, observação e apreciação. A dimensão do CONTEXTUALIZAR, relacionada aos estudos teóricos, à análise dos contextos, das referências, diálogos conceituais e à pesquisa bibliográfica. A dimensão do FAZER, relacionada às ações, interações, manifestações, propostas práticas e construções poéticas.

Palavras-chave: Abordagem Triangular, princípio, investigação poética, epistemologia, pesquisa.

A DOCÊNCIA DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERCALÇOS E CONQUISTAS

Juliana Bussolotti¹

Cíntia Dos Santos Magalhães²

Eliane Aparecida Andreoli³

Maria Teresa De Moura Ribeiro⁴

O tema insere-se na área de concentração das análises e das pesquisas desenvolvidas, no grupo de Pesquisa intitulado Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias. A pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Formação Docente e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, junto ao Projeto de pesquisa Processos e práticas de formação, cujo objetivo é estudar os processos de formação docente para a Educação Básica, as políticas de formação continuada, na perspectiva do desenvolvimento profissional. Em um contexto pandêmico, ocasionado pela COVID-19, as aulas do ensino presencial, nas instituições, foram suspensas e a nova realidade foram aulas remotas e/ou híbridas, com isso, os professores se viram na necessidade de se ajustarem a essa nova realidade, por meio de formações continuadas e cursos voltados para as tecnologias a fim de adaptarem suas aulas. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo identificar como as práticas educativas dos arte educadores da Educação Infantil vem se adaptando em relação à aprendizagem em meio à pandemia da COVID 19, no município de Itapemirim, localizado ao sul do estado do Espírito Santo. Buscou-se compreender como os arte educadores da Educação Infantil conseguiram superar os obstáculos em relação à aprendizagem em meio à pandemia, contribuindo para um melhor entendimento do processo de ensino

¹ julianabussolotti@msn.com

² cintiamagalhaes14@gmail.com

³ licaandreoli@gmail.com

⁴ maria.tmribeiro@unitau.br

remoto. É uma pesquisa qualitativa que usou os seguintes instrumentos: a realização do questionário online por meio do Google Forms, a participação de grupos de discussão e, posteriormente, a construção coletiva de um portfólio online. Os resultados desse estudo possibilitaram conhecer o perfil dos participantes, formação profissional e atuação como arte educador, além de compreender o processo de ensino das artes, durante e pós pandemia. Verificou-se que os participantes desta pesquisa foram, em sua maioria, do sexo biológico feminino, com formação inicial em licenciaturas diversas e a segunda graduação em Artes Visuais. Além disso, a partir da experiência e das práticas sugeridas pelos arte educadores, elaborou-se, como produto educacional, um portfólio online que visa inspirar a aplicação de atividades lúdicas, criativas e facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Pandemia, Ensino remoto, Arte Educação, Práticas docentes, Educação Infantil, Formação continuada de professores, Profissionalização docente.

A MATERIALIDADE NO ENSINO DE ARTES: ENTRE DEFASAGENS E PROPOSTAS

Raffaella Ferraz Oppici¹

Eduarda Rebouças Ruy²

Beatriz Righetti Ferreira³

A inquietação sobre como a materialidade é abordada no ambiente do Ensino Básico foi gerada a partir da proposta do Concurso de desenho do Consulado da China em parceria com o Governo do Estado de São Paulo em maio de 2023, de modo que, é possível se questionar: Como formar experiências sensíveis e significativas a partir de um ambiente de defasagens pré-existentes? Sendo estas defasagens relativas tanto ao espaço educacional em si, quanto da própria proposta do concurso, que não considera a realidade do ensino básico brasileiro. Ou seja, defronte a escassez cultural da realidade, pensar a escola e a arte-educação como campos férteis para pensar a pluralidade e a oportunidade de participação dos sujeitos de modo mais ativo dentro e fora do espaço escolar. Assim, é possível traçar esta experiência como uma mola propulsora para pensarmos em como sugerir leituras de obras sem que haja anteriormente momentos relacionais de sensibilidade dos estudantes ante a Arte e sua materialidade em si. Neste sentido, outra questão foi levantada: como discutir a Arte em sala de aula sem que ela seja uma realidade, sem que haja o contato prático e material? Isto posto, esta proposta de trabalho se dá pelo oferecimento de práticas pictóricas e exploração de materialidades possíveis, com estudantes do Ensino Médio da E.E. Sueli Aparecida Sé Rosa, Bauru-SP, por meio do programa de Residência Pedagógica em Artes (CAPES), vinculado à Unesp Campus de Bauru, o qual as autoras participam. Todo o percurso se estrutura através de propostas dinâmicas/ativas de micropráticas, termo emprestado do

¹ raffaella.oppici@unesp.br

² eduarda.ruy@unesp.br

³ beatriz.righetti@unesp.br

estúdio de pintura Apotheke, coordenado pela Professora Dr.^a Jocielle Lampert da Universidade do Estado de Santa Catarina, de forma que, seja possível sugerir experiências, dialogando com Dewey e Larrosa, e demonstrações, buscando maior contato desses estudantes com o fazer artístico e, portanto, ampliando suas perspectivas de leituras de mundo. Desta maneira, a presença da materialidade como realidade concreta e de experiências significativas, estéticas e singulares, surgem como mediadoras das relações sociais, isto é, entre estudantes e o ensino da Arte e em relação também ao lócus social.

Palavras-chave: materialidade, experiência, microprática, arte-educação.

AUTO AVALIAÇÃO ARTÍSTICA E FORMATIVA COMO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA GRADUAÇÃO EM ARTE

Tarcila Lima Da Costa¹

Tenho desenvolvido em minhas aulas da disciplina de Assemblagem alguns princípios que partem de questionamentos, como: Qual o papel da avaliação no ensino de graduação em arte?

Durante minha formação na graduação lidei com diferentes tipos de professores e de avaliações. Nem sempre considerei a avaliação justa, seja para mais ou para menos. Muitas vezes não havia feedback e eu não compreendia a nota atribuída. Qual o significado de realizar 4 trabalhos, e a nota final ser uma média das mesmas? Essa nota reflete a realidade do aprendizado? Sempre acreditei que não.

A partir desses incômodos, na disciplina de Assemblagem de Materiais, sob minha responsabilidade, oferecida aos alunos do 3º ano, decidi inverter a ótica da avaliação e apostar num processo contínuo de auto avaliação artística, como parte do processo formativo. Por quê? Para que a nota atribuída em auto avaliação funcione como disparador para diálogos técnicos e parâmetro para produção de conhecimento.

A estrutura da disciplina de Assemblagem de Materiais tem sido assim definida, de forma geral: O aluno desenvolve uma pesquisa (teórico-prática) para a produção de assemblagens no decorrer do semestre, a partir de: a) definição do material-objeto, b) tema e c) liga entre objetos.

No momento da entrega do trabalho, o aluno o apresenta e indica uma nota de zero a dez. Em seguida ele justifica sua nota, indicando sua potência ou por onde o próprio aluno compreende que está “escoando força” (tema, composição ou acabamento, por exemplo). De forma paralela e significativa,

¹ t.costa@unesp.br

tenho visto que há imensa dificuldade de atribuição de nota dez dos alunos para seus próprios trabalhos. O julgamento costuma ser depreciativo para seus trabalhos e de valorização da produção dos outros. A partir dessa observação em sala, se inicia um grande processo dialógico buscando não apenas que os alunos identifiquem o valor de suas próprias criações de forma mais justa e técnica, mas também que compreendam que a atribuição de valor está intimamente relacionada com os conceitos de “escola” e de “arte” que trazemos em nós mesmos, assim como as noções de certo e errado na Arte antecedendo as poéticas individuais.

Palavras-chave: arte, educação, avaliação, criação.

COLHENDO E PLANTANDO SONHOS: ESTUDAR ARTES VISUAIS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Juliana Cristina Gonçalves Bueno¹

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte²

Os fios condutores da presente pesquisa têm seu início no desconforto vivenciado na construção do histórico escolar de uma das autoras, pois remete às experiências na escola pública que influenciam nas condições escolares resultantes da defasagem de ensino e particularidades que afastam alunos egressos de ingressarem no ensino superior. Logo, este culminou na dificuldade para obter melhor compreensão sobre as provas de habilidades específicas dos vestibulares do estado de São Paulo para ingressar no curso de Artes Visuais.

Após ocupar um cursinho comunitário como aluna, ingressar no ensino superior e voltar aos espaços de cursinhos comunitários como professora, surgiu intuitivamente a necessidade de produzir um material didático voltado para vestibulandos que pudesse suprir inicialmente a ausência dos conhecimentos exigidos nas provas de habilidades específicas. Para estas, são recomendadas bibliografias densas, uma base sólida que, infelizmente, não são abordadas no ensino fundamental ou médio. Dessa maneira, a experiência como um todo é impactante para qualquer uma das partes, pois criar vias que tornam tais conteúdos mais acessíveis é uma maneira ativa de lutar pela arte/educação do nosso país.

O material didático foi produzido com base nas provas de habilidades específicas de anos anteriores e das bibliografias recomendadas pelos próprios vestibulares. Dessa forma, os temas abordados são: Renascimento, desconstrução da estética, Impressionismo, Pós-Impressionista, Vanguardas Europeias e a Semana de Arte Moderna de 1922, no Brasil. A maneira que esses

¹ juliana.bueno@unesp.br

² joedy.bamonte@unesp.br

conteúdos foram abordados têm origem em minhas próprias dificuldades e na identificação com a realidade vivenciada na escola pública. A partir desse contexto, procurei repassar o que aprendi na universidade para vestibulandos, com palavras específicas da área de artes visuais em negrito, incluindo verbetes com termos mais complexos. Além disso, são feitos recortes e desenhos nas imagens para procurar auxiliar o estudante na compreensão do que está sendo mencionado. Toda a diagramação das páginas da apostila respeitam um pensamento conjunto composto por: imagem, texto, informação e contextualização.

Com a proposta aqui descrita, apresento um material que integra o ideal de mudar a arte/educação no Brasil, o qual, apesar de parecer utópico, contempla uma rede de pessoas. O material didático produzido tem como objetivo final a busca por auxiliar nos estudos e facilitar o acesso ao conhecimento da arte, para que um vestibulando também possa ter seu ideal alcançado: ingressar em uma universidade pública.

Palavras-chave: Arte/Educação, Vestibulandos, História da Arte.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE EM FORMA REMOTA

Jusimara Ozório¹

Esta reflexão está vinculada a uma pesquisa de mestrado, do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intitulada “Objetivações humanizadoras no ensino de arte: Uma abordagem vigotskiana”, em que aborda o papel da Arte na humanização dos sujeitos e como o seu ensino pode contribuir neste processo. Em virtude desta pesquisa ter se dado em um momento de grandes mudanças nas condições educacionais decorrentes do período pandêmico - com milhares de óbitos, uma crise sanitária que agravou ainda mais problemas relacionados à economia, à desigualdade social e educacional -, foi necessário discutir sobre o ensino de Arte em forma remota e possíveis consequências no aprendizado dos alunos. Para isto, realizamos nesta pesquisa três oficinas online e quatro entrevistas semiestruturadas online com a colaboração de sete professores de arte do Ensino Fundamental de duas escolas da rede municipal de Campo Grande, MS. Onde pudemos verificar as diversas dificuldades que os professores enfrentam no processo educativo, desde a falta de materiais básicos disponíveis na escola e entre as próprias famílias dos alunos até a desvalorização do poder público e da organização escolar. A partir destas experiências e dos estudos teóricos, confirmamos algumas hipóteses, como as condições que favorecem um processo alienador na escola para além da situação pandêmica. Condições esta que também observamos na adoção de políticas que se conformaram com as diferenças sociais e que apenas adaptaram pequenas soluções para amenizar as tragédias advindas deste período de calamidade social, não sendo o suficiente para serem consideradas humanizadoras. Sequer conseguiram garantir o mínimo para a sustentação da vida humana, quanto mais para

¹ jusimara.ozorio@ufms.br

promover o seu desenvolvimento em suas mais altas potencialidades. Potencial este que só pode ser concebido através de uma educação que privilegie o ensino do conhecimento mais desenvolvido pela história humana, entre eles a Arte, que, por ter um caráter humanizador, se torna ainda mais importante em sua apropriação e objetivação em tempo de grandes tragédias sociais.

Palavras-chave: Ensino de Arte, ensino remoto, humanização, alienação.

ESPAÇO CRÍTICO E CRIADOR: A POLÍTICA E O ENSINO DE TEATRO

Fernando Bueno Catelan¹

A pesquisa aqui apresentada tem como tema central a dimensão política do ensino de teatro na escola e propõe uma investigação das relações existentes entre política, teatro e educação. Na arte, a política se apresenta em estado de tensão. Augusto Boal, em seu primeiro livro sobre o Teatro do Oprimido, afirma que “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas” (2013, p. 13). Seria possível substituir a palavra teatro por arte que a afirmação de Boal continuaria a mesma. Porém, algo que nos faz concordar com Boal logo de imediato poderá ser posto em dúvida num segundo momento. Isso porque ao afirmar que é um artista político e fazer arte política muitos questionarão se essas manifestações se mostram de fato arte ou se se trata de “propaganda” política. Como se a arte declaradamente política estivesse maculando a pureza e grandiosidade da arte e assim se tornasse algo menor, algo não digno de se considerar arte. Paulo Freire, patrono da educação brasileira, é muito criticado, exatamente por evidenciar o caráter político da educação: “A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política” (2015, p. 108). Mas como essas relações políticas, inerentes ao teatro e a educação, são observadas no ensino e práticas cênicas nas escolas? Iniciamos a discussão por um dos elementos centrais da pesquisa, que é o que vem a ser política, desde o entendimento na antiguidade, passando por filósofos e filósofas contemporâneos, o que nos leva a segunda parte, de como essa reflexão é tratada, no entendimento de que toda arte é política, enfrentando os desafios, de pontos de vistas distintos sobre esse tema. Por fim, como a percepção política da arte é observada e praticada nas escolas, trazendo recortes de abordagens

¹ fernando.catelan@unesp.br

dos professores e das professoras com jogos teatrais, drama, encenações, performances e contação de histórias, práticas estas que não estão restritas ao campo das características clássicas do teatro, mas que na escola se ampliam nas relações cênicas do encontro.

Palavras-chave: Política, Ensino de Arte, Teatro, Educação.

MAPEAMENTO DAS LICENCIATURAS EM ARTE NO ESTADO DE SÃO PAULO ARTES VISUAIS, MÚSICA, DANÇA E TEATRO

Ana Marcia Akai Moreira¹

Com a intenção de entender os problemas arraigados desde a criação dos cursos de licenciaturas em arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro) até a formação pedagógica desse profissional, essa pesquisa – mapeamento dos cursos presenciais registrados nas Instituições de Ensino Superior no Estado de São Paulo – oferece dados quantitativos para futuras investigações.

Esse estudo é fruto das respostas obtidas no doutorado que conduzi de 2018 a 2021 cujo título “Arte como direito? A formação do professor de artes visuais no município de São Paulo/SP.” me levou a investigar e refletir sobre o ensino de Arte na educação básica colocando a questão: Como os cursos de Licenciatura em Arte (Artes Visuais) estão organizados para garantir, no Brasil, o direito ao ensino da arte na educação básica com autonomia, criatividade e expressividade?

Apercebendo-me do potencial de um posterior maior desenvolvimento destas ideias me propus a dar continuidade na investigação, fazendo um mapeamento das Licenciaturas em Arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro) ofertadas pelas Instituições de Ensino Superior em todo Brasil, começando pela região sudeste, mas especificamente, pelo Estado de São Paulo, para discutir entre os pares, como se encontra a situação das licenciaturas ofertadas pelas IES tencionando as análises para uma pergunta que entendo ser de base: Ensino de Arte por quê e para quê diante da formação do profissional professor de arte?

Com o objetivo de contribuir para o esclarecimento de como a arte pode constituir uma possibilidade pedagógica e educativa para os sistemas de

¹ anaakaui@yahoo.com.br

educação ao nível do desenvolvimento humano, esse mapeamento se faz importante e necessário para que possamos avançar sobre a relevância que tal formação poderá oferecer às sociedades no futuro.

A metodologia de abordagem quanti/qualitativa, parte do mapeamento detalhado das Licenciaturas em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro (presenciais) oferecidas pelas Instituições de Ensino Superior, registradas em órgãos e plataformas institucionais como o Instituto Nacional de Pesquisa Anísio Teixeira (INEP) e pelo Sistema de coleta de informações do Censo da Educação Superior (CENSUP), gerando quadros para posteriormente analisar os dados encontrados.

Esse primeiro levantamento já sinalizou alguns cenários preocupantes: o quadro geral (Brasil) com os dados disponibilizados pelo INEP/2021 não conferem com o quadro criado nessa investigação; porque estamos sofrendo um apagão dos cursos de licenciaturas em arte de forma presencial e porque, ao fazer o levantamento dos dados percebi o aumento considerável de novos cursos oferecidos pelas IES com um perfil neoliberal.

Palavras-chave: Formação de professor; Arte; Mapeamento; Licenciatura em Arte.

NA RODA DOS POVOS

Mirza Ferreira¹

O ato de se colocar em círculo acompanha a humanidade desde a sua pré-história. Seja para se aquecer em volta do fogo, para cultuar um deus ou deusa, para celebrar uma colheita ou para se preparar para uma guerra, o círculo é algo presente e comum em diferentes grupos e épocas da humanidade. Muitas danças tradicionais de diferentes povos e etnias também acontecem em diversas formações circulares. E muitas destas inspiraram Bernhard Wosien na criação do movimento das Danças Circulares. Movimento que surgiu na década de 1970 tendo como base física a comunidade de Findhorn, na Escócia. Esse movimento cresceu, se alimentando de danças tradicionais de distintas regiões do planeta, realizadas por diferentes grupos de diversas nacionalidades. Na atualidade encontramos profissionais que trabalham com as danças circulares em diversos pontos do planeta e em diferentes contextos e áreas do conhecimento: na educação formal e informal, em grupos artísticos e na área de saúde.

A oficina "Na roda dos povos", uma oficina prática com duração prevista de duas horas, busca oferecer aos participantes a oportunidade de experimentar essas danças com seus diferentes ritmos e qualidades de movimento. Busca ainda propiciar uma reflexão crítica acerca da cultura corporal de diferentes povos, etnias e épocas. Ao se aproximar e experienciar as tradições culturais que estruturam os passos e gestos simbólicos de cada dança, o/a participante tem a possibilidade de desenvolver uma maior compreensão de toda a diversidade cultural. Estar em círculo, de mãos dadas, dá a oportunidade de vivenciar a dança de uma forma coletiva, gerando, dentre outras coisas, a sensação de pertencimento a um grupo. Os ritmos individuais se organizam para a criação de um ritmo grupal. A roda passa a funcionar como um elemento vivo mantido pelo grupo. Cada um e cada uma importam. Na roda não existe protagonista. Todas

¹ mirza.danca@gmail.com

as pessoas estão na mesma posição e equidistantes do centro. Não há destaque para quem tem mais experiência ou mais habilidade técnica. As danças circulares são danças coletivas, onde o que importa é manter a roda girando, independente da execução "correta" dos passos. É um espaço para aprender, vivenciar e sonhar junto.

Palavras-chave: Danças Circulares, Danças Tradicionais, Cultura.

PRÁTICAS MUSICAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: POLÍTICAS PÚBLICAS E SEUS DESAFIOS

Elizandra Martins Miranda¹

Danieli Verônica Longo Benedetti²

Este artigo aborda questões vinculadas às práticas musicais realizadas por professores de arte e professores de música dentro do contexto escolar, bem como as políticas públicas que dialogam com essas práticas que podem ser exploradas de diversas maneiras, sendo elas: através da interação com o outro, da voz, do corpo, de brincadeiras, de imaginação e encenação. Tomando a perspectiva prática e teórica sobre a realidade vivenciada diariamente, o objetivo é analisar os conceitos, e desafios específicos e suas mediações interceptadas por políticas públicas instituídas pelo MEC. Para tanto, realizou-se metodologicamente uma pesquisa exploratória. Dessa forma, para essa reflexão tomou-se como base duas turmas de docentes sendo elas: uma turma de professores de música municipais da cidade de Capivari (licenciados/graduados em música) do Ensino Fundamental I no interior de São Paulo, onde a música é componente curricular da grade curricular municipal da referida prefeitura e outra turma de professores de arte (licenciados) do Ensino Fundamental II onde a música faz parte da área de arte juntamente com a dança, artes visuais e teatro do estado da cidade de São Paulo. Dentro dos aspectos analisados ganhou destaque a desvalorização da educação musical que teve inserção no currículo do ensino escolar desde 1854 e, até os dias de hoje enfrenta muitos desafios para permanecer na grade curricular como disciplina específica. A música permanece atravessando diversas gerações e busca traçar um caminho que fortaleça as propostas pedagógicas e metodológicas no sentido de provar sua fundamental importância no desenvolvimento individual de cada ser humano. Por outro lado, os professores de arte por muitas vezes, não trabalham o

¹ elizandra.martins@unesp.br

² d.benedetti@unesp.br

conteúdo de música por não saber como abordar questões que eles mesmos não têm domínio. Essas duas categorias de professores contribuem na afirmativa que a educação musical deve ganhar espaço, o que justifica maior entendimento sobre o papel da disciplina “música” na grade curricular. As reflexões e análises permitem uma compreensão ampliada das interfaces entre professores de música, professores de arte e a educação musical.

Palavras-chave: música, contexto escolar, políticas públicas.

PROJETOS DE ARTE-EDUCAÇÃO PRODUZIDOS EM FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Kanansue Massao Hara Gomes¹

A partir de formação continuada sobre a utilização de espaços além da sala de aula tradicional no ensino de arte, para professores e professoras – Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Arte – na rede pública municipal de Caieiras, região metropolitana de São Paulo, os participantes apresentaram propostas de projetos de arte-educação no fim do processo com base no tema citado. Junto à roda de conversa, pretende-se relatar o processo e destacar alguns dos projetos apresentados em diálogo com os demais participantes.

O curso de formação continuada de professores foi realizado em parceria entre o Instituto de Artes da Unesp e a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Caieiras-SP, distribuídos em sete encontros presenciais, cinco encontros virtuais e duas atividades remotas a serem realizadas pelos participantes, com duas horas cada encontro e três horas cada atividade, totalizando trinta horas de curso.

Os encontros presenciais foram organizados para a realização de atividades práticas focadas em jogos teatrais, exercícios de improvisação e criação, elaboração e experimentação de propostas artísticas, enquanto os encontros virtuais foram destinados ao estudo teórico, ao debate e à reflexão sobre legislação em educação, referenciais artísticos e pedagógicos em jogos teatrais, intervenção urbana e performance. Além disso, foram previstos dois encontros remotos destinados à realização de leituras e à elaboração de projetos pedagógicos a partir do tema geral da formação. Conhecemos e discutimos algumas obras de Jaider Esbell, John Cage, Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica, dentre outros. Discutimos os processos de jogos teatrais e

¹ kanansue.gomes@gmail.com

aprendizagem, com base em Ingrid Koudela, Viola Spolin e Vigotsky. Tratamos da performance art, com Renato Cohen, intervenção urbana e arte contemporânea a partir de diferentes artistas, grupos e coletivos.

Ao final do processo, os participantes foram convidados a apresentarem projetos de arte-educação individualmente ou em grupo com base no tema da formação. Foi possível debater todos as propostas coletivamente e refletir sobre o impacto do processo de formação para os participantes nas diferentes etapas da educação básica.

Palavras-chave: Formação de professores, Projetos educativos, Arte-educação.

RELATOS E EXPERIÊNCIAS DO ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO DO NOVO ENSINO MÉDIO

Camila Josefa Nunes Rossato¹

Como proposta para a roda de conversa, submeto o resumo que intitulei de “Relatos e experiências do ensino de arte no contexto do Novo Ensino Médio”, recorte de minha pesquisa de doutorado com ênfase no currículo e vivências de professores e estudantes com relação a arte diante do Novo Ensino Médio. Neste sentido, o enlace entre quem pensa as questões que cercam essa etapa de ensino e a educação de um modo geral, como Ana Mae Barbosa, Imanol Aguirre, Jorge Larrosa e os depoimentos de estudantes que narram sobre suas vivências com a arte no Ensino Médio, são disparadores para compreender o que acontece no interior da sala de aula da rede pública de São Paulo. O caminho percorrido pensa acerca de aspectos relevantes trazidos pelo texto “O dilema das Artes no Ensino Médio no Brasil” (BARBOSA, 2017), no qual busca dimensionar a importância das Artes para a formação do sujeito, assim como, comprova por meio de pesquisas, a transferência cognitiva da Arte para outros campos do conhecimento. Intuitivamente, os depoimentos dos estudantes, vem ao encontro desta constatação, especialmente quando percebem as particularidades que só a Arte proporciona em termos de apreciação e reflexão. Conforme, Ana Mae (2017, p. 13) aponta: “[...] que outra disciplina desenvolve o que é específico das artes? Qual a disciplina no currículo que desenvolve especificamente a percepção e discriminação visuais?”. Neste sentido, é preciso uma defesa intensa para garantir que as aulas de Arte não se esvaziem e nem reduzam em sua importância quanto à leitura, contextualização e produção (Abordagem Triangular). Também devem ser garantidos que o condensado de experiências e repertórios juvenis (AGUIRRE, 2009) seja abarcado pelos professores e façam parte de seu planejamento. Por fim, que a experiência

¹ nunescamila83@hotmail.com

docente e discente seja vista na perspectiva de “[...] uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA,2002, p.28). Assim, seria possível exercitarmos uma genuína experiência educativa, considerando a Arte em sua importância histórica e estética.

Palavras-chave: Arte, Currículo, Educação Básica, Experiência, Novo Ensino Médio.

Referências

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. In: **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Irene Tourinho, Raimundo Martins (Orgs.). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p.157-186.

BARBOSA, Ana Mae. **O dilema das Artes no Ensino Médio no Brasil**. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.7, n.13:mai.2017Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

STEAM: ARTES E CIÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO

Paula Arianne da Silva Moraes¹

Discutiremos a implantação do STEAM: Science, Technology, Engineering, Arts+Design, Math (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes+Design, Matemática), abordagem que propõe a integração de diferentes áreas, como uma disciplina curricular no Ensino Médio do Colégio Bandeirantes, em São Paulo.

Serão apresentadas as características do movimento, comparando-as com outras propostas que também valorizam esta integração. John Dewey e Celestin Freinet, são educadores que já criticavam o fracionamento de conhecimentos e a aquisição de conceitos descontextualizados, afastando os saberes da escola dos saberes do cotidiano e da vida dos estudantes.

Estas aproximações fazem parte de alguns dos objetivos do STEAM, assim como o desenvolvimento da capacidade criadora, e a busca por soluções criativas, por meio de vivências que permitam o exercício da colaboração, comunicação, pesquisa e pensamento crítico.

A Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa quando dirigia o MAC - Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, de 1987 a 1993, foi o que embasou as decisões tomadas pela equipe de Artes para o ensino das Artes e do Design dentro do STEAM.

Serão apresentadas questões que envolveram desde a formação de equipes multidisciplinares para pensar e discutir os conteúdos, práticas e estratégias, até questões estruturais de adaptação do ambiente para torná-lo mais adequado para as aulas, assim como a elaboração de material didático.

Pretende-se com isso, apresentar um panorama do STEAM, implantado em uma escola privada, desde sua concepção até uma revisão acerca das

¹ paula.moraes@colband.com.br

transformações que o curso passou de 2014 até o presente momento. Também serão trazidas outras experiências de dentro e de fora do Brasil, incluindo escolas e até empresas que já começam a investir recursos na formação de professores para trabalhar com esta abordagem.

Alguns pontos da discussão podem ser debatidos como questões abertas a um diálogo reflexivo como, quais as vantagens de nos apropriarmos de uma abordagem proposta inicialmente para os Estados Unidos, como aproveitar as dinâmicas de STEAM para contribuir com uma educação decolonial?

Palavras-chave: STEAM, Arte Educação, Abordagem Triangular, Ensino Médio.

EIXO 2

**FORMAÇÃO E PRÁTICAS
EM TERRITÓRIOS
SONHADOS**

A DISCIPLINA DE ARTE COMO DISPOSITIVO FABULATÓRIO NO EJA DO SISTEMA PRISIONAL FEMININO

Nailanita Prette¹

A investigação a ser compartilhada intitulada “A disciplina de Arte como dispositivo fabulatório no EJA do Sistema Prisional Feminino” faz parte de um dos recortes da pesquisa de doutorado “Fabulação como dispositivo para corpos privados de liberdade” que vem sendo desenvolvida na Escola de Comunicações e Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (ECA/PPGAC/USP), orientada pela prof.^a Dra Maria Helena Franco de Araujo Bastos. Iniciei minha carreira docente em 2018 no sistema prisional mineiro, desde então tive a oportunidade de atuar em instituições masculinas e femininas. Meu último cargo como professora docente da disciplina de Arte sucedeu-se na Penitenciária Feminina Estevão Pinto de Belo Horizonte - MG. O intuito é o de relatar investigações que realizei ao decorrer desse período, tencionando relações e questões sobre o papel do EJA dentro do sistema prisional e possíveis disparidades entre uma instituição de privação de liberdade mineira e outra paulista, visto que a pesquisa de doutorado está sendo desenvolvida na cidade de São Paulo. O alicerce pedagógico utilizado nas aulas foi a Abordagem Triangular, com suas três bases: contextualizar, apreciar e fazer, da educadora e pesquisadora brasileira Ana Mae Barbosa. Para análise dos materiais coletados foram utilizadas as metodologias Pesquisa Performativa e a Crítica de Processo, respectivamente uma guiada-pela-prática e outra de razão qualitativa. As referências que deram norte à pesquisa são os estudos comprometidos com o conceito de necropolítica a partir de Achille Mbembe (2018), outro recorte são autoras feminista como Bell Hooks (2017), Lélia Gonazalez e Grada Kilomba (2019), além dos dispositivos de controle sublinhados nos estudos de Michel Foucault (2021). A fabulação está pautada

¹ nailanitaprette@outlook.com

no conceito de ficção visionária da escritora, ativista e educadora Walidah Imarisha (2016). A fabulação é defendida como um dispositivo político de enfrentamento e questionamento ao terceiro maior sistema carcerário do mundo, criando denúncias e críticas visando questionamentos, rupturas e debates as políticas públicas de um sistema que a cada vez mais entra em decadência e também de projeção de questões pessoais e coletivas, ao estabelecer um lugar de escutar e reconhecimento a histórias das participantes vislumbrando uma vida pós-cárcere.

Palavras-chave: Fabulação, Presídio Feminino, Dança Contemporânea, Arte, Corpo, Depoimento-escuta.

A EXPERIÊNCIA DE UM CURRÍCULO DE ARTE EM MOVIMENTO NO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL

Milene Valentir Ugliara¹

Aline Barros de Camargo²

A proposta é narrar o vivido na educação pública municipal de São Caetano na construção do currículo de arte, escrito de forma horizontal e coletiva junto aos artistas docentes do município e lançado em 2020.

Esse currículo configurou-se, além de um documento, como um veículo de encontro, diálogo, ativações no chão da escola e, mais ainda, como espaço de transbordamento das ações que extrapolavam os espaços escolares como as Mostras de Processos Artísticos, que ocupavam os teatros e Pinacoteca públicos com as crianças ocupando os palcos e espaços expositivos; os Saraus junto aos professores da rede, a criação de um fanzine dos professores de arte, o TEARZINE, entre outras ações.

A criação do currículo de arte, nasceu muito antes da vinda da BNCC, pois já havia um currículo elaborado em 2014, porém era visto como insuficiente e bastante enrijecido para o ensino de arte, uma vez que não dava possibilidades de criação para o arte educador. Desta forma, desde 2017, com minha entrada na rede como formadora de arte, passei a abrir uma cartografia junto aos professores e coordenadores da rede para mapear o ensino de arte no município e as necessidades de mudança. Esse mapeamento foi o ponto de partida para o que eu chamo de currículo em movimento, pois foi a partir dessa cartografia que foi criado o Coletivo Tear (Coletivo de professores de Arte da rede) e as ações formativas que alteravam as possibilidades no chão da escola. Foi a movimentação inicial que impulsionou um olhar para um currículo autoral, de escrita coletiva e que significasse a expressão dos desejos desse grupo.

¹ mapaxilografico@gmail.com

² aline.barros@unesp.br

O currículo de Arte, tanto da escola de tempo integral como de tempo parcial, partiu dos desenhos rizomáticos de cada linguagem para configurar um documento que é um tabuleiro de jogo, para ser jogado, dançado e recriado a cada dia pelos artistas docentes junto aos estudantes em seus territórios.

Esse mesmo currículo sofre as alterações repentinas da matriz curricular das escolas de tempo integral no que diz respeito aos componentes artísticos, uma vez que foram reduzidos, dando o poder aos diretores decidirem quais linguagens das artes oferecer, fragilizando a continuidade da oferta aos estudantes, bem como desobrigando a rede a criar novos concursos para professores especialistas de cada linguagem. Além disso, o núcleo de formação de Arte foi destituído, desativando todos os projetos criados e a formação na área para a rede.

Palavras-chave: artistas docentes, currículo em movimento, formação, coletividade.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NO ATELIÊ LABORATÓRIO “ESPAÇOS DA PINTURA”

Dália Rosenthal¹

Érico Silveira Preto de Oliveira²

Leticia Brasil Freitas³

Os estágios do curso de Licenciatura em Artes Visuais da USP, oferecidos de maneira compartilhada com a Faculdade de Educação tem como prioridade a escola pública e; com a inclusão nos anos finais; de experiências de formação para a docência nos Ateliês Laboratórios para o Ensino e Aprendizagem da Arte, organizados dentro do departamento e/ou em parcerias com instituições culturais da cidade.

Estas disciplinas de metodologias foram pensadas em uma progressão de quatro semestres com o amadurecimento gradual dos alunos. Desta forma, em seus últimos estágios são organizados os Ateliês Laboratórios nos quais a formação para a docência é observada de forma complexa, objetivando o desenvolvimento de um saber teórico-prático que exija uma postura investigativa e problematizadora das diferentes realidades de ensino e aprendizagem.

Tomamos aqui como objeto de estudo a disciplina Metodologia do Ensino da Arte IV, desenvolvida no segundo semestre de 2022 em parceria com a Biblioteca Municipal Anne Frank, na qual desenvolvemos o Ateliê Laboratório intitulado “Espaços da Pintura”. Este texto - escrito de forma colaborativa entre a professora responsável, um pesquisador de doutorado e uma aluna de graduação integrante da disciplina – visa compartilhar a partir de diferentes perspectivas esta experiência bem como explorar o espaço do ateliê laboratório historicamente no ensino da arte nacional.

¹ dalia.rose@hotmail.com

² erico_1991@usp.br

³ leticia.brasil.freitas@usp.br

A associação do ateliê ao laboratório remonta aos primeiros estudos do grafismo infantil, que teriam chegado ao Brasil durante a década de 20. No Brasil temos a referência de Mário de Andrade, possuidor de uma vasta documentação de desenhos infantis, proveniente em parte do ateliê infantil de Anita Malfatti. Destacamos o Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil (1948-) e Noêmia Varela (1917-2016), referências fundamentais para o ensino de artes no Brasil, em um contexto no qual o entendimento do ateliê laboratório atua como um espaço para a pesquisa artística e a construção do conhecimento em artes. Ao que aproximamos nosso entendimento do presente projeto direcionado para formação de professores de artes.

É sob este olhar e na perspectiva de uma estudante de graduação, que atuou na concepção e regência do curso “Espaços da Pintura”, que traremos o registro desta experiência através do relato observado como uma metodologia de reflexão e organização do seu processo de formação. Por meio deste, o curso será apresentado em sua sequência de ações desenvolvidas pelo grupo, com o objetivo de investigar o espaço da pintura em suas diferentes potencialidades de ensino e aprendizagem das Artes Visuais.

Palavras-chave: Formação de Professores, Artes Visuais, Ateliê Laboratório, Pintura, Ensino Aprendizagem da Arte.

A GRANDE DAMA: MEDIAÇÃO TEATRAL E AÇÃO CULTURAL EM CAPIVARI

Vivian Ui¹

O trabalho recai sobre a análise da trajetória de mediações artísticas e teatrais na cidade de Capivari (SP) dentro de um espaço educacional formal (escola) e outro não formal (CRAS – Centro de Referência de Assistência Social do Município), utilizando como objeto de mediação o espetáculo teatral A Grande Dama, biografia cênica da mestra popular Anicide de Toledo. A análise pretende observar como esta mediação pode aprofundar ações culturais em busca de uma maior conexão da sociedade civil com sua cultura local. Trazendo o pensamento de Teixeira Coelho (1997), que abarca a importância dos processos dentro do campo de pesquisa da ação cultural. Este projeto também quer evidenciar a necessidade de fazer Anicide ser vista, não apenas sob o aspecto de presença (que se sabe não ser eterna), mas como símbolo identitário, sendo o reflexo do território cultural. Reverenciada fora da cidade, ela ainda passa despercebida sem conseguir atingir sua grandeza dentro de seu próprio território. Problematicando a pesquisa em torno das relações de poder e mando, entendemos que as composições de dona Anicide passam a ser de grande importância dentro do projeto uma vez que estão ali contidas as questões sociais, políticas e culturais sobre o cotidiano local. Pretendemos fazer o recorte sobre a análise da política cultural de Capivari a partir do conceito de políticas de distribuição e reconhecimento de Nancy Fraser (2001). Através de análises empíricas, problematizar a questão das relações culturais-identitárias propondo diálogos com Stuart Hall (2006). Usaremos como metodologia a pesquisa-ação Thiollent (2002) que contempla a análise qualitativa e empírica das relações de resgate cultural no município. Por fim confiamos que essa mediação e ação cultural - dentro das discussões abordadas por Puppo (2000) (2019) e Viganó (2019) -

¹ uiivian@usp.br

possam auxiliar na discussão sobre vínculos culturais, trazendo as narrativas e urgências dessa memória ancestral e o tempo atual de pessoas desse local.

Palavras-chave: Ação Cultural. Teatro. Arte Educação. Mediação Cultural. Mediação Teatral. Anicide de Toledo.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE EM UM ESPAÇO HOSPITALAR

Maria Helena Sponton¹

O ICESP – Instituto do Câncer do Estado de São Paulo tem em sua cultura organizacional de humanização a oferta de programas culturais, educacionais e de saúde para seus colaboradores, permitindo o acesso aos bens culturais, possibilitando contato com elementos da imaginação e sensorialidade, tópicos intimamente ligados aos ser criativo e suas emoções. Com esses pressupostos foi criada a ação Nossos Talentos - Sensibilização Artística oficina de artes que foram ministradas por uma artista plástica voluntária, com aulas semanais no período de trabalho, nas dependências do Espaço de Convivência do Colaborador. Com o amadurecimento dessas atividades, conseguimos realizar trabalhos dignos de serem expostos, valorizando a produção dos colaboradores e disseminando essa boa prática. O intuito dessa ação foi possibilitar o exercício do olhar, ampliando a compreensão do mundo, além de permitir que os participantes entendessem o papel da arte no ambiente hospitalar com vista a resgatar o bem estar físico emocional e cognitivo, possibilitando a melhoria da qualidade de vida.

Por outro lado também atendemos o pacientes por meio de Organizações voluntárias que desenvolvem outras linguagens artísticas, O ambiente hospitalar é marcado pela doença, pelo tratamento oncológico pela emergência, pela precisão das condutas e pela valorização do conhecimento técnico-científico. Neste contexto, a arte também tem um papel integrador, uma vez que favorece a expressão de sentimentos, emoções e resgate de memórias pessoais muitas vezes, esquecidas pelos momentos difíceis e angustiantes que o paciente atravessa.

A proposta lúdica da arte musical, visual e literária minimiza o desconforto e a tensão, além de facilitar a comunicação, a expressão e a interação

¹ maria.sponton@hc.fm.usp.br

entendendo o paciente em suas singularidades estimulando a busca de enfrentamentos saudáveis no cuidar e ser cuidado. O exercício do olhar amplia a compreensão do mundo, além de que gestão entenda o papel da arte no ambiente hospitalar por meio do resgate do bem estar físico, emocional e cognitivo. De ambos os atores paciente e colaboradores.

Palavras-chave:

ARTE E TRANSFORMAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR. UMA EXPERIÊNCIA COM O TEATRO DO OPRIMIDO NA EME PROFESSOR VICENTE BASTOS - SÃO CAETANO DO SU

Aline Barros de Camargo¹

Letícia Leonardi Vianna²

Durante os meses de abril e maio de 2022, à partir de um desejo de melhorar o convívio na escolar, a gestão da escola EME Professor Vicente Bastos, pediu para que nós, professores e professoras pensássemos em atividades para as crianças que tivessem como temática a "Sensibilização e Conscientização" do convívio no espaço escolar.

Partindo do entendimento de que as pessoas que participam do cotidiano escolar são capazes de apontar soluções para os problemas nele vivenciados, nas aulas de Arte (Professora Aline Barros) e Artes Cênicas (Professora Letícia Leonardi) decidimos refletir com as crianças sobre os problemas que enfrentamos no cotidiano escolar e possíveis soluções para eles. Propusemos assim, uma prática chamada Teatro - Imagem. O Teatro - Imagem faz parte do arsenal do Teatro do Oprimido, desenvolvido pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Nele, prescindimos da palavra para criar as imagens acerca da nossa realidade, representando aspectos sabidos e também inconscientes sobre aquilo que queremos dizer e muitas vezes não temos oportunidade ou consciência. Trazer essas imagens para a racionalidade e a reflexão coletiva são maneiras de buscar transformar as nossas vidas. A partir da imagem original de um problema, construída corporalmente e coletivamente, pedimos para os estudantes desenvolverem uma última imagem de solução para a questão apresentada. Depois disso realizamos rodas de conversa para pensar as imagens dos problemas e as soluções apontadas, recriando-as a partir do diálogo. Registramos todo o processo e organizamos os relatos e imagens num

¹ aline.barros@unesp.br

² leticiavianna@scseduca.com.br

pequeno vídeo. Algumas das soluções apresentadas pelas crianças, como dividir o pátio por territórios, já foram colocadas em prática. Outras possíveis soluções carecem de recursos materiais ou uma logística maior e o próximo passo é pensar com as crianças e com a comunidade escolar em formas de viabilizar essas ideias para tornar o espaço escolar ainda melhor. Os estudantes entram na imagem, transformam a imagem, nesse sentido eles carregam na ação o ato transformador. Ao transformarem a imagem, eles também se transformam.

Link do vídeo: <https://youtu.be/oNZ9AstU0yA>

Palavras-chave: Teatro do Oprimido na educação básica, Teatro Imagem, Transformação do cotidiano escolar.

DE SONHOS SOMOS: PERCURSOS DO GRUPO DE TEATRO ESCARAFUNCHAR

César Augusto dos Santos Carvalho¹

Os caminhos da arte e da educação se cruzam desde seus princípios. No teatro, não é diferente. O fazer teatral em países como o Brasil, que pouco valoriza seus artistas, seus educadores e seus fazedores de arte e cultura, exige que para além de suas especificidades, essas áreas se juntem e se unam para que suas ações aconteçam de forma mais eficaz. De forma mais específica, a pesquisa se concentra na produção artística e a criação de espaços de educação não-formal no interior de São Paulo.

Tendo esse panorama como estrutura, o projeto, tem o intuito de investigar e historicizar a trajetória do Grupo de Teatro Escarafunchar, da cidade de Pilar do Sul – SP, que há pouco mais de uma década, vem desenvolvendo sua pesquisa em teatro, na manutenção de atividades artísticas/ culturais/ educacionais em seu espaço sede, e a promoção de um festival de arte na cidade, envolvendo artistas e coletivos. Partindo da provocação da Professora Ingrid Koudela, da área da Pedagogia do Teatro, em desenvolver pesquisas e procedimentos teatrais em espaços não desbravados e compreendendo que esses espaços sejam locais de múltiplas atividades artísticas, culturais e educacionais, com grande potência de mobilização e de produção, aproximo as ações do termo de Ação Cultural, segundo Malu Pupo e Verônica Veloso (PUPO, VELOSO, 2020), onde as iniciativas dos campos da Ação Cultural, prevêem um contato de forma que as produções e criações teatrais se aproximem cada vez mais da população de uma localidade, de forma geral, que é proporcionada por ações decorrentes de políticas públicas“. No caso do trabalho do Grupo de Teatro Escarafunchar, essas ações são realizadas para que o grupo possua um trabalho que sobreviva, numa sociedade interiorana onde a ausência de Políticas

¹ gutocarvalhoteatro@gmail.com

Públicas faz com que sejamos organizados. Desse modo, é genuíno que suas ações e suas reverberações na sociedade sejam colocadas em pauta, que sejam historicizadas para que mais ações como estas sejam incentivadas. Seja por parte do poder público, da iniciativa privada e até mesmo de um agrupamento de pessoas, com formação prévia na área ou não, interessadas em desenvolver algum tipo de atividade artística e cultural.

Palavras-chave: Teatro, Espaço, Pedagogia teatral, Jogo Teatral, Ação Cultural, Teatro e Educação.

DESIGN, EDUCAÇÃO E ARTE: METODOLOGIA PROJETUAL DO DESIGN NO ENSINO DA HISTÓRIA DA ARTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO PAULO, BRASIL

Liliana Regina Ghirardello Dell'Agnese¹

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso com estudantes do ensino médio e com estudantes do ensino técnico nos cursos de Produção Áudio e Vídeo e Multimídia, na Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho em São Paulo, Brasil, desenvolvido no ano letivo de 2019 (entre fevereiro e dezembro do corrente ano). Os trabalhos desenvolvidos com os estudantes foram executados sob a forma de uma pesquisa-ação na qual atuei como professora e observadora participante. Neste estudo de caso as aulas foram ministradas a partir de um projeto pedagógico que coloca a ação projetual, o fazer, o aluno como pesquisador e protagonista do seu conhecimento. A partir dos conteúdos ministrados em História da Arte em confluência com os métodos utilizados pelos designers, reconhece-se a possibilidade e a viabilização de um fazer ativo para uma aprendizagem significativa.

O planejamento no componente de Artes, para o ensino médio, propõe a inserção do uso das ferramentas que o Campo do Design dispõe; as metodologias projetuais, utilizadas transversalmente para o estudo e aprendizado de História da Arte e do Design. As pesquisas são fundamentadas sobre conceitos, as atuações e experiências de Annie Smith (Canadá) e Ana Mae Barbosa (Brasil). O componente curricular de Arte atua com o conhecimento prévio de artistas, obras e períodos da História da Arte; os discentes aprendem sobre o artista e sua época (contextualização histórica), sobre a visualidade da obra e seu significado (apreciação artística) e têm a oportunidade de aprender e aplicar a técnica utilizada (o fazer artístico, o fazer arte), utilizando para criar, a

¹ lilianargda@gmail.com

partir de suas referências e subjetividades, sob o escopo das metodologias projetuais, empregadas pelo Design.

O desenvolvimento do projeto Arte / Design com os estudantes propiciou ações de ensino- aprendizagem com temas transversais de diversas áreas, desde a descoberta das fases projetuais até a criação de um produto, o modo de estabelecer um pensamento construtivo, “como pensa um designer”; a viabilidade de desenvolvimento de um produto (educacional), a partir de áreas distintas; a aquisição de conhecimentos artísticos contextualizados em diferentes épocas e tecnologia correspondente.

LINK: https://drive.google.com/drive/folders/1g7qpdrwhCGi8_bwejF_nrwFjEmm9ZiWL?usp=sharing

Palavras-chave: Arte/Educação, Design, História da Arte, Aprendizagem Significativa.

EXPOSIÇÃO RIOS EM MOVIMENTO

Rodrigo Andrian de Aguiar¹

A exposição "Rios Brasileiros" inicialmente composta por 10 pinturas seguiu a partir de 2016 com o projeto Ciência Móvel da Fundação Oswaldo Cruz, visitando escolas da região sudeste. Depois, em dezembro de 2019, com 13 pinturas, foi inaugurada no Museu da Vida a "Rios em Movimento", cuja tela principal foi criada pelo artista através de uma roda de conversa na fundação, em que participaram representantes de comunidades e ONGs da região do entorno.

Em tempos de crise hídrica, quando se procuram novas alternativas para o abastecimento de água em muitas cidades, a exposição "Rios em Movimento" apresenta em sua imagística um relato estético que aborda muitas curiosidades, características históricas e geográficas, arte e cultura em torno dos rios, mas, sobretudo é uma iniciativa crítica de despertar da consciência para a preservação e recuperação das bacias hidrográficas brasileiras.

Através de uma pesquisa histórica e imagética, da memória e oralidade, o artista representa em suas pinturas a fluidez dos rios de diversas regiões do país. Cada rio representado conta histórias de pessoas que desenvolvem uma relação de pertencimento, tem nele sua subsistência, suas lutas, suas criações e vivências.

O objetivo da exposição é estabelecer uma conexão entre o público e a criação artística, levando-o a refletir sobre as ações destrutivas do homem e a necessidade da preservação dos recursos hídricos, atentando para a questão da despoluição e recuperação dos rios urbanos como alternativa liminar para a continuidade das espécies animais, inclusive do próprio homem.

¹ rodrigoandrian@hotmail.com

A grande rede hidrográfica brasileira destaca-se pela extensão, largura e profundidade de seus rios incomparáveis. A grandeza dos rios se compara à cultura e arte brasileiras, de tantas procedências, de histórias de vida sinuosas, de mil faces miscigenadas.

A poética desta exposição, mostra a vida que segue o seu curso como o leito de um rio, com curvas, corredeiras, ondulações e calmarias, enchentes e secas, águas turvas e também límpidas. Segue com dúvidas e escolhas, como os braços que se abrem para além das margens do rio, até desaparecer no imenso mar sem fim.

Palavras-chave: água, rio, crise hídrica, arte, ciência, tecnologia.

FELICIDADE E RESISTÊNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O CONSTRUCTO CORPOARTE E SUAS REVERBERAÇÕES NO ENSINO DE ARTE NA EJA PAULISTANA

Flávia Teodoro Alves¹

Pretendo tecer reflexões acerca da dissertação *Corpoarte: felicidade e resistência* (ALVES, 2017), estudo teórico-prático sobre constructo corpoarte (ANTUNES, 2010), em que os sujeitos da pesquisa eram estudantes da EJA paulistana, mais precisamente do CIEJA Prof.^a Rose Mary Frasson, onde eu atuava como professora de arte.

Corpoarte é um constructo - uma definição conceitual que orienta a prática. O que diferencia este constructo dos outros que orientam a educação há tanto tempo é que ele procura chamar atenção do sentir, do pensar e agir acadêmicos para o corpo, na formação inicial e continuada de professores, como uma possibilidade de entrelaçar tanto os saberes escolares, do ser e do mundo; tanto quanto as relações humanas entre os sujeitos que aprendem e ensinam. Educação Física e Artes são os protagonistas desta nova perspectiva, como saberes complexos que movimentam os demais saberes escolares e acadêmicos.

Propus uma experimentação do corpoarte em minha prática pedagógica como professora de arte na EJA. A base desta experimentação foi um projeto artístico-pedagógico em parceria com mais duas professoras, realizado em 2016. Os encontros do projeto foram registrados e analisados e os participantes do projeto foram entrevistados no início e no final do projeto. A partir destes dados, refleti não apenas sobre esta vivência, mas sobre meus anos iniciais de formação e prática docente, como também sobre as possibilidades de amplificação desta experiência, que foi bem mais complexa do que o imaginado inicialmente.

¹ maisumaauladearte@gmail.com

Pretendo narrar esta experiência que imbrica a professora, a artista, a escritora, a pesquisadora e a militante em fios tensos e discutir algumas dessas tensões, que me acompanharam durante e também após a pesquisa, já que permaneci na mesma escola como professora até 2021. Entre elas: o que significa viver o constructo corpoarte na prática pedagógica diária, fora do contexto da pesquisa acadêmica? Quais as implicações teóricas, políticas, pedagógicas de se permanecer/trabalhar no mesmo espaço onde realizei um estudo de pesquisa-ação? Como fazer com que o ensino de arte na EJA seja cada vez mais relevante para a formação dos estudantes dessa modalidade – em que perpassam questões ligadas ao mundo do trabalho, inclusão social, conquista de direitos, identidade, autonomia.

O duplo professora/pesquisadora me permitiu pontos de vista privilegiados e incômodos, simultaneamente. Esta experiência demonstra que docentes de arte na EJA na educação básica conscientes de sua posição precisam lutar permanentemente pela existência da arte no currículo. Pesquisar também é uma forma de lutar.

Palavras-chave: EJA, corpoarte, pesquisa-ação, pesquisa participante, militância, corpo.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA DE SURDOS: UM CURSO INTRODUTÓRIO

Fabio Junior Pinheiro da Silva¹

Juliana Bussolotti²

Não se pode dizer que professores de música, em formação inicial ou continuada/em serviço, não terão um ou mais alunos surdos. Considerando a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – PEI (BRASIL, 2008), bem como os dados do INEP (2020), com 23.139 novas matrículas em salas de aula regulares comuns, esse parece ser um cenário possível. Currículos de licenciaturas em música não abordam especificamente esse contexto. Tampouco em propostas formativas de âmbito contínuo. No Brasil, pesquisas têm discutido a temática desde pelo menos 2009, com a tese de doutorado (FINCK, 2009), abrindo espaços para, ainda que em pouco número, diversos estudos que vêm sendo desenvolvidos. Nesse sentido, observando lacunas dentro da formação docente de música para a atuação com discentes surdos, em âmbito de mestrado, é que a pesquisa, intitulada “Preparando Professores para o Ensino de Música voltado para Estudantes Surdos: um curso sobre os desafios, dificuldades e possibilidades de atuação” (SILVA, 2023), foi realizada no Mestrado Profissional em Educação da UNITAU. Seu objetivo foi compreender como um curso introdutório de formação, com vistas à preparação de professores de música para atuarem com alunos surdos, que vise discutir/refletir acerca dos desafios e das dificuldades formativas e apresentar algumas possibilidades, a partir da perspectiva da educação inclusiva, podem ampliar as concepções docentes sobre o que é/seja a música para além das sonoro-perceptivas. Para cumpri-lo, especificamente se identificou concepções docentes sobre o que é/seja a música, bem como se discutiu essas concepções à luz de estéticas referencialista, absolutista de

¹ fjunior42@hotmail.com

² julianabussolotti@msn.com

vertente expressionista e absolutista de vertente formalista (CAZNOK, 2008) e se aplicou um curso voltado para a formação de professores para atuarem com alunos surdos. Esse curso originou-se de 07 encontros de pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), com aproximações com a pesquisa-formação, sendo as informações emergentes analisadas com base na análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). Realizados de maneira remota, foram editados os vídeos de registros dos encontros e organizados enquanto um curso de formação, de caráter introdutório, dispostos seus hiperlinks de acesso em um e-book, que pode ser conferido no link <https://drive.google.com/file/d/1jbrm9dgbEaByfMR9H5cQeQGE89qwwkTd/view?usp=sharing> ou no site <https://fab26ator.wixsite.com/f-bio-pinheiro>. Estruturado em três partes, na primeira são abordados aspectos acerca da surdez, bem como quem são os músicos surdos e as aproximações entre música e surdez. Na segunda, um sinalário em Libras é apresentado e, na terceira, apresenta-se práticas pedagógicas, compreendo a surdez como uma diferença e que surdo não é um sujeito amusical.

Palavras-chave: Formação de Professores, Educação Musical Inclusiva de Surdos, Perspectiva da Educação Inclusiva, Música e Surdez, Mestrado Profissional em Educação.

HOJE A AULA É NO MUSEU! A VISTA ESCOLAR NO MUSEU DE ARTE

Juliana Ferreira da Luz¹

Esse resumo parte da minha pesquisa de mestrado em curso pelo programa de pós-graduação em artes da UNESP, com a orientação do Prof. Dr. João Cardoso de Palma Filho. No estudo, investigo as potências e os desafios experimentados por professores de arte, professores regentes e educadores museais no âmbito das relações entre a escola e museu, situadas no contexto das visitas escolares ao museu. A hipótese principal é verificar como a articulação de ideais e a comunicação entre professores, coordenadores e diretores na escola, junto os diversos atores que compõem o dispositivo museal, como curadores, artistas e núcleos educativos, têm força para criar uma experiência de visita que potencialize o ensino e aprendizagem de arte, sendo criativa, crítica, democrática e cidadã. Uma das bases conceituais importantes para a implementação de uma agenda de visitas nos museus foi a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa e sua atuação no educativo do MAC, Museu de arte Contemporânea da USP, de 1987 a 1993, que se tornou referência em arte-educação e serviu de modelo para outras instituições brasileiras. Outros referenciais teóricos partem do conceito de experiência, desenvolvido no livro “Arte como experiência” do filósofo norte-americano John Dewey, que nos ensina que a percepção e a expressão artísticas vividas no viés da experiência, tem o poder de abrir caminhos para a autenticidade e de tornar a visão autônoma. Fazem eco também as propostas pedagógicas libertadoras de Paulo Freire, Lucia Santaella com sua leitura de imagens e Celestin Freinet com suas “aulas-passeio”. Na esteira dos estudos da visita escolar ao museu temos duas experiências museais inspiradoras: 1) O programa “Diálogos e reflexões para educadores”, elaborado pelo Arteducação Produções para o

¹ juliluztres@gmail.com

CCBB, com início em 2003 e que até hoje promove ações de mediações para grupos escolares e formação de qualidade para professores. 2) As ações do NAE (Núcleo de Ação Educativa) da Pinacoteca de São Paulo. A instituição, com o seu PAPEG (Programa de Atendimento ao Público Escolar e em Geral), traz em sua história uma experiência construída por mais de 20 anos, educadores profissionais e uma produção de cursos e materiais de apoio à prática pedagógica do professor constante e consistente. Trocar e dialogar com outros profissionais da área e público do Congresso da OPAE, amplifica e dá luz a esse tema que está presente tanto no chão das salas de aula quanto dos museus e centros culturais do nosso estado.

Palavras-chave: Arte, educação, museu, exposições, escola.

O CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFRJ - ENTRE UMA FORMAÇÃO DOCENTE E O SER ARTÍSTICO: COMO CONCILIAR AS DUAS PRÁTICAS?

Ana Paula Vieira De Sousa ¹

Este projeto objetiva desenvolver e caracterizar a identidade do curso de licenciatura Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e sua relação com a prática profissional, principalmente no ensino de artes na educação básica de forma a contribuir com o desenvolvimento integral das discentes. De acordo com Marques (1999): “O artista-docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos explicitamente educacionais.” (MARQUES, 1999, p.112). Além de compreender as possibilidades de conciliar a docência e o fazer artístico, busca-se conhecer o ambiente educacional de atuação desses profissionais e sua influência no ensino-aprendizagem. Para isso, os caminhos metodológicos terão por base entrevistas realizadas a docentes formados/as pela instituição e discentes que estejam cursando o estágio obrigatório supervisionado na instituição, no qual tiveram como suporte a formação recebida no componente curricular disciplinas pedagógicas, oferecidas pela Faculdade de Educação. Os futuros resultados da pesquisa poderão fornecer dados para refletir uma conciliação entre as duas abordagens. Conclui-se, inicialmente, que o estudo sobre os docentes que atuam na escola também são artistas, tornando a arte sempre presente e possibilitando a multiplicação e a recriação da cultura, não para generalizá-la como produto, mas para criar oportunidades para que ela seja experimentada e reformulada. Para docente-artistas é uma oportunidade de abordarem questões inerentemente campo das artes. A aproximação entre

¹ paulagemeasousa@hotmail.com

artistas, docentes e escola geram caminhos de confluências, seja pela própria atuação do docente também como artista, seja pela interlocução entre escola e espaços expositivos, concebendo a possibilidade de se desenvolver criações artísticas de qualidade. Um espaço relacionado à contribuir com a formação dos indivíduos (crianças, jovens e adultos) no sentido do seu desenvolvimento onde a prática artística, aliada à produção, apreciação e contextualização, se torna também um processo educativo. Desta forma, a prática profissional também estará relacionada às diferentes identidades e perfis do/a docente-artista.

Palavras-chave: Formação de Professores, Ensino Superior, Ensino de Artes, Ensino das Artes Visuais.

PROJETOS ARTÍSTICO-POLÍTICO-PEDAGÓGICOS NA ATUAÇÃO DO TEATRO DE GRUPO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Caio Sérgio de Castro Armada Floret Franzolin¹

Esta comunicação tem por objetivo olhar os processos artístico-pedagógicos que integram a ação do teatro de grupo da cidade de São Paulo, dessa forma configura-se como uma profusão de experiências significativas como práxis inscrita na megalópole paulistana e que ao longo de mais de seis décadas atuando nos mais diversos territórios da cidade pôde por meio das centenas de coletivos exercitar, para além das pesquisas de linguagem, também múltiplas ações arte-educativas. Nesse sentido, é fundamental um olhar ampliado para a compreensão da intencionalidade impressa pelos coletivos em sua ação cultural. A partir das áreas da pedagogia das artes cênicas que não apenas circunscritas nas práticas educativas do ensino formal podemos encontrar amparo para uma compreensão do amplo leque de ações que os coletivos praticam. Estes núcleos artísticos que buscam praticar a autogestão e a autonomia dos sujeitos, sem abandonar as pluralidades e singularidades, criam possibilidades de articulação em redes diversas a partir do encontro com as peculiaridades de seus contextos locais e temporais (FISCHER, 2010), gerando processos formativos que nutrem e instrumentalizam as pessoas que integram o próprio coletivo. Em seu gesto de relação com as pessoas que não estão inseridas diretamente nos grupos criam experiências de formação a partir da interação, diálogo e colaboração. A partir de experiências de recepção teatral, oficinas, debates, treinamentos, estudos teóricos compartilhados, eventos e ações artísticas os grupos dão contornos ao que podemos identificar como projetos artísticos-políticos-pedagógicos (LIMA, 2014). O presente resumo revisita uma parte da reflexão contida na dissertação desenvolvida pelo autor no mestrado e tem como interlocuções teóricas pensadoras e pensadores que

¹ caio.franzolin@unesp.br

abordam como temas a pedagogia do teatro, o sujeito histórico teatro de grupo, o espaço urbano, o território e a ação cultural. Neste sentido fazem parte do estudo referências como Carminda Mendes André, Francisco Xavier de Lima, Stela Fischer, Silvana Garcia, Ingrid Koudela, Paulo Freire e Teixeira Coelho.

Palavras-chave: teatro de grupo; arte-educação; ação cultural.

VIA DUTO – VIA MAC (1988)

Adriana D'Agostino¹

O presente resumo apresenta um recorte temporal em que a educadora Ana Mae Barbosa (Rio de Janeiro, 1936) foi gestora do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/USP), de 1987 a 1993, período em que desenvolveu a Abordagem Triangular, juntamente com a equipe do educativo. Ana Mae buscou transformar o museu em um espaço democrático para receber todos os públicos, ampliando o canal de comunicação estética com a população. As exposições apresentadas marcaram a história da gestão de Ana Mae por trazerem mudanças significativas e marcantes, influenciando o educativo da instituição, bem como de outros museus, até o presente.

Em 1988, os artistas Cildo Oliveira (Pernambuco, 1949), Lucia Py (Rio de Janeiro, 1943), Lúcia Porto (São Paulo, 1947) e Newman Schutze (Adamantina, SP, 1960) realizaram uma exposição chamada Há tempos imemoriais: Via Duto – Via MAC (trocadilho com a palavra viaduto). Com o objetivo de desritualizar a entrada do museu, os artistas foram até o viaduto do Chá, em São Paulo, com metade de suas obras expostas, para que as pessoas pudessem levá-las para si, com o propósito de buscar a outra metade no Museu à noite. Os artistas levaram suas obras e se espantaram quando encontraram a imprensa no local, assim como a Polícia, que queria impedir que os artistas colocassem suas obras na calçada. Após muita negociação, foi decidido que os artistas deixassem as obras dentro de sacos e as entregassem a cada transeunte. No museu à noite, apareceram visitantes raros como office boys, empregadas domésticas, bancários, entre outros. Muitas dessas pessoas nunca haviam entrado em um espaço destinado à arte. Esses novos visitantes retornaram ao Museu mais vezes, pois sentiram-se atraídos pela arte e pela proposta que contemplava todo o ideal que Ana Mae Barbosa sempre buscou.

¹ dridagostino@gmail.com

(...) Outra coisa pensada também foi no objeto-arte deslocado de seu espaço estabelecido para ele, no caso museu, galeria... e o que aconteceria com esse objeto na hora em que ele fosse para um não lugar, um lugar de passagem, um lugar de massa, o lugar de um público que não estava ali para recebê-lo nem para vê-lo. Queríamos ver esse acontecimento. Essa foi a proposta então, o mesmo objeto colocado parte na rua, e parte dele no museu, que tipo de interação ele provocava. (Depoimento de Lucia Py, em janeiro de 2018).

Palavras-chave: Ana Mae Barbosa, arte educação, MAC/USP.

EIXO 3

AUTORES E FORMAÇÃO
EM ESPAÇOS E LUGARES

A PESQUISA “PROCESSOS CRIATIVOS EM MÚSICA DE ARTE- EDUCADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA”

Roberto Altoé Vantil¹

Fernanda Barbosa Firigato²

Juliana Bussolotti³

A pesquisa “Processos criativos em música de arte-educadores da educação básica” tem por objetivo analisar como os arte educadores desenvolvem seus processos criativos na linguagem de música na educação básica. A pesquisa é parte do debate do Grupo de estudo Arte-Educação e Criação da UNITAU – Mestrado Profissional em Educação. Analisa como os processos de criação estão envolvidos no planejamento dos arte educadores e de que maneira são levados para a sala de aula, uma vez que o processo de criação é objeto de conhecimento da arte e está normatizado pela BNCC. Além disso, ressalta a importância desta dimensão do conhecimento uma vez que, por meio dela, lidam-se com as tomadas de decisões, desafios, inquietações e com a investigação crítica, transforma ideias em uma determinada materialidade possível. Para o processo metodológico é de pesquisa qualitativa, utilizando a Artografia e a Pesquisa Baseada em Arte como fundamento teórico da pesquisa. Os participantes foram contatados por meio Secretaria Municipal de um determinado município litorâneo do estado do Espírito Santo. Enviaram-se questionários para os arte educadores associados e realizado o convite para participar de Grupos de Discussão com finalidade de realizar uma provocação artística musical e analisar os processos de criação realizados pelos participantes a partir da experiência vivenciada no grupo. Nesta fase da pesquisa os questionários já foram respondidos e como análise inicial observa-se que 85% das respostas são do público feminino. Mais de 57% do público é da faixa etária

¹ roberto-vantil@hotmail.com

² fbfirigato@gmail.com

³ julianabussolotti@msn.com

de 40 a 49 anos e 42,9% deles são formados em música e 71,4% deles trabalham com a linguagem musical no ensino de arte na educação básica. A partir da disponibilidade dos professores será realizada a "Imersão no processo de criação para investigar poemas musicalizados" um e-book que posteriormente será o produto técnico desta pesquisa. Este estudo fortalece as pesquisas na área de arte educação sobretudo com a temática em processo de criação e contribui para a ampliação dos dados científicos e é uma oportunidade de valorização da área que constantemente sofre abafamentos, mas que vem de encontro com as necessidades fundamentais para despertar o pensamento e reflexões críticas do ser humano.

Palavras-chave: Processo de criação, Arte educadores, Artografia, Pesquisa Baseada em Arte, Música.

A VIVÊNCIA NO QUINTAL GUARDADO. UMA PROPOSTA DE PROCESSO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO INSPIRADA NAS PRÁTICAS DE TEATRO EDUCAÇÃO DE JOANA LOPES E ILO KRUGLI.

Francisco Souza Da Silva¹

O presente trabalho é resultado de reflexões enquanto professor de Arte sobre a experiência da prática teatral com crianças de 08 a 10 anos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental em uma Unidade de Ensino do município de Cubatão/SP. Nos processos de ensino desenvolvidos buscou-se compreender como as narrativas das crianças, vivenciadas primeiramente pela brincadeira livre e criativa, interseccionada pela dinâmica do jogo de improvisação possibilitam o aprendizado prático das artes cênicas e também oportunizam um espaço de fala das crianças sobre seus cotidianos. Inspirado pelas práticas de Teatro Educação de Joana Lopes e Ilo Krugli, este professor-artista junto as crianças ingressam no quintal como um espaço receptivo e aberto em que encontramos possibilidades para criações poéticas. Nas brincadeiras dramatizadas as crianças se arriscam em tentativas de reconhecer os acontecimentos, e talvez encontrar um caminho para refletir sobre esses acontecimentos da vida cotidiana. Uma estratégia artística investigativa que envolveu diferentes espacialidades e materialidades, nos levando a experienciar sonoridades, corporalidades, visualidades em ações que propiciaram alargar a experiência de vida, desenvolvendo formas de perceber o espaço, o tempo, os outros, além da sensibilidade, inteligência, capacidade criadora. No entendimento de Joana Lopes um processo que permite reviver essa capacidade criadora não-desenvolvida ou suspensa ao longo da vida, devido as intemperes da vida movida pela lógica neoliberal, essas capacidades podem estagnar após a infância (ou ainda nela), e o jogo seria uma forma de reencontrar essa capacidade criadora e a cultivar de forma contínua e continuada. Nesse quintal

¹ fssilva@usp.br

(KRUGLI) nos encontramos em metamorfose (LOPES, 2017), e constituímos como um espaço potencial (WINNICOTT apud MACHADO, 2010) que estrutura a experiência da criação cênica, como o lugar da ilusão, das trocas, da maior capacidade de imaginar, ou seja, do desenvolvimento das habilidades de criar, perceber, inventar e reinventar a vida social, e assim as crianças constroem narrativas coerentes com seus desejos e percepções em relação ao mundo. Ao buscar respostas para os desafios encontrados nas improvisações, as crianças desencadeiam um processo em que ultrapassam a si mesmas, elaborando personalidades que independem de uma idealização perfeita. Isto porque estão alicerçadas em uma circunstância passageira de vida, no qual as personagens vividas são seres concebidos para atuar nessa realidade criada.

Palavras-chave: Prática de ensino em Artes Cênicas, Teatro-educação, Jogos de improvisação, Autonomia em crianças.

ARTE E FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM PEDAGOGIA: A VIVÊNCIA DA PROPOSIÇÃO “CAMINHANDO COM LYGIA CLARK”

Michael Santos Silva¹

Juliana Bussolotti²

Raquel Balduino da Silva³

Ana Paula Souza Vaz Boechat de Azevedo⁴

Este resumo apresenta o relato de uma proposição artística realizada com licenciandos em pedagogia cursando o primeiro semestre de graduação, a partir do cardápio de proposições sistematizado pela pesquisa internacional intitulada: “Formação docente em e com artes/culturas”, coordenado pelos grupos de pesquisa: “Arte na Pedagogia” (GPAP) e “Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas” (GPeMC) ambos inscritos no Diretório de Pesquisa no CNPq e com a liderança de Mirian Celeste Martins e vice-lideranças de Jéssica Makino e Estela Maria de Oliveira Bonci. A partir do cardápio de proposições, o grupo de estudo “Arte Educação e Criação” (GEAEC) vinculado ao grupo de pesquisa da “Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias” da Universidade de Taubaté (UNITAU) e integrante da pesquisa: “Formação docente em e com artes/culturas”, em um primeiro momento concebeu selecionar a proposição: “Arte/Corpo/Cidade”, todavia devido ao contexto de ataques às instituições escolares ocorrido no mês de abril de 2023 e a frequência da turma no período noturno, a proposição denominada: “Caminhando com Lygia Clark” foi elencada e desenvolvida em 12 de abril 2023 com a turma do Curso de Pedagogia, da modalidade presencial com 15 licenciandas e 1 licenciando, totalizando 16 participantes de uma turma com 32 matriculados na disciplina: “Conteúdos e Metodologia do Ensino de Arte”. Na

¹ michaelsjc.silva5@gmail.com

² julianabussolotti@msn.com

³ raquelbalduinosilva@gmail.com

⁴ anavazboechat@gmail.com

ocasião, a professora titular da disciplina cedeu a sua aula para o desenvolvimento da proposição, em que foi realizado o convite para participação da proposta junto aos licenciados, em seguida os materiais como: folhas sulfites, canetinhas, lápis de cor, tesoura e cola foram distribuídos aos licenciandos para a vivência de construção da fita de moebius e a experiência de caminhar com a tesoura pela fita. Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa com os licenciandos, em que eles relataram como foi vivenciar o processo da proposição, assim como expressaram as suas percepções acerca da proposta poética. Durante o processo de vivência da proposição foram realizados pelos pesquisadores registros visuais a partir de fotos e vídeos com autorização do uso de imagens dos participantes. Em suma, com base nos relatos dos licenciandos, observou-se que a vivência de práticas artísticas pedagógicas oportuniza espaço para o saber sensível, num diálogo plural sobre a vida humana diante de uma mediação cultural aberta à realidade dos participantes.

Palavras-chave: Arte na pedagogia. Lygia Clark. Formação docente.

ARTISTA-PROFESSOR-ARTISTA: UM SONHO HETEROTÓPICO

Filipe Vinícius Lea Plaza¹

Eliane Patrícia Grandini Serrano²

Esta proposta se apoia em reflexões sobre alguns campos do ensino de Arte. Parte de questionamentos como: Qual é o espaço oferecido na escola para as artes? Onde termina a sala de aula e começa o ateliê? Como podemos transformar a sala de aula para que seja mais fácil o acesso à criação? É possível ser artista e professor ao mesmo tempo? Sendo professor, o artista e sua poética se modificam? Debruçando-se principalmente em John Dewey (2010) e Ana Mae Barbosa (2008), percebemos como a prática docente tem sido um meio de garantir a sobrevivência financeira, material e até expressiva de jovens artistas que o mercado formal de arte não consegue abranger. Se por um lado as galerias de arte se mostram inacessíveis e difíceis de adentrar, as escolas se mostram um local que precisa de pessoas capacitadas e aptas para ensinar arte. As relações entre arte-educação e o fazer artístico, evidenciam que por muito tempo artistas e professores ficaram separados, entretanto as novas concepções do ensino de Arte mostram o quanto a produção artística do professor reverbera em suas aulas, e quanto as suas experiências em sala de aula refletem e ampliam o seu fazer artístico. Neste sentido, também podemos perceber que a questão do espaço escolar é atravessada pela heterotopia, de acordo com Foucault (2013). Propomos ainda a apresentação de algumas professoras artistas que mesmo estando inseridas no sistema de Arte, optaram concomitantemente pela docência como forma de expandir os seus territórios, buscando nos estudantes e no espaço escolar a criação. Todas estas reflexões possuem como pano de fundo o entendimento de que, afastar o professor do artista é uma forma de manutenção de um sistema econômico que cerceia a liberdade e a formação crítica e humanizada, e pode reforçar a passividade

¹ filipeplaza@gmail.com

² patricia.grandini@unesp.br

estudantil e ainda consolidar que a experiência não vale mais do que o automatismo e a reprodução técnica do conhecimento.

Palavras-chave: professor artista, arte educação, experiencia estética.

AUTODOCUMENTÁRIO: ENSINO DO DOCUMENTÁRIO PARA UMA INVESTIGAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA NAS ESCOLAS

Thabata Vecchio¹

O presente trabalho tem como objetivo a construção de uma proposta pedagógica a fim de contribuir com a democratização da linguagem do audiovisual nas escolas através do ensino do documentário, além de estimular narrativas pessoais por meio de produções autorais e biográficas dos estudantes. Buscou-se compreender a investigação autobiográfica como desenvolvimento de consciência crítica de existência, fomentando a percepção da própria história como documento importante para o conhecimento da história do mundo. Mediante a análise do termo “Autobiogeografia” de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2017), foi desenvolvido um material chamado “manual de autodocumentação” destinado a educadores interessados em abordar o tema no chão da escola. Este manual apresenta propostas de vivências práticas de registros audiovisuais que foram inspiradas na metodologia do Lentes Periféricas, coletivo de audiovisual formado em 2014 por jovens interessados em utilizar a linguagem como ferramenta de arte e crítica social. O coletivo propõe abordar diferentes temas acerca das periferias e de corpos periféricos, comuns às relações de seus próprios integrantes, assim como compreender a prática do cinema como uma das principais formas de aprendizagem e democratização da linguagem. Compreendeu-se como principais referências teóricas Rosalia Duarte (2002) e Adriana Fresquet (2013) para os estudos da relação do cinema com a escola; Bill Nichols (2005) nas especificidades da linguagem do documentário; Cezar Migliorin (2014) no compreender a prática do ensino do documentário e, Paulo Freire (1997) como fundamento dos processos de autonomia dos estudantes, supervalorizando a identidade e, potencializando-os como sujeitos críticos e pertencentes à sociedade ao investigar a sua própria

¹ thabata.vecchio@unesp.br

história. Nesta conversa será abordado práticas de ensino de autodocumentação no contexto escolar, além da apresentação do manual produzido na pesquisa. Autodocumentário ou autodocumentação, são termos utilizados para designar o ato de registrar-se através do audiovisual, nesse caso, produzindo um documentário, na qual a história que está sendo contada é de quem está produzindo o filme.

Palavras-chave: Documentário, Autobiografia, Cinema e Educação, Narrativas Pessoais.

COMO A FOTO SAI DA CÂMERA? DESCOBERTAS SOBRE FOTOGRAFIA NUM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE DOIS A SEIS ANOS

Ana Helena Rizzi Cintra¹

Mauricio Virgulino Silva²

O Projeto de Trabalho “Como a foto sai da câmera?” que teve lugar na Creche Pré-Escola Saúde da Universidade de São Paulo, em 2019, surgiu do questionamento feito por uma das 15 crianças integrantes do grupo multietário da instituição (um grupo de 2 a 6 anos, na época).

O pai dessa criança fotografava momentos importantes da creche/pré-escola com uma câmera digital semiprofissional, e compartilhava suas imagens com a comunidade. Não raras vezes, essas imagens compunham murais temáticos e outros materiais de uso interno, como relatórios e apresentações feitas em reuniões com as famílias.

Em pouco tempo, as conversas em torno da questão envolveram as demais crianças, e uma das professoras da turma iniciou uma pesquisa coletiva sobre as formas pelas quais as imagens “entram” e “saem” das câmeras. Então, propôs uma parceria com um fotógrafo e arte/educador que teve disponibilidade para colaborar presencialmente com o projeto na instituição.

A parceria, além de ter sido efetiva para responder à questão original das crianças, proporcionou diversas vivências experimentais, que incluíram, entre outras: a confecção de câmera escura; gravações em papel fotográfico com a técnica lumen print; vídeos feitos com a técnica stop motion; o “dia da câmera” (um dia em que a câmera da creche/pré-escola ficava nas mãos de uma das crianças); escolhas de imagem para impressão e exposição; visita à exposição

¹ anahelena@usp.br

² mauriciovirgulino@gmail.com

de Claudia Andujar no Instituto Moreira Salles Paulista e à estação de metrô Sumaré, para ver a obra de Alex Flemming.

Para além da exploração das possibilidades da fotografia, sua linguagem, materialidades, técnicas etc., a experiência transbordou num diálogo com demais processos que tinham lugar naquele contexto. Como exemplo, num projeto sobre cobras, as crianças se encantaram pelos diferentes desenhos das peles desses animais e, através da projeção desses desenhos, se fotografaram “vestindo” seus padrões preferidos, se colocando entre a projeção e a parede. Assim, fizeram uso significativo de suas novas aprendizagens em fotografia.

A efetividade da parceria entre professora e arte/educador mostra que a pedagogia de projetos e a abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais podem ser propostas relacionadas por terem ambas, entre outras afinidades, a dimensão da complexidade que envolve a construção/ criação de conhecimento. Se a fotografia deixou de ser uma ferramenta apenas de documentação pedagógica das professoras, para ser uma linguagem a ser apropriada pelas crianças, também cabe propor a experiência direta de Ler, Fazer e Contextualizar.

Palavras-chave: Educação Infantil, Pedagogia de Projetos, Fotografia, grupo multietário, Abordagem Triangular do Ensino das Artes.

DIÁRIO DE UMA PROFESSORA ESTRATEGISTA: A FANTASIA E O RISO COMO ESTRATÉGIAS DE APRENDIZADO EM DESENHO

Elisângela de Freitas Mathias¹

A complexidade em Edgar Morin (2015) pressupõe um pensamento estratégico de ação diante do que é apresentado como programado. Em um movimento construtivo e constante, o sujeito elabora estratégias para lidar com o que está estático em seu campo de saber e propõe ações criativas que fogem deste determinado. Neste sentido, o inesperado é a matéria prima da aprendizagem, ao transformar o acaso em situações de aprendizagem e em ações didáticas. Ao criar estratégias para lidar com o que está programado, o sujeito, ao mesmo tempo que se transforma, ao criar suas estratégias para lidar com o seu meio, as utiliza para refletir sobre ele, transformando-o.

Para Gianni Rodari (1982) a fantasia e a imaginação são o alicerce fundamental para incentivar processos inventivos em todos os campos do conhecimento. A estratégia é a de estimular a fantasia a partir do que o autor chama de binômio fantásticos, que consiste em agrupar palavras que não pertençam ao mesmo campo semântico e que produzam estranhamento ao serem unidas, criando um conjunto fantástico que tem no humor sua base fundamental. Esse modo diferente de ver as coisas do mundo, traz como possibilidade o surgimento de resultados imprevistos nos modos de concebê-lo. Para Rodari (1982) é necessário alimentar a fantasia, seja por meio do estranhamento entre as palavras ou qualquer coisa que esteja em oposição, para a reformulação do mundo que se apresenta aos sujeitos.

A partir de aproximações teóricas ao pensamento complexo de Edgar Morin (2015), no que se refere ao programa e a estratégia, bem como, ao pensamento de Gianni Rodari (1982) que trata da fantasia, do acaso e do humor

¹ belearte@gmail.com

como elementos motrizes para processos criativos, serão relatadas as vivências de uma prática docente em desenho. Para isso, serão justapostos trechos de um diário de professora às ideias dos autores, para vislumbrar campos de intersecção no desenvolvimento da ação docente, cujas estratégias, para lidar com um programa de aprendizagem em desenho, encontram recursos e desvios na fantasia, na imaginação e no riso. Apresentando, desta maneira, algumas possibilidades de reconhecer no processo educativo, um processo aberto, receptivo aos encontros, experiências e surgimento de novos olhares sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Palavras-chave: Edgar Morin, Gianni Rodari, Ensino das Artes Visuais, Desenho.

GLAUCIA AMARAL: ENTREMEAR CULTURALISTA EM MODA E ARTE

Beatriz Ribeiro Correa¹

O presente texto visa resgatar um recorte da produção de Glaucia Amaral, que atuou como artista têxtil e curadora. Seu trabalho multidisciplinar uniu arte, moda e cultura popular de um modo acessível e criativo. Os saberes artesanais no decorrer da história sempre foram relegados a lugares menores em oposição às artes eruditas e eurocentradas em nosso país, colonizado culturalmente sob influência francesa, que toma seus padrões artísticos de empréstimo da Europa e condena o fazer popular a um lugar obscurecido. O trabalho de Glaucia com o wearable art valorizavam o bordado e os fazeres manuais, com temáticas ligadas à nossa fauna e flora.

A produção curatorial de Gláucia Amaral resgata a memória e a história da moda como meios de interpretação de outras culturas e de percepção e assimilação de nossa própria cultura. O vestuário é um elemento importante para expressão da nossa identidade visual e formação da identidade coletiva. Durante sua carreira realizou curadoria de grande número de exposições em diferentes instituições brasileiras e estrangeiras, com notoriedade para a exposição Labirinto da Moda: uma aventura infantil (1996) realizada no Sesc Pompeia e voltada para o público infantil, inovadora em seu projeto de arte/educação, que tinha por objetivo trabalhar ludicamente o olhar apreciativo, crítico e criador, tendo como tema o vestir-se. Outras exposições de destaque são Fantasia Brasileira: O balé do IV Centenário (1998) e Os modos da moda (1992).

Historicamente vemos o apagamento da produção feminina, de artistas e curadoras mulheres; isso vem sendo revertido nos últimos anos graças ao movimento feminista e à pesquisadores dispostos a resgatar o trabalho dessas mulheres. É essencial o resgate de um trabalho tão marcante quanto o de

¹ beatriz.correa@unesp.br

Glaucia, que mesclava arte popular e erudita, o fazer artesanal com o industrial, diferentes extremos em uma visão intercultural, estimulando a percepção da cultura viva de modo a ser fruída por qualquer pessoa, em qualquer idade, promovendo um exercício constante de educação e decolonização do olhar.

Palavras-chave: Glaucia Amaral, arte/educação, curadoria, exposições de arte, moda.

GRAFFITI É PARA GERAL E PRECISAMOS TRABALHAR PARA REVERBERAR ESSA IDEIA NOS NOSSOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO!

Tatiana Gomes Rosa¹

“Descobre e retrata, fora da escola, muitos sujeitos históricos plenos, densos, aguardando um modo de articulação com o letramento que se tenta fazer de dentro dela” (2011, p.17).

O projeto Graffiti é para geral surge da idealização do artista transdisciplinar capixaba Fredone Fone com o propósito de problematizar o imaginário entorno do graffiti/picho a partir do repertório e da história de vida de artistas do estado do Espírito Santo. Realizado entre 2019 e 2022, entre o processo de escrita, submissão, aprovação e publicação, inicialmente, o projeto de publicação consistiu na criação de um “livro de colorir” para crianças e demais interessados/as em conhecer e “praticar” o graffiti capixaba dentro e fora da escola. Enquanto colaboradora em projetos artísticos - culturais, professora na rede municipal de ensino público, me vi provocada a buscar compreender os desafios da produção de conhecimento praticado de fora da escola para dentro. Demarcar a busca para democratização do currículo, o diálogo com a comunidade escolar precisa ser um caminho de revisão de epistemes. É fundamental que o diálogo com a comunidade que a escola se insere esteja como premissa na mediação. É fundamental também que seja questionado o “para quem?”, “para que?” se educa e o seu propósito. Em outra perspectiva, a compreensão de que as práticas artísticas e culturais, especialmente, de artistas negros/as brasileiros/as materializam caminhos de articulação de saberes e conhecimentos de modo interdependente e, que se propõem a ressaltar a importância da comunidade, da coletividade, do território é uma predominância. Como suas obras traduzem e reelaboraram a realidade de seus tempos? E o

¹ tatsirosa@gmail.com

como essas obras materializaram repertórios e experiências de vida? Com o aporte de SOUZA (2011), WOODSON (2021), MOREIRA e de CANDAU (2008) a problematização para o entendimento do Movimento Hip-hop como exercício da coletividade, é uma estratégia aqui para que se faça pensar uma prática de educação democrática nas instituições de ensino. Uma reflexão necessária para mediações que se proponham a transformar a escola em um espaço de encontro mais representativo e com isso contribuir para a constituição de cidadãos e cidadãos conscientes de sua história e cultura a partir de seu território.

Palavras-chave: Graffiti, Ensino da Arte, Educação escolar, Relações raciais.

Referências

Fone, Fredone. **Rap: a força da fala**. Serra: Brio, 2018.

Souza, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança**: Hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Woodson, Carter Godwin. **A des-educação do negro**. São Paulo: Peguim-Companhia das Letras, 2021.

Moreira, Antônio Flávio Barbosa; Candau, Vera Maria. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITURA DE IMAGEM NA PERSPECTIVA DA AUTONOMIA DE PESSOAS ADULTAS COM DEFICIÊNCIA

Eliane Aparecida Andreoli¹

Maria Christina de Souza Lima Rizzi²

O trabalho a ser apresentado refere-se aos primeiros registros do projeto em curso realizado na oficina: Autonomia e Empreendedorismo. A oficina é desenvolvida no Programa formativo da Associação de Pais e Amigos da Pessoa com Deficiência – APADE por meio do convênio com a Empresa Metropolitana de Águas e Esgoto – EMAE. É destinada ao atendimento de pessoas adultas com deficiência.

Neste grupo apenas duas moças, concluíram o ensino médio. Os outros estiveram na escola por pouquíssimo tempo, nem mesmo foram alfabetizados. Eles são exemplos de um período no qual a escolaridade era o primeiro direito a ser cerceado. Na ausência de políticas de inclusão que vieram ser promulgadas em décadas posteriores, sofreram sem escolaridade, sem alfabetização. Impedidos de uma possibilidade profissional e uma vida social de maior amplitude.

Para enfrentar a situação, nos anos 90 surgiram projetos sociais que tinham e ainda mantem oficinas de capacitação profissional, percepção artística e convivência social. Tais como: Instituto Brasileiro dos Direitos das Pessoas com Deficiência, Instituto Rodrigo Mendes, Instituto Olga Kos, e a própria APADE, entre tantas outras.

A APADE, ao ser fundada desenhou suas ações em dois âmbitos. Educacional - com a formação, capacitação por intermédio de diferentes oficinas de arte, movimentação corporal, atividades da vida diária, culinária e outras.

¹ licaandreoli@gmail.com

² mcsrizzi@usp.br

Terapêutica – Acesso a profissionais da saúde nas áreas de fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional.

É no espaço educacional que a oficina Autonomia e Empreendedorismo atua. Tem como propósito desenvolver atividades que venham a permitir assimilar posturas, conceitos, reflexões a respeito de si e da condição de ser pessoa com deficiência. O processo é estabelecido tendo como mote as datas comemorativas e o desenvolvimento de produtos artesanais relativos às datas comemorativas: Páscoa, Dia das Mães, Festa junina.

A inclusão social, tem autonomia e a independência como conceitos básicos para que ela seja efetivada. Ambos os conceitos são relativos aos Estudos Culturais. Precisam ser construídos, mediados e estabelecidos em concordância com a comunidade envolvida.

Dentro dessa perspectiva o trabalho desenvolvido na oficina, busca oportunizar a autonomia e a independência dos participantes da Oficina tendo como recurso metodológico a Leitura de Imagem. Entende-se que a Leitura de Imagem permite externar compreensões, elaborar discursos, se apropriar dos mesmos, estabelecer significações.

Assim, intui-se a Leitura de Imagem para validar os olhares, percepções e discursos e tornar-se uma ponte para a autonomia e posteriormente a ações empreendedoras.

Palavras-chave: autonomia, leitura de imagem, pessoa com deficiência.

PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS: PESQUISA BASEADA EM ARTE COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fernanda Barbosa Firigato¹

Juliana Bussolotti²

A pesquisa “Processo de Criação em Artes Visuais: pesquisa baseada em arte com professores da educação básica”, tem por objetivo analisar como os arte educadores desenvolvem seus processos criativos na linguagem de artes visuais na educação básica. A pesquisa é parte do debate do Grupo de estudo Arte-Educação e Criação da UNITAU – Mestrado Profissional em Educação. Analisa como os processos de criação estão envolvidos no planejamento dos arte educadores e de que maneira são levados para a sala de aula, uma vez que o processo de criação é objeto de conhecimento da arte e está normatizado pela BNCC. Além disso, ressalta a importância desta dimensão do conhecimento uma vez que, por meio dela, lidam-se com as tomadas de decisões, desafios, inquietações e com a investigação crítica, transforma ideias em uma determinada materialidade possível. Para o processo metodológico é de pesquisa qualitativa, utilizando a Artografia e a Pesquisa Baseada em Arte como fundamento teórico da pesquisa. Os participantes foram contatados por meio da entidade denominada Organização Paulista de Arte Educação e enviaram-se questionários para os arte educadores associados e realizado o convite para participar de Grupos de Discussão com finalidade de realizar uma provocação artística visual e analisar os processos de criação realizados pelos participantes a partir da experiência vivenciada no grupo. Nesta fase da pesquisa os questionários já foram respondidos e como análise inicial observa-se que 65% das respostas são do público feminino. Mais de 30% do público é da faixa etária de 50 a 54 anos e 45% deles são formados em educação artística com

¹ fbfirigato@gmail.com

² julianabussolotti@msn.com

habilitação em artes visuais e 45% destes professores lecionam nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A partir da disponibilidade dos professores será realizada a "Imersão no processo de criação para investigar o gesto de rasgar com Bárbara Melo/Ateliê BARBARIZÁ" e diante dos processos observados será realizado um portfólio que culminará em um e-book posteriormente que será o produto técnico desta pesquisa. Este estudo fortalece as pesquisas na área de arte educação sobretudo com a temática em processo de criação e contribui para a ampliação dos dados científicos e é uma oportunidade de valorização da área que constantemente sofre abafamentos, mas que vem de encontro com as necessidades fundamentais para despertar o pensamento e reflexões críticas do ser humano.

Palavras-chave: Processo de criação. Arte educadores. Artografia. Pesquisa Baseada em Arte. Artes visuais.

RODA DE SACI – QUE CENA É ESSA? A ARTE DE ENSINAR A TRANSGREDIR. PRÁTICAS DA ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ENGAJADA.

Tatiana Teodoro¹

Me chamo Tatiana Teodoro, tenho 46 anos, sou uma artista educadora, trabalho com crianças do ensino fundamental I da escola pública e acredito que a Arte tenha um papel para a humanidade que vai além das produções, acredito que a Arte tenha um potencial de conectar o indivíduo consigo e com o universo que o circula. Não estou dizendo aqui que a Arte tenha algum poder de cura, porque realmente, não acredito neste fator. O que coloco aqui como proposta de prática em sala de aula é a Arte como um caminho para uma educação que possa transformar o indivíduo a partir de um contexto transgressor.

Este projeto nasce a partir de uma prática na aula de Arte denominada “Roda de Saci” com alunos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal João Larizzatti na cidade de Osasco, São Paulo e do desejo de transformar práticas educacionais em Arte Educação em práticas transgressoras e libertárias amparadas nos pensamentos de Bell Hooks, em seu livro Ensinando a Transgredir e Paulo Freire com a Pedagogia do Oprimido.

Já que a Arte nos permite seguir caminhos criativos, a roda de Saci torna-se um espaço para que os estudantes possam revelar suas travessuras despertando neles um maior interesse pela escola, maior liberdade e uma grande possibilidade de discussões coletivas para formação do senso crítico.

A “Roda de Saci” foi iniciada após a percepção da necessidade de fala e escuta que os alunos do ensino fundamental I demonstravam nas aulas de Arte por encontrarem em outros ambientes uma educação tradicional com características opressoras.

¹ tatianateodoro45@gmail.com

Nestas rodas todos os alunos podem revelar suas travessuras, inspirados no maior símbolo do folclore brasileiro, o Saci. Em contato com este espaço acolhedor, não julgador, os alunos demonstraram maior interesse em participar das aulas, possibilitando o desenvolvimento de habilidades antes ocultas, maior facilidade na comunicação, maior transparência das emoções, formação de senso crítico coletivo, autoconhecimento e percepção do outro.

Os registros destas conversas, tanto fotos, como filmagens, começaram a fazer parte de um rico material para a produção artística que, no âmbito contemporâneo pode ser caracterizado como um material mutante, que se transforma dia a dia, história a história.

Palavras-chave: Saci, Contação de histórias, Arte educação, Teatro na escola, Performance, Folclore, Transgredir.

EIXO 4

**É CONTEMPORÂNEO?
NOVAS LEITURAS E
SONHOS SOBRE O
ENSINO/APRENDIZAGEM
DA ARTE**

“AQUELE CARA QUE FAZIA DESENHOS BUGADOS”: PINTURAS E ANIMAÇÕES DOS SONHOS E DEVANEIOS NA SALA DE AULA

Isac dos Santos Pereira¹

Para Izquierdo, o ato criativo se assemelha a “(...) tropeçar com alguma coisa (...)”, (IZQUIERDO, 2011, p.127). Para Salvador Dali, não foi diferente, mas tão depressa se jogou no mundo do fantástico, tropeçou em algo para materializar sonhos e devaneios dos mais enigmáticos, engraçados e diferentes possíveis. Suas obras, fruto de um saber técnico e da realidade social intrincada ao não real, ao gosto de querer viver aquilo que não existe, manifesta esse anseio por, quiçá, um viver em mundo que não nos pertence. E isso, como respostas para acalento e/ou, um suscitar para também tropeçar em algo, que muitos “denominam ‘loucura’”, “nada mais é do que a arte combinatória levada a novos extremos. O artista faz algo novo, algo que será uma composição de memórias, mas que não é igual à soma de suas partes”, mas o intrincamento entre os prazeres, sabores, sentidos, ações e toda sorte de percepções sensoriais e, por vezes, intangíveis.

Em um estado quase que de demiurgo de suas vontades, cores, formas, pinceladas e todo o tipo de técnicas e materiais com os quais trabalhava, ele compunha suas pinturas que, como disse um aluno meu do 2º ano do Ensino Fundamental I, de maneira “bugada”. Sim!!! Aquele cara que fazia desenhos bugados!

Os desenhos que coletei são frutos de uma aula de Arte feita com a temática do artista e, em outra, ainda dentro da ideia do surrealismo, com a apresentação da obra animada “A Viagem de Chihiro”, de Hayao Miyazaki. Eles são produções desse emaranhado de memórias, aulas e artistas, produzidos, o

¹ isacsantos02@hotmail.com

primeiro, por uma criança do 1º ano do Fundamental I e o segundo, por um estudante do 2º ano, do mesmo segmento.

São os monstros que assustam, as casas que protegem, as árvores que propiciam o ambiente com oxigênio, o alimento... Mas dessa vez, tudo em movimento, em uma profusão de imagéticas que desterritorializam o real para configurar um todo em constante devir. O estudante se mostra na aula como aquele “(...) ser que se irrita com a uniformidade e a massificação cultural ou estética da sociedade que o rodeia. Mistura suas memórias e cria suas obras para se refugiar ou para se afastar de uma realidade com a qual não compactua” (IZQUIERDO, 2011, p.127).

Palavras-chave: Surrealismo, Desenhos, Animações, Criança.

A FALA ATRAVÉS DA ARTE: SONHAR, REFLETIR E VIVER É PRECISO

Ariclaudio Francisco da Silva¹

Em 2021, ano em que se iniciou a vacinação contra o vírus da covid 19 no Brasil, também se tornou obrigatório o retorno dos estudantes para as escolas municipais de São Paulo, mesmo que de maneira escalonada.

O contexto social daquele momento era de muita incerteza, de dor pelas perdas de pessoas queridas e do medo do contágio, pois nem todos e todas haviam tido acesso à vacina, nem mesmo os estudantes.

Aliás, naquela ocasião vivíamos a tragédia do número absurdamente excessivo de vítimas fatais.

A incompetência, a insensatez, o embate, o negacionismo, o escárnio e a pavorosa crise política e financeira tornaram o viver quase que insuportável. A maioria da população parecia estar à deriva num mar de lama e lutar pela própria sobrevivência se fez necessário. Resistir era a palavra de ordem.

O chão da escola era um lugar de resistência apesar das diversas tentativas de coerção e de emudecimento. Falar era difícil, mas necessário. Era preciso falar, refletir, desabafar, chorar, se comover. Se humanizar. Os estudantes tentavam verbalizar sobre suas experiências, mas muitos se calavam diante da brutalidade da vida e de muitas pessoas sem compaixão. Em quem confiar? Por que confiar? Porquê?

Momento propício para a auto estima estar em baixa.

Foi assim que surgiu a proposta de um projeto, com uma sequência didática onde a vivência de um processo de criação pudesse dar “voz” aos estudantes.

¹ ariclaudiof@gmail.com

Para tanto, a arte urbana, mais especificamente o sticker art, foi objeto de estudo. Após a construção de conhecimento básico a respeito, os estudantes foram convidados a participarem de um ensaio fotográfico com característica de autorretrato. Cada qual criou uma pose e teve a sua própria imagem impressa numa folha de sulfite. Após, se apropriaram dessa imagem onde fizeram alterações utilizando lápis de cor, canetas hidrográficas e giz de cera.

Numa possibilidade de “falar” sobre o contexto terrível da pandemia, foi proposto aos estudantes que se apresentassem nos trabalhos artísticos como heróis/heroínas ou vilões/vilãs no combate à doença. Aliás, foi muito interessante como os estudantes relacionaram suas reflexões e apontaram quem consideravam ser naquele momento, os heróis e heroínas, vilões e vilãs da nossa sociedade na vida real. Curiosos, pesquisaram sobre o formato do vírus e criaram personagens divertidas do mesmo.

O sonho, a fala e a reflexão se fizeram presentes onde todos os trabalhos foram recortados e colados numa parede da escola, integrando um significativo painel.

Palavras-chave: Autoestima, pandemia, arte urbana, projeto educacional, processo de criação, reflexão, resistência e vida.

ARTISTA EDUCADORA: UM OFÍCIO DE CRIAR RESPIROS E FRESTAS NA DUREZA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Vanessa De Oliveira Silva¹

O que a arte pode transformar? O que a educação pode mudar? Paulo Freire diz que a educação não transforma, a educação transforma pessoas e pessoas mudam o mundo. Quando falo da minha profissão nessa sociedade capitalista que busca lucro financeiro a todo custo, parece que escolhi duas profissões duvidosas: sou professora e sou artista. As semanas em que aconteceram ataques violentos em diversas escolas me fizeram desacreditar do meu ofício, há sempre uma violência travestida de muitas coisas: moral, pudor, segurança, normalidade, rotina, modernidade, fatalismo, emergência, utilidade... faz-nos acreditar que não somos necessários, que somos futilidade. Isso aos poucos foi nos adoecendo. Mas esse duplo ofício de educar e criar, me coloca em movimento.

Enquanto preparava o projeto para iniciar com os estudantes sobre o ateliê na escola, uma amiga me convidou para participar do projeto “Ivone e Nise: um reencontro”, uma ocupação unindo o universo da música, das artes visuais e da poesia, propondo uma revisita ao trabalho de Nise e Dona Ivone na clínica Engenho de Dentro. A proposta era desenhar em cena como eu fazia com o carvão na obra “O Incrível Homem Pelo Averso”. Nesse projeto, troquei o carvão pelo nanquim e aguada pois acho que a água dialoga bem com o subconsciente e com as emoções. Minha amiga me pediu para ler uma carta, falar um pouco sobre minha participação no dia da abertura da ocupação. Pensei no poema que move meu coração de professora no momento: “Cada um só cresce se for sonhado” de Danilo Dolci.

No dia da abertura eu já estava incerta em ler o poema, não era sobre a Nise, nem sobre Dona Ivone, não era sobre arte, eu não sou atriz. Mas quando

¹ vanessa.o.silva@unesp.br

li percebi que tudo fazia sentido: o poema, estar ali, estar na escola, fazer arte e educar, acreditar, sonhar. Escolhi aquele poema porque desde que li, ele me atravessa, e cada dia faz mais sentido, apesar do absurdo que o nosso mundo nos traz. E todo o desejo de criar, de dialogar, me expressar com a arte, tem a ver com o sonho e necessidade de educar, de descobrir, de entender o que é ser humano. Eu me encantei com o poema primeiro, porque senti que eu fui sonhada por outros educadores. Agora me reencanto porque quero sonhar um mundo para os outros do jeito que para nós agora não é possível.

Palavras-chave: Sonho, poesia, cura, expressão.

EXPANDINDO OLHARES ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Mayara Fiorito¹

Trago neste pequeno resumo um relato de experiência de um projeto de fotografia que se iniciou no ano letivo de 2022 e tem continuidade neste ano de 2023 no contra turno, com estudantes do ensino fundamental II (6 ao 9 ano) através do programa Mais Educação da prefeitura de São Paulo, na escola EMEF Comandante Garcia D'Ávila . É um projeto que tem o enfoque não apenas nas técnicas, mas sim no desenvolvimento do olhar, uma pesquisa coletiva sobre a fotografia como um processo para fins artísticos dando luz e voz aos interesses dos estudantes ao longo do processo. O projeto ocorre ao longo do ano e no primeiro semestre é mais focado na experimentação, técnicas, fundamentos e história da fotografia, já no segundo semestre os estudantes escolhem um tema de pesquisa. No ano de 2022 os estudantes escolheram como tema o racismo, mas no momento de fotografar percebia que o grupo ia em busca da natureza presente na escola. Por isso o desafio foi conciliar os dois interesse do grupo: o meio ambiente e a luta antirracista. Neste caminho, a Rainha da Ciranda Lia de Itamaracá, o fotógrafo Walter Firmo, o artista Arthur Bispo do Rosário, a escritora Djamilia Ribeiro, a artista Rosana Paulino e o conceito de racismo ambiental foram alguns que compôs nosso trajeto, sendo muitas vezes pontos de partida para nossos estudos e de conexão entre os interesses do grupo. Neste vídeo podemos ver um pouco do percurso do ano passado: <https://youtu.be/MrtYCKO6z1E>.

O projeto em seu segundo ano na unidade escolar, tem como objetivos a continuação e aprofundamento do desenvolvimento do olhar artístico, criativo e crítico, nos apropriando e ressignificando primeiramente do espaço escolar. No primeiro semestre a oficina de Criatividade com a artista Mãe Bahia e a oficina de Cianotipia no Instituto Moreira Salles foram importantíssimas para

¹ mayara.faraco@gmail.com

desenvolver o processo de criação dentro de nossas poéticas e de vivenciar processos alternativos fotográficos. No segundo semestre o enfoque será ampliar a nossa conexão com o bairro (Parque Peruche), local onde se originou diversas escolas de samba de São Paulo e também conectar com a história da própria escola e dos estudantes. Para então decidir o que cada um quer falar através da construção de suas imagens e dará continuidade a pesquisa iniciada no ano anterior.

Palavras-chave: fotografia, olhar, processo criativo.

INTERFACES

Drieli Caroline Gaona¹

Tarcila Lima da Costa²

Atualmente estamos presenciando algumas articulações de instituições culturais e museus que buscam estratégias para proporcionar acessibilidade cultural as pessoas com deficiência, não somente no que tange a tecnologia assistiva, prevista em legislação, mas que possam igualmente experienciar e vivenciar Arte. Entretanto, vale ressaltar que a vivência escolar desse público – os que são e os que foram alunos – principalmente em Arte, sofre ainda um apagamento em relação as suas vivências artísticas em sala de aula. Após ter atuado como arte educadora em um projeto educacional voltado para crianças e adolescentes com deficiência, constantemente me indagava a respeito da situação na qual nós, como arte educadores, direcionamos e possibilitamos a Arte, o fazer arte, sua estesia e o experienciar em sala de aula na qual todos pudessem ser agentes criativos e criadores. Após o encerramento das atividades do projeto educacional, me vi retornando à sala regular e minha grande indagação após as experiências vivenciadas foram: como os alunos nas salas regulares, diante de suas diversidades individuais, estão vivenciando/experienciando arte? Sabemos que trabalhar a diversidade em sala de aula é indispensável e encontramos na Arte um terreno fértil de exploração, mas não basta trabalhar a diversidade sem oportunizar a experiência do diverso. É preciso refletir sobre a atuação da arte educação em relação à acessibilidade cultural na sala de aula, bem como suas possibilidades de estesia, experimentação e vivências em Arte. Desde as questões de gestão de tempo, local em que esses alunos vivenciam as aulas de Arte, as barreiras existentes vivenciadas por parte dos arte educadores que por diversas vezes não possuem orientação adequada para propor experiências a todos, bem como a falta de

¹ drieli.gaona@educaita.com.br

² tarlimadacosta@gmail.com

propostas de formação continuada e falta de diálogos entre os pares, dentre outras tantas situações e omissões que enevoam a discussão. Dos contextos distintos museu/sala de aula surge minha inquietação em relação a acessibilidade cultural nas aulas de Arte do ensino básico.

Palavras-chave: acessibilidade, arte, arte educação, escola.

JUVENTUDE, ARTE E INTEGRAÇÃO - PROCESSOS DE AUTOCONHECIMENTO E EXPRESSÃO

Selma Machado Simão¹

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência propõe o compartilhamento de uma ação que foi desenvolvida no Instituto de Artes da Unicamp durante o final do ano de 2022, a qual consistiu no oferecimento de um conjunto de 5 oficinas de artes de diversas linguagens ao público participante da Fundação CASA de Campinas. Estas oficinas foram mediadas por discentes matriculados nos Programas de Graduação e Pós Graduação dos cursos do IA anteriormente referenciados. As atividades tiveram a duração média de uma hora e meia cada uma, e propiciaram o desenvolvimento de ações de artes baseadas na realização de dinâmicas de produção, as quais serviram como meio para a auto-expressão e registro de subjetividades.

A finalidade principal deste projeto é criar espaços para a manifestação da expressão em artes, oferecendo momentos genuínos de entrega e de realização pessoal aos participantes, através de sensibilizações e vivências, nas quais possam criar suas próprias produções e expô-las aos seus pares. Os benefícios diretos, individuais e coletivos absorvidos pelos participantes através das práticas de artes, valendo-se de formas livres e prazerosas, são inegáveis e consistem em uma grande estratégia da pesquisa.

METODOLOGIA

As oficinas foram baseadas na potência da manifestação artística como recurso importante no processo de sensibilização, de expressão da subjetividade e no desenvolvimento da criação em artes. Ressalta-se a importância que foi dada ao desenvolvimento de métodos e estratégias que visassem:

¹ selmams@unicamp.br

1. Motivar os participantes para se expressarem através da Arte, oferecendo espaços e tempos adequados para que possam sentir-se livres para realizar suas criações;

2. Gerenciar positivamente as relações interpessoais dentro de um clima harmonioso e inspirador para todo o grupo, incluindo o envolvimento afetivo positivo dos mediadores;

Cada oficina contou com o público de aproximadamente 35 participantes da faixa etária de 13 a 21 anos, e sendo extremamente heterogêneo, necessitou de uma grande disposição referente às possibilidades a serem oferecidas para atender a diversificação dos vários níveis de sensibilização e aprendizagem. Assim, as atuações dos mediadores foram adaptadas aos diversos interesses.

RESULTADOS

A equipe formada pelos docentes coordenadores do IA, comprovou a conquista dos impactos positivos e ganhos relacionados ao aumento da autoestima e à realização pessoal para o público da Fundação CASA, por meio da criação de ambientes e ações favoráveis à expressão da subjetividade, e na comunicação de sentimentos;

Palavras-chave: Juventude, Arte e Integração - Processos de autoconhecimento e expressão.

O ENSINO DE ARTES COMO TERRITÓRIO DE POSSIBILIDADES: ESTRATÉGIAS INSURGENTES VOLTADAS À DIMENSÃO DO AFETO E AO PENSAMENTO DECOLONIAL

Amanda Mattos Neves¹

Esta pesquisa é um exercício relacional entre a dimensão sensível/afetiva e o pensamento decolonial voltado ao desenvolvimento de estudos e práticas para o ensino de artes no contexto básico e público, sob olhares de uma a/r/tógrafa em formação. Através da investigação do contraste entre relações de dominação colonial, camufladas na premissa de uma educação universal e humanista, com a essência político-poética que cada vez conquista mais espaço na cena artística contemporânea, procurou-se entender o caráter contraditório que desafia a arte/educação nas escolas brasileiras. Assim, em um momento de reescrita de narrativas, o território escolar torna-se fértil para a experimentação de estratégias pedagógicas insurgentes, as quais visam subvertê-lo de dentro para fora.

Contemplado como projeto de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o estudo foi guiado por uma abordagem hermenêutica e de caráter qualitativo, com levantamento bibliográfico por instrumentos metodológicos relacionados à pesquisa empírica do tipo “participante”. Dessa maneira, em um primeiro momento, visou-se o aprofundamento nas questões relativas à escola sob uma perspectiva decolonial e aplicada ao ensino de Artes, primariamente partindo dos escritos de Walter Mignolo, Ivone Richter, bell hooks e Gloria Anzaldua. A intersecção da teoria decolonial com a valorização do sensível se dá com o desenvolvimento do pensamento do a/r/tógrafo, ou seja, do entrelace entre as dimensões de artista, professor e pesquisador.

¹ amtt.neves@gmail.com

Na medida em que a lógica colonial é de cunho essencialmente racionalista, voltar nossos olhos para as esferas da subjetividade é um ato disruptivo. Nesse sentido, é possível, também, entender a criação artística como ferramenta de acesso ao âmbito pessoal, cultural e político. Portanto, o segundo momento da pesquisa se deu com a realização de uma intervenção pedagógica com alunos do 5º ano de uma escola municipal de Campinas-SP, a partir da obra de Maxwell Alexandre, que carrega consigo inquietações acerca de identidade e de seus atravessamentos pela comunidade a que pertencemos. Dessa forma, buscou-se movimentar os conceitos pesquisados a partir da experimentação pedagógica, na busca por desobediências epistêmicas (e poéticas) no contexto de fronteiras e mestiçagens em que vivemos.

Palavras-chave: ensino de artes; decolonialidade; pedagogia engajada; a/r/tografia.

O JOGO DAS LINGUAGENS E DOS MEIOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS

Pio de Sousa Santana¹

O artigo apresentará para a comunidade acadêmica, um brinquedo educativo de título: O JOGO DAS LINGUAGENS E DOS MEIOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS, que é um jogo de dados composto de 10 peças construídas de papel. Focado nos elementos da arte contemporânea, ele é um objeto propositor e mediador de situações de aprendizagem em arte, propício para os diferentes níveis da educação básica e superior. Suas jogadas permitem ao estudante de artes visuais, pesquisar, produzir e descobrir seu protagonismo criativo, se envolver de modo qualitativo com vários conceitos; meios; suportes; materialidades e a hibridação entre as linguagens artísticas e temas presentes no universo da arte e da arte/educação no momento atual. O referido jogo é um desdobramento atualizado da dissertação de mestrado do autor, cujo título foi “Território contemporâneo em jogo: uma proposta lúdica para o ensino da arte”, defendida em 2009, no Instituto de Artes da UNESP. Durante o mestrado, o jogo foi experienciado na prática, em salas de aula do Ensino Básico (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos) e em salas de aula da Educação superior em curso de graduação em artes visuais e em especialização também em artes visuais, nas quais o autor lecionava. Os resultados foram muito significativos pois, o jogo favorece de forma alfabetizadora uma mediação e imersão no universo da arte contemporânea. As referências nas quais o jogo está fundamentado, envolve documentos oficiais e autores tais como: ARCHER (2001); BARBOSA (1991; 1984; 1998; 2002; 2004; 2005; 2008; 2009); BROUGÉRE (1998; 2005); COSTA (2004); COUTINHO (2004); DERDYK (1989); DEWEY (1974); FARIAS (2002); FREIRE (2004; 2005); FRANZ (2008); HERNÁNDEZ (2007); HUIZINGA (2001); IRWIN (2008);

¹ piosantana1@gmail.com

KISHIMOTO (1998); LARROSA (2004); LOWENFELD (1977); MARTINS (1998); PIMENTEL (2006); RICHTER (2008); RIZZI (2008); ROSSI (2003); THISTLEWOOD (2005); VYGOTSKY (2007), entre outros.

Palavras-chave: Arte/educação. Arte contemporânea. Jogo educativo. Linguagens artísticas. Mediação.

OS CÉUS DO ARTISTA EDUCADOR

Eliane Patrícia Grandini Serrano¹

O artista Jeff Barbato nos apresenta um exemplo de arte educativa. Com a série CÉU DA BOCA, 2015-23, cria uma instalação composta por monotípias em papel, impressas com ferrugem, que resgatam memórias e de certa forma, poetizam as suas próprias marcas. Como pessoa que nasceu com fissura labiopalatina, Barbato possui cicatrizes em seu céu da boca, a partir dessa condição criou formas, desenhos que remetem às essas linhas impressas em seu corpo, que se materializa nestas potentes obras.

O artista enfrenta e convive com suas fissuras físicas e emocionais, que reverberam nas monotípias da série, cujas matrizes são peças metálicas enferrujadas, as mergulha em uma matéria ácida como vinagre, limão e sal. Como ele mesmo sugere é um trabalho duracional que se faz em camadas a partir da oxidação, umidade e ácidos adicionados ao longo do processo. A forma de expor as obras também fogem do convencional, são apresentadas em estruturas artesanais de madeira e vidro, presas na parede por sua lateral, assim permitindo a visibilidade de ambos os lados do papel, estruturado pelas lâminas de vidro e chassi de madeira em "C".

Cada obra se destaca perpendicularmente à parede e ganham um movimento inusitado. A partir destas leituras podemos nos perguntar: quais são as fissuras da escola? É possível poetizá-las ao longo do tempo? Quando o artista se torna educador? Quais são os céus da escola? John Dewey (2010) afirma que a Arte e a Vida precisam andar lado a lado e que uma educação pela Arte só se faz quando esse relacionamento estreito acontece. Assim a partir destas questões podemos direcionar nossas discussões para dois principais caminhos que refletem sobre a possibilidade de ligarmos a nossa vida de

¹ patricia.grandini@unesp.br

educadores, com todas as fissuras e fendas que possuímos, à Arte. E ainda como lidar com todos os céus que habitam a escola.

Palavras-chave: professor artista, artista educador, monotíпия, arte educação.

POR UMA EDUCAÇÃO TRASGRESSORA: A EXPERIÊNCIA DAS INTERVENÇÕES URBANAS NAS AULAS DE ARTES

Liciane Ketty da Silva Braz¹

O presente resumo tem como objetivo relatar uma experiência educacional da área do ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental II, a partir da experiência com o lambe-lambe e os stickers nas aulas de artes de duas escolas públicas do município de Elias Fausto-SP. É importante mencionar que a proposta de ensino a qual me refiro foi desenvolvida durante o ano letivo de 2021, ocasião em que trabalhei as intervenções artísticas com as turmas do 6º e 9º ano. Vale destacar que a proposta é organizada por influência da Abordagem Triangular.

Em um primeiro momento, foi realizado a apresentação da proposta as estudantes através de uma explanação de como seria desenvolvida as atividades nas aulas e na escola. Em seguida, foi iniciada a primeira etapa da proposta, qual seja: a da leitura de imagens, na qual foram apresentados imagens e vídeos sobre o lambe-lambe e os stickers. Desse modo, foi realizado uma contextualização sobre a arte contemporânea e as intervenções urbanas.

Posteriormente, foi levantada uma problematização sobre o espaço em que seriam coladas as produções artísticas. Na sequência, pedi que as estudantes elaborassem esboços das suas principais ideias no portfólio. Durante o processo de fazer artístico, pude perceber o quanto as produções artísticas estavam imbricadas de significados. Depois, distribuí folhas coloridas e materiais diversos para execução final das produções que foram coladas nos banheiros e pátio da escola.

Foi possível concluir que a proposta de intervenção urbana desenvolvida nos espaços escolares foi fundamental na formação de estudantes: estimulando

¹ licianeketty17@gmail.com

a reflexão sobre obras de arte, a fruição e produção artística. Desenvolvendo a habilidade de explorar a criticidade através do desenho e da pintura. Essa constatação se deu por meio das produções artísticas realizadas pelas estudantes, da contextualização e dos espaços de leitura de obras.

Desse modo, proporcionar uma experiência que se concretize no cotidiano das alunas, no qual estas são ativas no processo de Ensino Aprendizagem é oferecer o protagonismo na construção do próprio conhecimento. Através dele, observei em minhas turmas a necessidade de debater temas sensíveis, como as questões: raça, classe e gênero, das desigualdades sociais e da interculturalidade. É importante mencionar, que as questões supracitadas se tornaram também objeto de pesquisa em minha dissertação de mestrado no PROF-ARTES.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Intervenção Urbana, Arte/educação, Abordagem Triangular, Arte/urbana.

QUAIS SÃO OS SÍMBOLOS IMAGÉTICOS NA CONTEMPORANEIDADE INFANTIL? REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, DESAFIOS E PROPOSIÇÕES ARTOGRÁFICAS

Murillo Augusto Sponda de Souza Silva¹

Este projeto tem como objetivo refletir sobre a imagética infantil na contemporaneidade e entender a influência das histórias em quadrinhos e mangás na formação desse repertório simbólico visual. Com os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, revelar as imagens e os símbolos produzidos e reproduzidos pelas crianças nos tempos de hoje, num mundo globalizado, multicultural, tecnológico e conectado, e com excesso da instantaneidade no consumo e descarte da imagem.

O referencial teórico deste projeto de pesquisa contempla discussões como, Experiência em Arte, enfatizando as diversas poéticas em artes visuais (DEWEY 2010), a Invenção dos Quadrinhos, pela ótica histórica das HQ's (LINCK 2015), Paradigma Estético, com a ideia do caos (GUATTARI 1992) Interpretação de Símbolos (JUNG 2016) (CHEVALIER; GHEERBRANDT 2012), A imagem no ensino de arte (BARBOSA 2014) e outros autores como Alfredo Bosi, Roland Barthes, Aumont, Sartre, Camus, Benjamin e Couperie.

A presente pesquisa será visualizada e realizada pela lente da a/r/tografia, sendo estimulada a produção de imagens com os alunos do Ensino Fundamental da rede pública Municipal de ensino básico de Suzano – SP. As propostas da pesquisa serão divididas em três momentos: produção de imagens em sala de aula explorando as técnicas de desenho, pintura, artes gráficas e narrativa visual com diversos materiais artísticos; a apreciação das imagens e símbolos da modernidade e contemporaneidade; reflexão e análise estética dos trabalhos produzidos buscando entender as imagens que se repetem historicamente e a

¹ murilloarte.covid2021@gmail.com

influência da cultura da HQ's e mangá e esse atravessamento estético na construção do repertório simbólico imagético da criança. Será utilizada como norteadora a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, dentro das práticas no ensino de Arte nas aulas e de maneira a/r/tográfica, elaborar uma história em quadrinhos que transpasse a pesquisa, desvelando também por imagens, toda experiência vivenciada no processo do trabalho da pesquisa em de sala de aula e nas aulas do instituto de arte.

Palavras-chave: imagem, símbolo, contemporaneidade, ensino de arte.

REALIDADE VIRTUAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTE

Luciano Dantas Bugarin¹

Percebe-se a realidade virtual como um dispositivo audiovisual moderno tecnológico que altera a forma da espectralidade de uma experiência de contemplação coletiva para uma individual, tal qual as pinturas eram apreciadas até meados do século XVII. Trata-se de uma forma de simulação interativa, onde o espectador tem a percepção de estar imerso em um ambiente gerado por computação gráfica.

Dentre as possibilidades que ela apresenta, temos a recriação imersiva e expandida de pinturas da história da arte. Pode-se apreciar uma obra de uma forma imersiva, de modo que sua fruição torna-se mais significativa e o simples ato de escolher para onde olhar acarretará numa percepção de cocriação.

A realidade virtual amplia os processos de ensino-aprendizado, ao impulsionar o protagonismo do aluno, por meio do estímulo à criatividade e ao imaginário de forma lúdica. A leitura de pinturas neste suporte torna a experiência da fruição e do aprendizado mais significativa e instigante do ponto de vista pedagógico e cognitivo, pois a realidade virtual utiliza a tecnologia para apresentar uma interface que aproxima a simulação interativa dos sentidos humanos.

Defende-se que a experiência estética vivenciada pelo aluno seja benéfica para aproximá-lo das pinturas, de tal maneira que ele possa apreciar e assimilar seus aspectos estéticos e pictóricos, que podem ser, eventualmente, de difícil compreensão, de modo mais sensível e estimulante. Algo que é potencialmente espontâneo, na relação entre crianças e jovens e mídias tecnológicas

¹ lucianodantas@id.uff.br

A realidade virtual promove uma integração entre vivência, experiência e reflexão, ao promover novas formas de aprender, sentir, conhecer e conceituar. Proporciona-se uma experiência imersiva no universo da pintura, onde cada aluno cria uma relação própria e profunda com ela.

Aponta-se a hipótese de que a realidade virtual pode abranger a apreciação e a criação artísticas simultaneamente, por possibilitar uma contemplação mais ampla e participativa, de forma que o sentido é construído a partir da fruição. A obra adquire sentido ao se expandir em volta do aluno que se torna parte da obra e coautor.

Em vista a um aprendizado inovador sob a perspectiva de um projeto de modernidade é crucial que se acompanhe as renovações tecnológicas que já são uma realidade na sociedade, porém pouco exploradas e compreendidas na educação. A realidade virtual pode ser encarada como um dispositivo que possibilite um caminho estrutural para maior compreensão das tecnologias educacionais, de maneira a evitar uma possível polarização entre um exagerado fetichismo tecnológico e uma exacerbada tecnofobia.

Palavras-chave: Realidade virtual, Ensino de arte, Leitura de pinturas, Experiência estética, Tecnologias educacionais.

UMA PROPOSTA DE PINTURA CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA

Algacir Leite de Almeida Júnior¹

O presente estudo pretende tecer investigações acerca do processo criativo e de aprendizagem de alunos frequentadores do EJA na EMEF Marechal Deodoro da Fonseca em São Paulo/SP, e é um recorte de uma pesquisa em andamento no programa de mestrado Prof-Artes iniciada na UNESP, em 2023. Tal pesquisa busca aprofundar formas do ensino de arte contemporânea, principalmente dentro de um recorte temático ligado aos conceitos de não-lugares (AUGÉ, 2003) e tempos líquidos (BAUMAN, 2001).

Esse estudo surgiu a partir de um passeio cultural com os alunos do EJA à Casa de Cultura do Parque da Cidade, onde os estudantes tiveram a oportunidade de experienciar várias exposições e obras. Este processo se deu num diálogo com parte dos trabalhos do artista mineiro Desalí, então expostos em sua mostra “Dos guardados”, em especial suas pinturas de paisagens urbanas com ruas e vias periféricas, criadas sobre suportes alternativos de caixas de frutas encontradas em feiras livres.

Artista preto e oriundo da periferia, Desalí constrói seus próprios suportes partindo da apropriação de restos de madeira provenientes de caixotes de frutas, ressignificando os materiais banais do cotidiano. Ao mesmo tempo, dialoga com questões caras a contemporaneidade como sustentabilidade e reciclagem, consoantes ao Currículo da Cidade adotado pela SME da Prefeitura de São Paulo quanto ao ODS-Objetivo de Desenvolvimento Sustentável: Consumo e produção responsáveis-Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.

“Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos)

¹ algacirjunior.8439273@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br

quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais...”(AUGÉ,2003, p.36). Sendo assim, o trabalho do artista Desalí foi o estopim de uma proposta criativa em pintura relacionada ao recorte temático da pesquisa, pois é permeado por representações de não-lugares. Através de leituras de imagens e contextualização de sua produção, numa abordagem triangular, foi proposto que os alunos criassem trabalhos representando espaços e locais de passagem de seus cotidianos ou marcantes em suas vidas e memórias. Para isso, usamos como suporte o papelão de caixas provenientes da própria escola, sendo apropriadas e ressignificadas como base do trabalho pictórico.

Palavras-chave: Arte-educação, Arte contemporânea, Não-lugar, Pintura, Sustentabilidade.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Editora Papirus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade : **Ensino Fundamental : componente curricular : Arte**. – 2.ed. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

EIXO 5

**ABORDAGENS
CULTURAIS: PRÁTICAS,
POLÍTICA, PROCESSOS E
AÇÕES REFLEXIVAS
SOBRE O ENSINO DA
ARTE**

ANÁLISES DODISCENTES: COMPREENSÃO DA ARTE INDÍGENA EM DIFERENTES NUANCIAS EM SALA DE AULA

Erick Henrique Santos Souza¹

O presente relato de experiência apresentará o resultado das observações iniciais desenvolvidas em sala de aula a partir da pesquisa de mestrado Prof-Artes no ano de 2022 em diálogo com a produção organizada pela secretária de Educação de Francisco Morato para um evento voltado a trabalhos escolares desenvolvidos nas aulas de Arte das escolas municipais.

Para o planejamento da proposta a sequência didática fundamentou-se na abordagem triangular a partir das obras da 34° Bienal de São Paulo: faz escuro mas eu canto e nos preceitos da dodiscência a partir dos escritos de Paulo Freire (2019).

A proposta consistiu na problematização de como o senso comum identifica a figura dos povos indígenas e sua produção artística. Após a coleta de informações, foram apresentados os trabalhos de Jader Esbel e Daiara Tukano. Desse modo, foi possível propiciar reflexões sobre a Arte Indígena contemporânea produzida no país e seus desdobramentos.

Após a reflexão sobre o trabalho da Arte Indígena Contemporânea, buscando diálogos com a temática da arte urbana, - tema anteriormente trabalhado em sala de aula - foi elaborada experiências de stencil utilizando o tema Fauna brasileira. Cada educando a seu modo experimentando a respectiva técnica, elaborou o material artístico que compôs o evento já mencionado.

Além da exposição de trabalhos, o evento também contemplou um momento de apresentações artísticas, para contemplar essa etapa foi pensada uma performance com os estudantes da E.M. Isabel Lupianhes Romera Ryan,

¹ erickart45@gmail.com

sujeito da presente pesquisa. A apresentação teve como objetivo evidenciar o engajamento de luta por direitos dos povos indígenas no Brasil. Desse modo, foi iniciada a performance a partir de um vídeo do Artista Aylton Krenak na constituinte de 1988, em que é relatado a partir de uma ação, a necessidade de garantir o direito dos povos originários. Após a reprodução do vídeo, uma representante dos estudantes fez um discurso sobre a necessidade do lugar de fala e após assistir o vídeo sobre o direito dos indígenas, explicou que reivindicariam naquele momento, o direito das crianças, a partir do poema de Ruth Rocha.

Ademais, ao refletir sobre todo o processo de execução da presente sequência didática, acredito que o objetivo de refletir sobre a pluralidade dos povos indígenas dentro e fora de sala de aula foi contemplado, tanto pelos estudantes, quanto pelos educadores que puderam participar do evento. Contemplando um processo dodiscente a partir do Ensino de Arte.

Palavras-chave: Arte Indígena Contemporânea, Escola, Dodiscência, Ensino de Arte.

ARTE-EDUCAÇÃO, ARTE POPULAR E MEMÓRIA: QUANDO OS MONSTROS-MEMÓRIA FOGEM PELAS FRESTAS DA CIDADE.

Nicole Izzo Piccinin¹

Selma Machado Simão²

Partindo de oficinas de modelagem em argila com alunos da rede municipal de ensino de Campinas-SP com o objetivo de produzir “monstros-memória”, seres que tem o sentido lúdico de retratar o passado que resiste e está escapando pelas frestas de respiro que as atividades culturais populares produzem ao reconstruir a memória e resgatar ancestralidades nos momentos de encontro e vivências, esta pesquisa se insere no campo da Arte-educação ao explorar os resultados obtidos a partir de produções poéticas minhas em cerâmica e a realização de uma intervenção na EMEF Padre Francisco Silva, no dia da festa Cores, Flores e Sabores, situando os monstros-memória elaborados pelos alunos da turma do 5º ano B no espaço da escola. Os encontros com os estudantes e a intervenção buscaram discutir as relações da reconstruções da memória representadas através dos seres de argila em contraste com o cotidiano atual, propondo relações próximas entre os resultados da atividade desenvolvida com a mesma turma através do projeto de Iniciação Científica “Percursos de reconstrução da memória: experiências arte-educativas vivenciadas através da Arte Popular de Campinas”, que antecede esta pesquisa, e o processo a ser realizado ao longo deste projeto. Utilizando os caminhos metodológicos da pesquisa participante, pedagogia Griô e também da artografia sobre ser artista, pesquisador e professor, esta pesquisa também objetiva ampliar os conhecimentos teóricos sobre a Arte Popular e Arte-educação, atrelando também a coletividade dentro das práticas artísticas e fazendo paralelos de contextualização com obras contemporâneas; aprofundamento sobre as práticas em cerâmica, entendendo-as como históricas e ancestrais; apontar as possíveis

¹ nicole.izzopi@gmail.com

² selmams@unicamp.br

contribuições tanto sobre inserir os temas memória e Arte Popular dentro do currículo de ensino de artes como também sobre as possibilidades existentes ao se utilizar as técnicas da modelagem em argila nas aulas. Acerca dos resultados, foi possível observar ganhos em diversos aspectos, como: realização de levantamento bibliográfico acerca dos temas propostos; reflexão e exploração lúdica através da modelagem em argila de monstros sobre os conceitos de memória e a sua reconstrução; ligação entre as memórias escolhidas e a formação de identidade e a importância de proporcionar estes momentos dentro da escola; importância da relação entre a escola e a comunidade ao redor; incentivo da presença da Arte Popular e da prática da modelagem dentro da escola formal.

Palavras-chave: Arte-educação, Arte Popular, memória.

CONSTRUINDO IDENTIDADES ATRAVÉS DE RETRATOS E AUTORRETRATOS SOB UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL

Priscila Mondin de Lima¹

A proposta aqui apresentada partiu do desejo de investigar como o racismo estrutural presente em nossa sociedade e, consequentemente em nossas escolas públicas, pode ter impacto na construção de narrativas de si e nas representações de si e do outro através da prática do autorretrato e do retrato por estudantes do ensino Fundamental I da rede municipal de São Bernardo do Campo.

O presente trabalho discorre sobre o tema da identidade, considerando sua relevância no desenvolvimento das relações que os estudantes estabelecem entre si, com a escola e com o mundo. A identidade contemporânea é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006 p.13). A investigação se dá por meio de proposta de ensino, aprendizagem e criação em artes a uma turma de estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade de São Bernardo do Campo, no ano de 2023. O retrato e, sobretudo, o autorretrato são o tema central de nossa investigação que envolve a repetida produção de retratos e autorretratos e a leitura de obras de diversos artistas que se dedicaram ao tema, especialmente daqueles que o fizeram em uma perspectiva étnico-racial, bem como de narrativas biográficas e autobiográficas dos participantes. A metodologia adotada é a participativa em abordagem qualitativa, posto que buscamos investigar processos individuais e coletivos de construção de identidades, sendo assim de fundamental importância que os educandos sejam participantes e coautores da pesquisa; na modalidade de pesquisa-intervenção, pois a construção do conhecimento muda a realidade daqueles que se veem

¹ pri.mondin@gmail.com

envolvidos em tal construção; e a metodologia de ensino que guia a proposta pedagógica é a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, por possibilitar não somente a leitura crítica de obras de arte, mas principalmente a leitura do mundo através das imagens que nos circundam.

Palavras-chave: identidade, autorretrato, educação étnico-racial.

FUNK NA ESCOLA PERIFÉRICA

Nayra dos Santos Mendes¹

O Funk está presente na vida de muitas crianças e adolescentes, porém, ainda está galgando seu lugar na educação. É um tipo de dança e música frequentemente presente na vida dos alunos do ensino fundamental. Como trabalhar o Funk na escola? O Funk é um conteúdo escrito, sonoro, visual e corporal consumido diariamente pela juventude e é muitas vezes visto como não apropriado ao ambiente escolar por tratar de assuntos adultos. Dentro da escola usamos a Arte para desenvolver muitas habilidades, inclusive a reflexão e a criticidade acerca de seu meio. Como desenvolver o Funk dentro da escola com o objetivo de investigar, discutir, interpretar, analisar e debater a cultura tanto respeitando os limites da idade dos discentes quanto não ignorando e ocultando uma arte urbana tão acessada nos dias de hoje. Isso pode ser um grande desafio, pois com a tecnologia evoluindo exponencialmente as formas de comunicação, trabalho, estudo e de vida mudaram drasticamente causando um acesso muito maior a cultura como imagens, música e dança através das telas nunca antes experienciado, mas esses jovens estão preparados para compreender o impacto disso em suas vidas? Com assuntos adultos fazendo parte da vida de crianças e adolescentes, o Funk tem o potencial de ser um ponto de acolhimento, conversa e reflexão entre aluno e a escola, de auxiliar um jovem que lida com questões que consideramos adultas a compreender melhor seus desafios, possibilitando que ele tome decisões mais conscientes. A escola censurar total ou parcialmente o Funk não fará com que o público interaja menos com a cultura do Funk. Ao marginalizar o que eles mais escutam e dançam eu estou dizendo que eles são marginalizados, que o que eles amam escutar, dançar e cantar não são apropriados e não pertencem a escola. Existe uma

¹ bela.nayra@gmail.com

realidade nua e crua na juventude periférica hoje, enquanto educadores preferimos ocultar e censurar, ou abrir o diálogo e debater sobre?

Palavras-chave: Funk, escola, jovem, debate.

INCIDÊNCIAS CONTRA-MONUMENTAIS_ICONOCLASTIA NA CONTEMPORANEIDADE

Isabela Vida Moreno¹

A presente proposta tem como objetivo explicitar fundamentalmente os domínios da memória por meio dos registros do passado e do presente, pertinentes ao pensamento da patrimonialização na contemporaneidade, que nos empurra numa correnteza de excessos e disputas nos lugares de convivialidade e grupos identitários. A cultura do esquecimento tem levantado diversas barricadas monumentais no âmbito da arte contemporânea em memória daqueles que são negligenciados por Estados totalitários e políticas públicas esvaziadas, verdadeiros “memoricidas”, que reforçam os propósitos de manipulação em massa, como um permanente voto de cabresto, direcionando o olhar para uma via de mão única. Estes grupos iconoclastas demonstram que é possível transformar essa cultura do esquecimento das políticas de amnésia das Américas em força eletromotriz de um levante popular.

No Brasil, são marcas das heranças coloniais, mas para além do colonialismo, transforma-se a cultura do esquecimento em uma das ideias centrais das políticas de amnésia: a relativização da ditadura militar brasileira dita branda, a manutenção da sua documentação sob sigilo e os poucos espaços dedicados à sua memória são exemplos de indicadores do apagamento da violência na história do Brasil.

Hoje, pode-se notar um anacronismo incongruente quando falamos da preservação de um patrimônio escultórico que já não tem representatividade no conjunto político, ideológico da nação, mas encontra-se abarcado historicamente.

¹ isabeautiful.life@hotmail.com

Vislumbramos um futuro de paz e progresso e isso se contrapõem à vontade de lembrar um passado de guerra, o que até então correspondia à arte monumental.

Deste modo, os desafios da escultura moderna, tanto em sua produção quanto em sua conservação estão imbricados na relação com o passado-presente estabelecendo, dentro de uma lógica do monumento, um espaço para leituras do futuro. Os monumentos públicos estariam fadados a um não-lugar? Como dito em aula certa vez pela professora Sylvia Furegatti acerca dos monumentos: “nem dentro, tampouco fora, mas certamente em outro lugar”.

Temos direito de debater como queremos que nossa paisagem de memórias públicas nos represente. A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando mesclada com lembranças de incidências humanas. Essas decisões incidentes são tomadas do presente e não muda, necessariamente, o que aconteceu, ainda somos obrigados a carregar esse passado na memória, com certa esperança, mesmo que singela, de não o repetirmos no futuro, e de estancarmos o sangramento no presente.

Palavras-chave: Monumentos públicos, iconoclastia contemporânea, derrubada de estátuas, patrimônio público.

MUTIRÃO: ATELIÊ DE PESQUISA EM ARTES VISUAIS, CORPO E EDUCAÇÃO

Violeta Pavão Pampuri Mendes¹

Isaque Xavier Valentim da Silva²

O “MUTIRÃO: Ateliê de pesquisa em artes visuais, corpo e educação” é um projeto de pesquisa que nasce na Universidade Federal do Oeste da Bahia, campus de Santa Maria da Vitória, aberto a estudantes, docentes, técnicos, terceirizados e comunidade externa. O corpo é locus de pesquisa por meio do qual a criação artística, processos de ensino-aprendizagem e discussão contemporânea das artes visuais são provocados.

Os objetivos do Mutirão são o despertar do corpo para as relações de ensino-aprendizagem nos diversos campos e percepção da educação; o instigar o corpo como matéria-prima para a criação visual; e a discussão crítica do corpo no campo das artes visuais contemporâneas.

De abordagem qualitativa, o projeto tem a pesquisa-ação como metodologia de trabalho, e tem como procedimentos a pesquisa em artes e processos educativos, em ateliê a partir de exercícios práticos propostos por integrantes do projeto; o estudo teórico-bibliográfico das artes visuais contemporâneas a partir da leitura de textos, artigos, livros e referências conceituadas pelo circuito de arte nacional e internacional.

A realização das ações nos permitiu observar discussões críticas sobre o corpo no mundo, sobre o corpo em deslocamento na cidade; sobre os trajetos na cidade como trajetos educadores; sobre a iluminação de caminhos de memória como guia do próprio corpo em resgate de si mesmo e de seus caminhos de vida.

¹ violeta.mendes@ufob.edu.br

² isaquexavierart@gmail.com

A pesquisa em questão aponta como resultados: o reconhecimento do corpo como instrumento de saber e fazer poético e estético; o corpo, o dendê, a costura e os trajetos/caminhos como elementos que dão materialidade às práticas artísticas; a percepção da rua, do terreiro, da caminhada, como elementos educadores; a discussão crítica sobre baianidade, memória e pertencimento no oeste baiano como questionamento de nosso corpo no mundo; o desenvolvimento de exercícios pedagógicos onde o corpo é central para a transformação das relações de ensino-aprendizagem nos espaços de construção coletiva de conhecimento.

Link: <https://drive.google.com/file/d/18h1UMKy6J-o4d3BdtknMLXWfwC7tspej/view?usp=sharing>

Palavras-chave: corpo, artes visuais, educação, ensino-aprendizagem.

NA QUEBRA. JUNTAS – MOMBAÇA E OS ESTILHAÇOS DISSIDENTES NA ESCOLA PÚBLICA

Thiago Nascimento¹

No texto *Na Quebra. Juntas*, de MOMBAÇA (2021), a reflexão sobre o deslocamento da matriz cisgênera considerando o sentido de quebra, de existir nas quebras que as violências causam ou causaram. Apresentadas à essa ideia de ruptura causada por uma força que não é nem o sujeito e nem o mundo, mas atravessa tudo, os estudantes que participavam do projeto CORPAS, iniciaram uma ação artística pela escola. Durante uma semana, recolheram frases e reflexões de colegas que causavam a sensação de “quebra” em sua corpora.

Para MOMBAÇA (2021):

A quebra não se define porque não cabe em si mesma, porque quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível. Tem do como exemplo essa imagem, e finalmente me aproximando de uma definição: o que aqui chamo de quebra não são os estilhaços, mas o movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento.

Após o processo de recolher os relatos dos estudantes, iniciamos a construção das possíveis imagens de quebra, dos estilhaços esparramados pela escola, transformando as frases mencionadas pelas corporas dissidentes daquele lugar em tensionamento, politizando as feridas para existir nas quebras e romper com a compreensão de que a definição seja caminho para experienciar as subjetividades. Nessa experiência do fracasso, do se expor, do reconhecer-se no estilhaço, o desconforto é um agente de provocação para as corporas discentes e docentes. O engendramento de uma identidade não é mais possível quando o sujeito cria sua coletividade a partir da quebra e não da violência normalizadora.

A proposta do “Por Que Me Quebras” tornou-se um exercício de “liberdade para ser vulnerável”, para a inauguração de uma maneira de existir que não seja

¹ thiago.nascimento1@unesp.br

na inteireza de discursos já simétricos e elaborados. Quando tornamos a ação e ocupação artística na escola uma provocação às posições já estabelecidas pela lógica heterocisnormativa, tratamos de gerar movimentos para reflexões sobre a ineficácia das tentativas de manipulação pedagógica; aquela prática que pressupõem a ideia de gênero e sexualidade e com ideais já programados, sem considerar as querências e subjetividades.

Quando as práticas causam tensionamentos, os movimentos da/na escola iniciam uma organização estrutural para garantir a “normalidade” e suprimem todas as ações, porém, as linguagens artísticas transbordam as tentativas de sufocamento e fazem emergir novas realidades e enfrentamentos.

Palavras-chave: Arte/Educação, Dissidência, Corpo-Político, Subjetividades, Tensionamento.

O ENSINO DA CERÂMICA COMO EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Priscila Leonel¹

Enquanto mulher, negra, artista, pesquisadora e professora, tenho me debruçado nos últimos anos a pesquisar sobre a ancestralidade negra, dentro do campo da cerâmica. No memento em que comecei a dar aula sobre cerâmica, na universidade, fui percebendo que havia discursos prontos, ideologias e estéticas socialmente mais aceitáveis e isso foi me revelando um gosto e uma forma de ensino colonizada. Segundo Bernardino Costa (2016), o colonizador se identifica como o centro do mundo (eurocentrismo) e o “outro”, colonizado, sempre assumiria o lugar de inferior. Observando esse processo histórico se repetir na sala de aula, começo a pensar uma aula ampliando referências dos alunos, trazendo as imagens culturais pessoais, muitas vezes silenciadas, como parte da aula, pois segundo Lélia Gonzalez (2019) “vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. Não é fácil, é justamente de uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico”. Assim, discuto ensino de cerâmica, na graduação em Artes Visuais, trazendo o conceito de decolonialidade para a vida universitária, formando pessoas, que atuarão a partir de outras perspectivas nos diversos campos artísticos e culturais da sociedade. Percebo que muitas preferências estéticas trazidas por alunos denunciam, na verdade, juízo de gosto, uma cosmovisão de sociedade, de cultura e de arte construída pela, e através da, colonização. Acredito que fundamental trazer aos alunos uma consciência sobre nossas memórias e histórias de vida. Estas tantas histórias e práticas artísticas e culturais que foram apagadas, silenciadas. Assim, minha aula tem sido criar projetos que relacionam a ancestralidade à cerâmica, para fortalecimento das identidades dos alunos, futuros professores de artes das escolas. A cerâmica ensina sobre respeito, sobre tempos, a gente aprende com a materialidade a se

¹ priscila.leonel@gmail.com

conhecer e se respeitar, e a partir disso consegue respeitar o outro, a vivência, as experiências, repertórios e o tempo de aprender do outro.

Palavras-chave: ensino, cerâmica, decolonialidade.

Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro/Abril, 2016

GONZALEZ, Lélia. **A democracia racial: uma militância**. Entrevista à Revista Seaf, publicada na Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 38 | julho 2019

OLHARES NEGROS QUIRINO: A LUZ NEGRA QUE ILUMINA A ESCOLA PÚBLICA

Janaína Farias de Souza Ferreira¹

Esta pesquisa de mestrado, se construiu na escuta. Escuta de mulheres negras. Mulheres como Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, bell hooks, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Cláudia, Dandara, Valquíria, Marcela, Camila, Maristela, Elenice e tantas outras que, de forma direta ou indireta, ecoam suas vozes em cada uma de nós.

As escutas que geraram a escrita nesta pesquisa dão voz a histórias que têm como maior propósito reivindicar nosso espaço e validar nossas vozes, indo contra o sistema colonial que sistematicamente nos desqualifica.

Para dentro da Universidade e no chão da escola, trouxemos as memórias/histórias e as imagens de mulheres que muitas vezes, são invisibilizadas, e que geraram propostas de ensino-aprendizagem na disciplina de Arte na EMEIEF Osvaldo Quirino Simões, localizada na periferia de Osasco, grande São Paulo, onde atuo como arte-educadora desde 2009, ministrando aulas de Arte para todas as turmas do 1º ao 5º anos. Além de propor diálogos dentro e fora da escola, em que o sentido de comunidade e valorização do ser foram fundamentais, trouxemos questões que nos ligam a nossa ancestralidade, como a força da oralidade. De geração em geração, muitos conhecimentos são passados e, pensando em uma educação transformadora, trabalhamos para movimentar diálogos.

Criamos um banco de imagens para que, a partir das fotografias de mulheres negras que fazem parte do “corpo” da escola, desenvolvêssemos atividades em sala de aula.

¹ janaina-farias.ferreira@unesp.br

A partir de suas vivências e experiências particulares, costuramos um tecido de investigação em co-autoria, lançando ao mundo vozes, palavras, imagens “para acordar a casa grande” (palavras de Conceição Evaristo).

Vale ressaltar que esse movimento de aproximação, conversa e intimidade, se deu no início da volta às aulas, em 2021, após um ano e meio de pandemia da COVID 19, momento em que estávamos em quarentena e a escola fechada. Nosso retorno foi feito com todas as restrições e cuidados necessários que aquele momento necessitava, como uso de máscaras, distanciamento social, álcool gel e rodízio de turmas e funcionários na escola. Sob tais recomendações, fizemos as entrevistas e os ensaios fotográficos como um momento de respeito e cuidado a tudo que estava sendo exposto e desvelado sobre suas particularidades, pois foi nesse movimento, de saírem de suas casas/corpos e revelarem muito mais do que suas imagens para além das máscaras impostas pela pandemia, da transparência/opacidade de suas imagens impressas no tecido, que desenvolvemos a intervenção artística e suas reverberações.

Palavras-chave: decolonialidade, ensino de Arte, escrevivência, referências fotográficas, educação antirracista.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS DESESTRUTURANTES: CONFLUÊNCIAS ENTRE RAÇA, GÊNERO E TERRITÓRIO NA ESCOLA PÚBLICA

Ana Beatriz Santos Fabrini¹

Artur Nava Bueno da Silva²

Daniel Vianna Godinho Peria³

Flávia Corrêa Trapp⁴

Giuliana Stabelito Dall'Stella⁵

Nathália Pallos Imbrizi⁶

Realizado no âmbito do Programa Residência Pedagógica da CAPES Subprojeto Artes, esse projeto vê no espaço escolar - especificamente a E.E Prof. Adolfo Arruda Castanho - um lugar a ser re-significado. As/Os alunas/os, funcionárias/os e responsáveis que ali passam parte de seus dias e estabelecem algumas de suas relações sociais, se tornam condicionadas/os pelo cotidiano, o que faz com que percam suas atenções e percepções para com este espaço de convivência, tornando-o muitas das vezes um espaço de automatismo e desgaste. Nessas condições, a violência emerge como o afeto dominante das relações, explicitada nos constantes gritos de “Briga! Briga! Briga!” entoados durante os intervalos. Nesse curto espaço de tempo que estamos convivendo com a comunidade escolar, podemos observar e entender algumas das possíveis origens dessa violência. Ao acompanhar as mediações de conflitos surgidos durante os intervalos e durante as aulas, observamos que, em sua maioria, são provocados pelo machismo e pelo racismo que estruturam a sociabilidade brasileira. Então, ficamos com algumas perguntas: Como intervir artisticamente no espaço dos intervalos para que outros afetos circulem pela

¹ ana.fabrini@usp.br

² arturnbs@usp.br

³ periadaniel20@usp.br

⁴ flaviatrapp@usp.br

⁵ giulianadallstella@usp.br

⁶ nathaliapallos@yahoo.com.br

escola? Como interromper a lógica estruturante do machismo e do racismo com crianças e adolescentes de 8 a 11 anos?

A partir destas perguntas, lançamos mão da performance como ferramenta de trabalho, definida por Eleonora Fabião como “composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. O performer age como um complicador, um desorganizador” (2013, p.6). Partindo dessa premissa, desenvolvemos práticas artísticas nos intervalos das aulas, criando juntamente com as/os estudantes intervenções artísticas dentro do espaço escolar. Quanto aos temas das intervenções, partimos daquilo que as/os alunas/os querem falar, questionar e de como os conflitos de raça e gênero surgiram na escola. Desta forma, o projeto é guiado por discussões mediadas por nós propositoras/es, a respeito de assuntos relevantes e que tenham um maior significado para os sujeitos pertencentes ao espaço escolar, a fim de rompermos com o cotidiano machista e racista presente na unidade de ensino.

Palavras-chave: Performance, Conflitos Étnico-raciais, Violência de Gênero, Comunidade Escolar, Infância.

Referência

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo:** o corpo-em-experiência. In: Revista do LUME, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-11, jan. 2013.

PROFESSORAS E A MÚSICA: EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM MUSICAL COM O UKULELE

Dóris Mendes Ramos de Siqueira¹

O presente relato de experiência refere-se ao trabalho desenvolvido na formação de professores da educação infantil no processo de aprendizagem de um instrumento musical para uso em sala de aula, o ukulele, um instrumento de cordas. O grupo de professoras de educação infantil que participou do processo de aprendizagem era formado por seis professoras mulheres, com nenhuma experiência anterior com a prática musical, com formação em pedagogia e atuantes em escolas de educação infantil de um município do interior paulista, especificamente em um projeto de aulas de música para as crianças. O objetivo central desta pesquisa foi ensinar estas professoras a tocar um instrumento musical e avaliar como essa aprendizagem impactou em suas aulas com as crianças e em seu desenvolvimento docente, e nos aspectos pessoais e profissionais de cada professora, relacionados ao bem-estar e saúde emocional. Foi utilizado como método a observação da prática e a análise do discurso das professoras participantes, bem como registros em vídeos em que as professoras apareciam em atividades práticas com as crianças em sala de aula. Os resultados principais da pesquisa, apontam que o tempo em que foi necessário para que as professoras aprendessem o instrumento variou entre quatro e sete meses de aula, sendo uma vez semanal o encontro com a professora. Outro resultado que trazemos na pesquisa à partir da análise do discurso das professoras é que ao aprender a tocar o instrumento ukulele, algumas iniciaram aulas de outros instrumentos e se diziam mais confiantes em relação aos desafios, bem como trazem questões que se referem às experiências pessoais de cada uma, trazendo temas como bem-estar, qualidade de vida, diminuição de estresse, melhora no convívio e sentimento de pertencimento. A pesquisa traz

¹ doris.siqueira@edusjc.sp.gov.br

como conclusão uma análise e reflexão sobre os benefícios da música para o processo de desenvolvimento docente e pessoal das professoras e a relação da arte e da música para o desempenho profissional das professoras e como elementos importantes para o bem-estar e saúde emocional dos docentes.

Palavras-chave: educação musical, música e bem-estar, desenvolvimento docente, formação de professores.

TRANSGREDIR O RACISMO: ASSUMINDO UM COMPROMISSO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS EM SALA DE AULA

Sarah de Castro Ribeiro Nhambiquara¹

Que todos sejamos antirracistas é o sonho de uma vida, pode parecer utópico, contudo para que passe a ser realidade é necessário começar por algum lugar.

Encontrei este lugar na cultura dos povos originários, como a maioria da população brasileira, na invisibilidade de uma bisavó indígena onde não se consegue rastrear sua história ou suas origens e na cobrança social de autoafirmação de um companheiro indígena da etnia Nhambiquara.

Muitos autores indígenas já afirmaram e reafirmaram a dificuldade do entendimento das culturas indígenas, como Casé Angatu, Daniel Munduruku, Naine Terena dentre outros devido ao genocídio sofrido pelos povos originários desde a invasão de Pindorama, atual Brasil.

Compreender minimamente as relações raciais e pautas do movimento indígena é também conectar-nos com nossas ancestralidades e compreendermos as estruturas que nos movimentam nos dias de hoje, compreender ainda como nos desvencilhar das amarras coloniais, como bem colocado por Geni Nuñez, psicóloga Guarani, militante contra as monoculturas como única opção de vida.

Com isso em mente e no coração, venho estudado modos de propor vivências que tragam as culturas dos povos originários brasileiros, principalmente a etnia Guarani, por estar geograficamente mais próxima aos alunos que tenho contato. Para isso pensar a desconstrução da imagem do índio é essencial, para reconstruí-la pautada na contemporaneidade por meio de

¹ sarah.ribeiro@unesp.br

literatura, arte e moda indígena, apresentando vozes de influenciadores de etnias variadas.

Mais especificamente desejo refletir junto aos pares sobre uma sequência didática de 18 aulas vivenciadas neste ano de 2023 com turmas de educação infantil com 4 e 5 anos no município de São Sebastião - SP; onde há pouco espaço para propostas educacionais de cunho decolonial.

Na sequência didática apresento música, dança, artistas visuais e grafismo indígena como disparadores do início da desconstrução de estereótipos, afirmo desconstrução pois durante as vivências as crianças já apresentaram espanto ao fatos de haver, casas, internet nas aldeias, assim como indígenas irem à supermercados e possuírem empregos fora da floresta.

Deste modo, sonho que nossas origens sejam desveladas e finalmente possamos ser inteiros por meio de educações transgressoras e libertadoras.

Palavras-chave: Educação decolonial, povos originários, sequência didática, grafismo indígena.

UNIVERSIDADE INDÍGENA ALDEIA MARAKA'NÀ: METODOLOGIAS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vanessa Silva Rodrigues¹

Brenda de Oliveira de Lima²

Danielle Bastos Lopes³

O presente trabalho analisa as metodologias indígenas da Universidade Indígena Aldeia Maraka'nà, um coletivo autônomo pluriétnico localizado ao lado do estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, capital. A justificativa reside no fato de que, embora, a existência da Lei nº 11.645/2008 postule a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena na educação básica, geralmente, o ensino é restrito às disciplinas das ciências humanas, focalizado nos campos da História, Geografia ou Literatura , sendo que a sua vasta epistemologia possibilita a inserção em distintas áreas do conhecimento como os cantos, tecelagem e grafismos nas Artes e até mesmo na Matemática podemos explorar operações que envolvem a logicidade ameríndia. Nesse contexto, o objetivo do trabalho é primeiramente definir o que seriam as *Metodologias Indígenas* e de que forma elas podem ser aplicadas no espaço educativo. O tema foi teorizado pelos autores Linda Tuhiwai Smith, da etnia Maori, publicado originalmente na Inglaterra e no Brasil por Edson Krenak em articulação com povos norte americanos. Trazemos um vídeo do autor concedido especialmente para o grupo de pesquisa. Além disso, a investigação congrega as atividades abertas para a comunidade da Universidade Indígena Aldeia Maraka'nà, tais como as aulas de língua Guarani e Guajajara, oficinas de cantos, grafismos, arte ameríndia, aulas de desenhos, entre outras. A metodologia utilizada consiste, no primeiro momento, em uma pesquisa qualitativa sobre a temática através da coleta de dados de entrevistas concedidas por Edson Krenak e José Guajajara, e no

¹ vanessa.srhp@gmail.com

² brendangr90@gmail.com

³ daniellebastoslopes@hotmail.com

segundo momento, já em pesquisa de campo, por meio da obtenção de registros fotográficos e pequenos vídeos das atividades e interior da aldeia. Nos resultados e discussões, foram apresentadas as respostas da entrevista que relacionavam as metodologias indígenas a algumas problematizações como o fato da literatura ameríndia ser vista pelo mercado editorial apenas como Literatura Infantil e o impedimento político sobre a atuação e registro da Universidade Aldeia Maraka'nà. Por fim, trazemos a exposição das fotografias registradas a fim de ilustração e interpretação dos significados e elementos simbólicos e suas possíveis inspirações. Concluindo, esta pesquisa buscou propor o estudo das metodologias como material ou recurso educativo na sala de aula levando em consideração sua extensão de culturas, comensalidades, expressões artísticas, etc. Portanto, espera-se que este trabalho possa ampliar os conhecimentos sobre o conceito Metodologias Indígenas e desta forma incitar a mobilização por uma educação que descoloniza e se desconstrói a partir de uma metodologia que reflete sobre a colonialidade.

Palavras-chave: Metodologias Indígenas, Artes Indígenas, Espaços Educativos, Universidade Aldeia Maraka'nà.

EIXO 6

**OBJETOS, AÇÕES E
INTERMEIOS NO DIÁLOGO
POSSÍVEL COM AS ARTES
E A EDUCAÇÃO**

ARTE E EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE NA PRÁTICA: UM APOIO PEDAGÓGICO DIGITAL AO EDUCADOR

Francielle Candido Garnica¹

O presente projeto propõe desenvolver uma plataforma online de apoio pedagógico ao educador que tenha como objetivo utilizar a arte como potência para uma educação libertadora. Fazendo uma curadoria de obras e artistas para trabalhar em sala que possuem a potencialidade de criação de pensamento crítico no educando, o presente projeto busca colocar em prática uma pedagogia anti-colonial, que leve em conta raça, gênero e classe. A pesquisa busca uma fundamentação teórica em Paulo Freire, Rubem Alves, bell hooks e Ana Mae Barbosa, abordando temas como arte e educação para liberdade, articulação entre teoria e prática pedagógica, interdisciplinaridade, utilização da internet como forma de democratização do conhecimento e elaboração de material didático. O material aqui elaborado não visa funcionar como uma receita de bolo ou um manual com um passo a passo exato de como deve funcionar cada etapa da aula, visto que hooks afirma que “cada sala de aula é diferente, que as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino.” (HOOKS, p. 21). O site busca ser como um aglomerado de ideias e possibilidades que possam ser exploradas em sala de aula, inspirações que possam guiar o percurso pedagógico do professor levando em conta as diferenças de cada sala de aula, e não algo que aprisione o educador e despreze sua criatividade, como acontece com inúmeros livros didáticos. De acordo com a Pesquisa TIC Educação 2014, 96% dos professores utilizam recursos obtidos na internet para a preparação de aulas ou atividades com os alunos, logo, esse é um espaço que devemos ocupar. Durante a graduação, os licenciandos obtêm contato com inúmeros textos que nos mostram a importância de uma educação

¹ f.garnica@unesp.br

como prática de liberdade, uma pedagogia de resistência. Entretanto, na maioria das vezes nosso aprendizado na sala de aula não ultrapassa a barreira teórica. Sabemos que devemos trabalhar com uma pedagogia revolucionária, mas como fazer isso na prática? Sabemos que nosso papel enquanto educadores contrários à educação bancária é a criação de pensamento crítico, mas como planejar uma aula que tenha essa finalidade? Quais obras e artistas trabalhar em sala para desenvolver a criticidade nos alunos? Como colocar toda teoria na prática de fato? Esses são os questionamentos que impulsionam a presente pesquisa.

Palavras-chave: Arte/Educação, Material didático, Internet.

DIALÓGO E CONSCIÊNCIA: O OPRIMIDO NO RAP E NA PEDAGOGIA

Illo Wagi Soares Bueno De Camargo¹

Andreia Miranda de Moraes Nascimento²

Em convergência com a temática “Sempre fui um sonhador, é isso que me mantém vivo”, este trabalho propõe uma roda de conversa estabelecendo paralelos que dialogam com a retórica do rap nacional e a filosofia da “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, buscando elucidar a relação de um pensador comprometido com a vida com a dos próprios oprimidos que trabalham de forma poética a vivência e a realidade do contexto social. Ao longo da história, movimentos culturais diversos contribuíram para dar diversidade às pessoas que eram postas à margem da sociedade. Artistas de diferentes lugares se encontram para compartilhar ideias, pensamentos e sonhos, denunciam as tramas da dominação, que os colocam na subcultura, ou seja, a cultura dos marginalizados. Dessa forma, o rap se torna uma importante ferramenta pedagógica, uma vez que além de mostrar a realidade, tenta com muita criticidade explicá-la, transformando experiências em lições de vida. Em sua obra, Paulo Freire fala sobre o completo desmantelamento a condição opressor-oprimido que, para ele, em uma sociedade não consciente e humanizada, o oprimido deseja deixar essa condição para se tornar opressor. Para subverter essa lógica que é parte da cultura colonial, é necessário perceber que o ciclo da marginalização só poderá ser interrompido com o processo de totalização da consciência. Nesse sentido, serão feitas reflexões acerca das problemáticas que envolvem culturas hegemônicas que contribuem para a reprodução de discursos que colocam o rap e o rapper como vitimista. O objetivo é propor um encontro de saberes entre os participantes, num processo de troca de conhecimentos sobre as possibilidades de estratégias pedagógicas que envolvem a cultura do

¹ illo_bueno@hotmail.com

² andreia.moraes@unesp.br

rap. Serão abordadas dentro da perspectiva freiriana, de conscientização do oprimido, que ao reconhecer sua condição de vida, lutaria contra a violência dos opressores, e nesse contexto, o rap é entendido como forma de luta, resistência e consciência.

Palavras-chave: Rap, Oprimido, Paulo Freire.

DISSEMINARTE

Dielly Silva Alves¹

Objetivando uma aproximação da comunidade acadêmica do Campus Samavi da Universidade Federal do Oeste da Bahia à comunidade local, que em grande parte desconhecem o trabalho desenvolvido pelos universitários e a importância da Arte-educação para o fortalecimento dos conhecimentos acerca da história e cultura local. O projeto Disseminarte foi desenvolvido nos pontos de maior fluxo de pessoas como os espaços das Feiras de Agricultura Familiar dos municípios de São Félix do Coribe e a Praça do Jacaré em Santa Maria da Vitória visando alcançar o maior público espontâneo a fim de mediar o acesso às produções artísticas dos universitários colaboradores através da apropriação de um espaço público.

Durante o período de vigência da ação inicialmente idealizada como uma ação extensionista, foram realizados encontros/exposições temáticos com obras artísticas e produções dos universitários colaboradores, contemplando linguagens artísticas como: artes em suportes alternativos, assemblage, artes têxteis, bullet journal, cerâmica, desenho, gravura, pintura e teatro. Durante os encontros, os participantes foram convidados a envolverem-se, observando o acervo, dialogando com os artistas sobre as técnicas utilizadas e seus processos criativos, podendo posteriormente desenvolver algumas das técnicas apresentadas por meio de oficinas oferecidas ao fim dos encontros.

As atividades desenvolvidas contribuíram para a partilha de saberes, principalmente sobre técnicas de produção artística e o uso de suportes alternativos, ao identificarem nas peças expostas alguns objetos cerâmicos, algumas senhoras pararam, e conduziram o diálogo sobre as técnicas de produção e uma delas citou a queima e instrumentos utilizados para a fabricação de peças cerâmicas na bacia do Rio Corrente na década de 1980, apresentamos

¹ dielly.gt@live.com

à elas o processo de produção na universidade e as principais ferramentas de trabalho, conhecidas como estecas e as de xilogravura, denominadas de goivas.

Durante os encontros, surgiram outras pautas de diálogos a partir das sugeridas pelo tema, que foram marcantes por partirem do público e conduzirem as falas seguintes, como por exemplo: o desenho e o resgate da infância pelo ato de desenhar; a apropriação da Carranca como elemento histórico da cultura local; e a importância da universidade para superar as adversidades do contexto de vulnerabilidade social em que vivemos.

Ainda existe muito a ser feito pela Arte-educação na região da Bacia do Rio Corrente, e a partilha dessa experiência em outro contexto social, cultural e educacional, pode contribuir com os próximos passos do projeto enquanto ação social para além do contexto universitário.

Palavras-chave: Apropriação, Arte-educação, Rio Corrente.

GRAFIAS & LUGAR[ES] DE NARRATIVAS DE CORPOS

Edson Elidio Adão¹

A presente pesquisa, busca o resgate de Grafias & Lugar[es] de Narrativas de Corpos, de alunos e alunas, que estudam escola periférica, pública estadual, noturna, localizada no interior de São Paulo, tendo como demanda populacional trabalhadores/as que atuam em diversos lugares, como supermercados, pacoteiros, jovem aprendiz, atendentes de balcão nos mais diversos lugares, auxiliar de mecânica, manicure, babá, cabelereiras, barbeiros, estagiários de empresas privadas entre outros serviços, para ajudar a suas famílias nos orçamentos, e também aqueles e aquelas que buscam a oportunidade do primeiro emprego. Com o objetivo são advindos diversos bairros da cidade: alguns de transporte coletivo, bicicletas, a pé, com duração de uma hora, em média até seus lares. Pois é única escola da cidade que atende ao Ensino Médio regular. Ao chegar na escola recebem a merenda, balanceada, até mesmo para alguns sendo a única refeição elaborada, pois vários se alimentam de marmitas, durante o dia, merenda servida no refeitório escolar a partir das 18:15 às 19:00 horas, quando começam o seu dia letivo, após início são ministrados a carga horária proposta pelo Novo Ensino Médio 2ª e 3ª séries, do ano letivo de 2023, onde a aprendizagem acontece com os Itinerários formativos, dentre outros, o recorte deste estudo apresenta os seguintes à saber: Histórias contadas por imagens (2 aulas semanais); Um olhar sobre o corpo: ontem e hoje (2 aulas semanais); Cultura, corpo e Literatura (4 aulas semanais); e Tradições Culturais (2 aulas semanais); Arte (2 aulas semanais); ministrados pelo professor e doutorando no Programa Interdisciplinar Educação, Arte e História da Cultura, que possibilita um diálogo intenso de uma pesquisa-ação, metodologias ativa com uma maior aproximação de teoria e práxis com envolvidos no processo de protagonismo estudantil, pois anteriormente os

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Bolsista (UPM). artistavocacionado@gmail.com

encontros seriam apenas seriam com duas aulas de Arte, com um temário que o espaço- tempo ficava a desejar. Diante do construto desta ampliação dos encontros, mesmo com ausências, as demandas são instigantes nas produções intelectuais, e cria laços de uma aprendizagem significativa, com novos itinerários formativos correlatos ao pensamento crítico, na formação contemporânea dos envolvidos, como nos alerta FREIRE (1989) não se cria a sociedade nova da noite para dia, nem a sociedade nova aparece por acaso. a nova sociedade vai surgindo com as transformações profundas que a velha sociedades vai sofrendo. Com interface por seus lugares futuros de atuação, queira no ambiente acadêmico ou suas escolhas particulares com a perspectiva de um sonho possível.

Palavras-chave: Narrativas de Corpos, Grafias, Sonho é possível.

Referências

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4) – 80 páginas.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, Secretaria da Educação. MAPPA, Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT). **Corpo, saúde e Linguagens:** O corpo que fala :expressão e (pré) conceitos. Unidade Curricular. Um olhar sobre o corpo :ontem e hoje. Componente 1. São Paulo. Disponível em <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/ensino-medio/materiais-de-apoio-2/> acesso 9 de agosto 2023.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, Secretaria da Educação. MAPPA, Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT). **Corpo, saúde e Linguagens:** O corpo que fala :expressão e (pré) conceitos. Unidade Curricular. Um olhar sobre o corpo . Componente 3. São Paulo .Disponível em <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/ensino-medio/materiais-de-apoio-2/> Acesso em 9 de agosto de 2023.

HISTÓRIA DA ARTE NO ENSINO MÉDIO: INTEGRAÇÃO ENTRE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS

Bruno Sayão¹

Este é um relato do planejamento e da realização de aulas de Arte com ênfase em história da arte no Ensino Médio. Trata-se de uma experiência ocorrida entre 2019 e 2021 no Colégio João XXIII, uma escola particular localizada no bairro da Vila Prudente, na cidade de São Paulo. Em 2019, na contramão dos seus pares, esse colégio ampliou a presença da disciplina Arte na grade regular do Ensino Médio, com duas aulas semanais nos três anos desta etapa da Educação Básica. Desde o início, a ideia foi criar uma disciplina que tivesse a história da arte como eixo organizador e que articulasse a área das Linguagens e suas Tecnologias com a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para tal inovação, foi necessária a escrita de material didático autoral. Essa proposta foi consolidada com um curso que seguiu dois grandes arcos temáticos: História da Arte Geral — da Antiguidade até a atualidade — e História da Arte Brasileira — do século XVII até a atualidade. Nas primeiras aulas do curso, foram realizados debates acerca das limitações das narrativas sedimentadas pela história da arte, de caráter eurocêntrico, androcêntrico e elitista. Seguiu-se o arco História da Arte Geral, com duração de cerca de 2 anos, abordando essencialmente arte da Europa Ocidental, mas também outros temas como arte no Egito Antigo, arte estadunidense no pós-guerra e arte contemporânea latino-americana. Por fim, no terceiro ano do Ensino Médio estudou-se a História da Arte Brasileira a partir de três eixos: arte de herança europeia, arte afro-brasileira e arte dos povos originários. No estudo de cada um dos grandes tópicos da história da arte foram desenvolvidos trabalhos práticos — ou teórico-práticos — de criação em artes visuais. Em geral, esses trabalhos não tinham uma técnica específica a ser seguida, mas um tema bem delimitado.

¹ brunosayao@alumni.usp.br

A escolha desse tema partia do questionamento: por que estudar esse momento da história da arte? Das respostas levantadas resultava um tema ligado à compreensão mais aprofundada da produção artística do período estudado e/ou ligado a uma problemática da atualidade.

Palavras-chave: arte-educação, ensino de arte, ensino de história da arte, arte no ensino médio.

INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DO BALÉ: COMO TORNAR ACESSÍVEL OS ASPECTOS MATEMÁTICOS INERENTES AO BALÉ COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO ENSINO-APRENDIZAGEM DESSA LINGUAGEM DA DANÇA

Maria Isabel Torres dos Santos¹

É fato que as atividades artísticas podem propiciar um melhor desenvolvimento pessoal dos praticantes, conseqüentemente, pode-se dizer que quando qualquer outra área do conhecimento está diretamente ligada às artes, ela torna-se capaz de propiciar a ampliação dos horizontes dos estudantes (GODOY, 2010, p. 49). Além disso, os estudos analisados por Guetzkow (2002, p. 11) mostram que as crianças envolvidas nas aulas de artes possuem maior rendimento, inclusive, nas outras disciplinas. Desse modo, um currículo escolar integrado é capaz de melhorar o desempenho geral e enriquecer a aprendizagem do aluno.

A partir de tais premissas, essa pesquisa de iniciação científica teve o intuito de incentivar a interdisciplinaridade no meio artístico através da relação entre conceitos matemáticos e o balé clássico. Assim, propusemos a aplicação de um conjunto de aulas de balé para estudantes do primeiro ano do curso de dança (2021) da Unicamp, com vistas a disponibilizar aos participantes a oportunidade de conhecer os princípios dessa técnica de dança e de entrelaçar esses conhecimentos com conteúdo específicos da matemática. Para tal abordagem, utilizamos das premissas de Boaler (2019), Laban (1978), Spanghero (2014), Bourcier (2001), entre outros, visando que, nos processos de compreensão das habilidades, tais áreas de conhecimento pudessem ser aplicadas aos alunos de uma forma lúdica, divertida e eficiente.

Em nossos encontros, houve a proposição de atividades comuns às aulas de balé, tais como exercícios de barra envolvendo plié, tendu, jeté, rond de jambe

¹ m241090@dac.unicamp.br

e fondu, e exercícios de centro com port de brás, adagio e sottes. Para a explicação dessas práticas, foram utilizados recursos matemáticos a fim de facilitar o entendimento, sendo eles: geometria corporal, geometria espacial, contagens musicais, equações, espacialidade, combinações e número de possibilidades.

Portanto, essa pesquisa propôs que a matemática fosse ensinada junto ao balé como uma ferramenta para organizar o pensamento que se faz no corpo. Sendo assim, foi de interesse desse estudo entender a funcionalidade do ensino interdisciplinar no meio artístico, estimulando o raciocínio lógico a fim de auxiliar na memorização dos passos pelo bailarino e, ao mesmo tempo, facilitar a aprendizagem dos conceitos tanto da matemática quanto do balé clássico.

Palavras-chave: Balé, Matemática, Ensino, Dança.

INTERFACES DA PEDAGOGIA COM A ARTE: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO

Maria Angélica Durães Mendes de Almeida¹

O trabalho apresentado tem como foco discutir a organização de uma proposta pedagógica interdisciplinar na educação básica na qual a arte dentro da escola tenha um papel de destaque e não seja um mero suporte para o aprendizado de outras disciplinas. Com base nas experiências da autora, fez-se uma análise das ações de integração do aprendizado das artes visuais com outras disciplinas escolares dos cursos de Fundamental e Ensino Médio de uma escola particular na zona oeste de São Paulo. Nesse contexto, os conteúdos de discussões sobre textos, as conclusões e as pesquisas feitas por estudantes para seus estudos nas diversas áreas do conhecimento escolar se transformam em motivação para a produção, individual ou coletiva, de obras de arte. Buscou-se, a partir da reflexão sobre a ação da autora - educadora graduada em Pedagogia e Letras - as teorias que nortearam os encaminhamentos pedagógicos realizados no percurso de sua atuação profissional primeiramente como professora de classe de Anos Iniciais, Fundamental 2 e Ensino Médio, depois como coordenadora geral de todos os segmentos da escola e finalmente como diretora escolar. Durante todo esse percurso, a autora lançou-se a um desafio: tornar cada vez mais fluidas as fronteiras entre as questões da pedagogia e da arte. Esse caminho profissional consolidou o aprendizado do quanto a pedagogia poderia aprender com a arte e o quanto a arte poderia aprender com a pedagogia. O trabalho procura colaborar, assim, para as discussões sobre as artes visuais no contexto escolar para além dos espaços reservados às aulas de arte ou no ateliê do professor especialista em arte. Dessa forma, a experiência relatada discute algumas possibilidades de integração das artes visuais ao contexto pedagógico de qualquer disciplina escolar e, para isso,

¹ geli.almeida@gmail.com

busca o seguinte questionamento: é possível integrarmos a experiência com as artes visuais a outras áreas de estudo a partir de uma orientação pedagógica que valorize o conhecimento originado e construído pelas produções artísticas? Este trabalho é um convite a essa resposta.

Palavras-chave: Ensino de arte, Arte educação, Currículo integrado, 4. Interdisciplinaridade.

MEDIAÇÃO CULTURAL NA EDUCAÇÃO: ESPAÇO DE DISPUTAS

Rubens de Souza¹

A pesquisa investigará o distanciamento da mediação cultural nas ações educativas estabelecidas pelo Currículo Paulista, a partir de análise crítica da Base Nacional Comum Curricular – Novo Ensino Médio, (BNCC/NEM). Vale destacar, que Linguagens e suas Tecnologias compõem as áreas de conhecimento, onde o componente curricular Arte se insere. Assim, a Formação Geral Básica, os componentes do Inova Educação e os Aprofundamentos Curriculares vinculam uma complexa relação metodológica, em que o estudante do ensino médio escolhe um Itinerário, conforme o Projeto de Vida, seu interesse ao ensino superior e ao mercado de trabalho, assim informa o Currículo Paulista na etapa Novo Ensino Médio. As principais justificativas, para essa mudança são: a evasão escolar, baixo índice de rendimento na aprendizagem e altos níveis de reprovação, além da implementação da BNCC/NEM.

A partir de 2022 e 2023, nos 2º e o 3º anos do ensino médio, respectivamente, cada unidade escolar ofertou ao menos dois Aprofundamentos Curriculares dos Itinerários Formativos, a fim de complementarem as áreas do conhecimento estabelecidas pela Base Nacional, além da formação técnica e profissional, via Novotec Expresso ou Integrado. Nos docentes de artes percebem-se, a grande dificuldade de assimilar mudanças radicais e profundas, e apreenderem sobre os conteúdos impostos pelos itinerários formativos. Outro fato relevante é que a relação estrutural da experiência como conhecimento fica tensionada e perde sua importância, a partir de “competências e habilidades”, já o docente reproduz apostilas, para atender o objetivo da BNCC: “direito à aprendizagem”. Diante da perspectiva genealógica da educação pública, esta investigação descreve a apartação de eventos culturais para a maioria dos

¹ prof.rubens@uol.com.br

estudantes e com isso as reais estratégias de mediação. Os sistemas de significados proporcionados pelas “culturas”, de modo geral, são fundamentais para as ações humanas e sociais, porém, com a BNCC/NEM há uma formação aligeirada e tecnicista, que não valoriza o conhecimento propedêutico, científico e humanizador.

Com base nos documentos legais, outros autores fundamentarão os argumentos, como: (FREIRE, 2021); (STANDING, 2014); (MARTIN-BARBERO, 2000); (CÁSSIO, 2019); (BARBOSA, 2008).

Palavras-chave: Arte/educação, Mediação cultural, Interculturalidade, Currículo.

MEMORIAL: O MENINO NO CAMINHO DO TEATRO

Marcos Clóvis Fogaça¹

Ribeirão Branco, SP, o ano é 1987, na periferia da cidade, Leonina, a parteira, organiza sua casa para o nascimento de mais uma criança, às 23h e 30 minutos nasce o menino do teatro. O teatro está presente em minha vida desde quando comecei a compreender as coisas, ele cresceu comigo e me ajudou a descobrir o mundo. Por meio dele aguicei minha ótica, mesmo quando eu não sabia seu nome e os seus diversos significados, ele já despertava em mim um convite para o lúdico, para a dramaticidade das coisas. Olhando para minha trajetória até 2008 como estudante da educação básica e depois como universitário, vejo que fui discente de uma educação artística descontextualizada, o impacto em minha formação seria muito mais formativo se o ensino de arte que está nas pesquisas e dentro da universidade chegasse em todos os cantos do Estado de São Paulo. Ainda há muito a ser feito por uma disciplina de arte na escola que seja comprometida, transformadora e que contribua para a leitura de mundo dos estudantes. A presente proposta pretende dialogar sobre teatro, arte, educação e acesso à formação artística para pessoas que vivem em pequenos centros. A partir de um memorial criado no Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas pela UNIRIO-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o autor constrói uma narrativa de vida desde as primeiras experiências com a arte e teatro até o acesso à universidade, estabelecendo relações com afeto, vida cotidiana e processos criativos na escola formal e não formal. Ao relatar seu contato com o ensino de arte na educação básica e depois na educação superior, o autor relata um ensino de arte descontextualizado, com metodologias que não dialogavam com a arte como área de conhecimento, onde falta formação, cursos superiores com metodologias contextualizadas. O

¹ marcosclovis_arte@yahoo.com.br

memorial é um convite para iniciar uma conversa sobre escola, arte-educação e formação de professores.

Palavras-chave: memorial, ensino de arte, teatro na escola, narrativas de professor.

MONUMENTOS: A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Daniel Rodrigo Viana¹

"Para aprender da pedra, frequentá-la", escreveu o poeta João Cabral de Melo Neto. Partindo do pensamento de que a cidade é construída por narrativas, a pesquisa discute as histórias que os monumentos nos contam e as possibilidades de ensino de arte a partir de uma proposta relacional com a cidade. Para isto, parte como estudo as representações dos primeiros monumentos instalados na Avenida Paulista: Ubirajara e Índio Pescador, do escultor Francisco Leopoldo e Silva, e Anhanguera, do escultor Luigi Brizzolara; ambos do início do século XX. O objetivo é realizar uma intervenção geopoética com mediação cultural que mobilize a interface entre arte urbana, o ensino de arte e educação não-formal. A partir de uma prática de educação expandida, ou seja, além dos muros da escola, os assuntos da pesquisa apresentam discussões sobre as representações monumentais que ilustram o modo como a identidade nacional foi concretizada em nossa memória além da leitura da palavra, considerando a análise das representações de um indígena e de um bandeirante instalados em uma das principais ruas da capital paulista. Na extensão da Avenida Paulista facilmente se encontra monumentos e obras de arte públicas na paisagem urbana, de modo que faz com que o local seja um museu a céu aberto, podendo ser ocupado como uma sala de aula na cidade, pois a avenida Paulista é uma lousa viva para o ensino e aprendizagem de história da arte. A abordagem metodológica envolve pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e cartografia. A fundamentação teórica privilegia as contribuições nas áreas da arte e educação, com ênfase em temas como: multiletramentos, geopoesia e educação não-formal, a partir de teóricos como Paulo Freire (1996), bell hooks (2017), Kenneth White (1989), Roxane Rojo & Eduardo Moura (2019) Lilian do Amaral Nunes (2000), Miriam Escobar (1996) e

¹ guardanapospoeticos@gmail.com

Raquel Rolnik (1988). Espera-se que esta pesquisa contribua com discussões sobre representações históricas no espaço urbano e as possibilidades de ensino e aprendizagem considerando a rua enquanto espaço educacional.

Palavras-chave: monumentos, mediação cultural, arte urbana, educação não-formal.

O OLHAR DO EDUCADOR E DO EDUCANDO POR MEIO DAS IMAGENS

Simone Leal dos Santos Abreu¹

Tarcila Lima da Costa²

Ampliar o entendimento e o conhecimento sobre a leitura de imagens contribuirá para que os estudantes possam compreender de forma reflexiva as ideias apresentadas nas imagens pelo autor. Assim, abordar a respeito da necessidade de uma ação educativa visando à contribuição para a alfabetização visual, por meio da leitura de imagem tem por objetivo estimular o educando a aprender a ler, interpretar também o mundo a sua volta, e posicionar-se criticamente sobre a sua realidade.

Durante essa investigação as obras do artista plástico, pernambucano Henrique Hammler residente á cidade de São Bernardo do Campo com trabalhos que abordam temas voltados à cultura popular brasileira me chamaram a atenção. Tive o privilégio de conhecê-lo e me encantar ainda mais pelo seu trabalho, aprendendo e conhecendo sobre a cultura e os artistas locais de sua cidade. Tais aspectos são de suma importância e reforçam a valorização, reconhecimento e o incentivo ao desenvolvimento da sua região pernambucana. Obras do artista propiciam a compreensão de diversos conjuntos de saberes determinados pela interação dos indivíduos. Seus trabalhos reúnem elementos e tradições culturais que estão associados à linguagem popular, incluindo elementos do folclore, artesanato, das músicas, das danças, das festas, dentre outros.

Os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola do Município de Diadema onde atuo como educadora, vêm estudando as obras do artista e ficaram encantados de saber que ele está vivo e atuando.

¹ simone.leal@unesp.br

² t.costa@unesp.br

Todos os alunos foram participativos, compromissados e realizaram as atividades e trabalhos propostos como: pesquisa sobre a vida e obra do artista, roda de conversas, leituras de imagens, desenhos criados pelos estudantes com capricho e pontualidade.

A escola recebeu a visita do artista Henrique Hammler, e realizamos no espaço Fábrica de Cultura uma oficina envolvendo os mais variados estilos de imagens do seu acervo, proporcionando aos estudantes momentos de criação e criatividade das capacidades de leitura e expressão onde possam aprimorar sua interpretação respeitando as faixas etárias dos mesmos.

Na sequência será agendada uma visita com os estudantes ao seu ateliê para conhecerem o local de atuação do artista, suas obras, e materiais os estudantes estão curiosos e esperam ansiosos por esse momento de participação e interação com o artista.

Elaborar junto com os estudantes, de forma coletiva um livro de imagens é meu objetivo, a partir de assuntos que sejam de interesse deles e dos conteúdos desenvolvidos durante esse processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Arte, Conhecimento, Aprendizagem, Leitura de imagem.

PRÁTICAS DA MEMÓRIA: ARTE, EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO

Lilian do Amaral Nunes¹

“Práticas da Memória: Arte, Memória e Território” propõe investigar formas de construir e visibilizar narrativas da memória das comunidades educativas envolvidas em projetos que atuam nas inter-relações com os Territórios Educativos e a Cultura nas diversas regiões da cidade de São Paulo, com foco especial no Território central da cidade de São Paulo - Território Educativo das Travessias. Com a celebração dos 70 ANOS da EMEI GABRIEL PRESTES no ano de 2023, reconhecendo o valor das contribuições interculturais que emergem das relações dessa comunidade escolar e do protagonismo manifesto pelo “Território Educativo das Travessias”, composto por um conjunto de instituições de ensino que atuam no centro da cidade de São Paulo, propôs-se a realização de curso de extensão e decorrente organização de Exposição comemorativa geolocalizada que têm a vivência na e da cidade como inspiração e provocação pedagógica sobre o patrimônio e sua relação com a cultura escolar, fazendo dessas práticas de memória uma proposta de formação especializada, docente e discente, envolvendo o intercâmbio e a cooperação de instituições culturais, museológicas, comunidade educativas, coletivos culturais e universidades para construção partilhada de conhecimento que amplie a prática pedagógica socialmente engajada e cidadã.

Elaboração de exposição envolvendo a comunidade escolar, com a realização de curadoria colaborativa, pesquisa, criação de textos e montagem colaborativa de exposição (física e virtual) a ser desenvolvida como uma ação de parceria entre escolas, museus e universidades.

Comunidade como curadora: Do Coisário ao Relicário: A Mostra “Do Coisário ao Relicário” é o tema de uma exposição processual realizada,

¹ lilianamaraln@gmail.com

originalmente, por educadores artistas que atuaram no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ e será inspiração para a re-interpretação da proposta adaptada à comemoração dos 70 anos da EMEI Gabriel Prestes em 2023. Destaque para as memórias iconográficas (fotos, documentos, vídeos), objetos, saberes e ancestralidades das comunidades docentes e discentes, com a realização de exposição temporária no Museu da Cidade de São Paulo – Chácara Lane e na EMEI Gabriel Prestes, envolvendo o Território Educativo das Travessias.

METODOLOGIA: Vivência de práticas de memória ligadas aos territórios educativos como projeto de pesquisa, curadoria, construção de percursos e camadas interativas participativas e lúdicas através de visitas presenciais e vivências nesses territórios e discussões reflexivas e analíticas (Aulas síncronas on line), e atividades de produção de materiais autorais colaborativos (assíncronas)

Palavras-chave: Arte, Patrimônio, Educação, Memória, Artografia.

TEATRO EM CENA: O PALCO NA SALA DE AULA

Fernando Barbosa D'Alessandro¹

O presente trabalho trata-se de um relato do processo de recriação de cenas de temas, períodos e histórias clássicas e variadas como “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault; “O Rei de Quase-Tudo”, de Eliardo França; “O mistério do 5 Estrelas”, de Marcos Rey; “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis; “Casa de Bonecas”, de Henrik Ibsen, entre outras.

Os alunos do Ensino Fundamental II buscaram a imersão na atmosfera de cada história, recriando algumas situações de acordo com as reescritas dos textos dramáticos e narrativas. Para tanto, foi realizada a devida contextualização de cada tema com variadas situações cotidianas seguidas das adaptações das personagens (re)trabalhadas por meio de laboratórios e improvisações.

Mais do que reproduzir as narrativas e a interação enriquecida pelos jogos teatrais, tendo como referência os exercícios propostos por Viola Spolin e a composição dos quadros de cenas vivas; as cenas recriadas de acordo com o contexto e viés abordados, possibilitaram aos educandos o permitir-se e o fazer de conta teatral espontâneo, encenados em palcos montados na sala de aula.

Estes palcos foram aos poucos ganhando novas funções, além da caixa cênica como camarim, coxia, lugar externo à cena principal, arena, resultando em pequenos nichos instalados dinâmicos, os quais transitavam na sala de aula de acordo com a necessidade que a personagem e ou cena requeressem.

Nesse sentido, houve um pleno envolvimento com relação às referidas montagens de cenas, contando, além das interpretações, com as produções visuais cenográficas daqueles palcos ressignificados, objetos de cena, figurinos

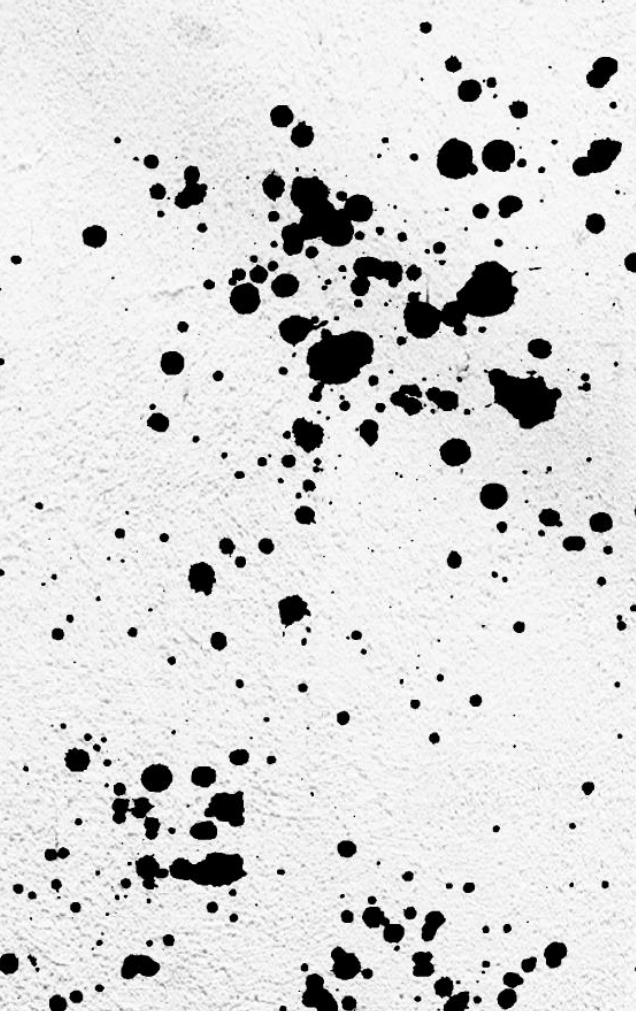
¹ fernandobalex@hotmail.com

e adereços; consolidando a sala aula às interfaces entre as artes cênicas, produção visual e suas ramificações.

Palavras-chave: teatro, sala de aula, espaço cênico, narrativas, improvisação, recriação.



OFICINAS



ANCESTRALIDADE E REINVENÇÃO DE MUNDO¹

Priscila Leone²

Janaína Farias de Souza Ferreira³

Violeta Pavão Pampuri Mendes⁴

Moacir simplicio⁵

Levi Fernando⁶

Estamos vivos! Apesar de tudo, estamos vivos!

Pensando nos processos que envolvem a vida da população racializada, as pessoas LGBTQIA+ e os grupos de algum modo desfavorecidos no Brasil, estamos vivos para contar nossas histórias. Referenciando e reverenciando nossos antepassados que abriram caminhos para que hoje pudéssemos estar aqui e continuar essa luta pela saúde, dignidade e prosperidade em nossas vivências.

Em nossa radicalidade, podemos ocupar e conquistar espaços onde não éramos vistos nem acreditávamos que nossos corpos pudessem estar. Para que isso aconteça, sonhamos. Sonhamos para recriar imagens de nossos próprios corpos no mundo; para desmanchar imagens coloniais; para exercer afeto conosco e com os nossos.

A fim de fortalecer e dialogar sobre essas questões que abrem portas e sonhos dentro do contexto da educação, nós do grupo de Estudos Egungun (grupo vinculado ao GPIHMAE) propomos a oficina “Ancestralidade e reinvenção de mundo” através dos diálogos sobre nossas histórias e a cerâmica.

¹ Grupo de Estudos Egungun - egungunorixa@gmail.com

² priscila.lleonel@gmail.com

³ janaina-farias.ferreira@unesp.br

⁴ violeta.mendes@ufob.edu.br

⁵ m.simplicio@unesp.br

⁶ fernando.lopes@unesp.br

Convidamos os participantes a trazerem para a oficina um objeto que tenha relação com sua história ancestral e que em coletivo amplie um diálogo sobre o significado de nossa existência.

A partir de exercícios corporais, investigaremos o corpo e os objetos trazidos para a oficina a fim de estudar as possibilidades plásticas, estéticas e poéticas dos mesmos, acendendo a metodologia de trabalho do corpo como matéria-prima (La Pocha Nostra) e a investigação da imanência dos objetos e a possibilidade de fabulação com os mesmos. Na sequência, em uma roda de conversa, com os objetos ao centro, iniciaremos um diálogo que ampliará o processo criativo ao propor a recriação, utilizando a argila, de objetos que contribuam para ampliar nosso olhar para o mundo de hoje.

Palavras-chave: decolonialidade, educação antirracista, ancestralidade, cerâmica, fabulação.

ATELIÊ EFÊMERO: UMA EXPERIÊNCIA DE PINTURA ENCÁUSTICA

Ana Carmen Nogueira¹

O Ateliê Efêmero aconteceu entre 2020 e 2021 como projeto de doutorado durante a pandemia da COVID 19. Um ateliê circulante e remoto que buscou verificar se ela possuía a capacidade de impulsionar a experiência do fazer artístico, além de ter valor terapêutico e regenerador. Para essa oficina quero demonstrar presencialmente o que os participantes-pesquisadores viveram, durante esse período. Encáustica vem do grego “enkaustikos” que significa esquentar, queimar. A encáustica é uma técnica milenar que se desenvolveu no Egito Antigo no século 5 aC e podemos perceber seu ressurgimento entre os artistas de hoje. A Encáustica tem como matéria prima básica a cera natural de abelha e resinas, acrescida de pigmentos. Essa mistura possui uma ótima cobertura, densa e cremosa. Durante todo o seu processo utiliza-se calor. A mistura pode ser usada sozinha pela sua transparência ou pode ser usada com a adição de pigmento. A encáustica derretida é aplicada com pincel em um suporte resistente ao calor. Ela é conhecida por sua versatilidade e durabilidade. Essa técnica oferece uma grande abertura para a experimentação, potencializando a sensação de liberdade e prazer. Ela pode ser polida, raspada, arrancada ou manipulada de diferentes formas. Qualquer pessoa pode desfrutar do prazer e do respeito à natureza que a pintura encáustica traz. Artistas como Jasper Johns, Karl Zerbe e Julian Schnabel ajudaram a trazer de volta esta técnica esquecida. Atualmente, muitos artistas estão descobrindo a versatilidade, a durabilidade e secagem rápida desta técnica tão atraente. A pintura encáustica hoje proporciona diferentes técnicas e dinâmicas incluindo, monotipias, colagem, 3D, transferências de imagens e esculturas. Pode-se fazer pinturas abstratas com belas, luminosas e transparentes camadas de cera e

¹ anacarmenn@gmail.com

também é possível elaborar retratos fantásticos com complexos detalhes como uma pintura renascentista. Diferentes e variadas superfícies podem ser usadas tais como madeira, papel, cerâmica, tecido, fibras, folhas e materiais reciclados. Na pintura encáustica há muitas maneiras de utilizar materiais que encontramos em casa, na cidade, na mata e na praia sem agredir a natureza. Podem ser reutilizados, jornais, revistas, papéis, metais, pedras, areias, terra. A ideia é reutilizar, reciclar e transformar.

Palavras-chave: encáustica, arte, ateliê efêmero.

CÂMARA ESCURA: A POESIA DO MUNDO INVERTIDO

Francisca Joelma Gonçalves Lima¹

A oficina conta com a experiência de confecção de um objeto que precede a fotografia, realizada com alguns materiais simples e acessíveis como: cartolinas, papel vegetal e fitas adesivas, de modo que os participantes consigam replicar a oficina em outros espaços educativos.

O objetivo geral dessa oficina é de que as pessoas tenham uma experiência criativa a partir de uma prática educativa que estimule a autonomia e a imaginação, provocando algumas reflexões sobre as imagens que nos cercam, e como olhamos para estas imagens no nosso dia a dia, promovendo ainda uma aproximação entre arte e cotidiano.

A ideia de construir uma câmara escura é exatamente a de fazer com que cada pessoa tome posse da produção deste instrumento de observar imagens, como uma construção de brinquedo mesmo, que exige tempo, relaciona expectativas e nos tira do lugar de apenas receptores de um mundo visível, deslocando-nos para o lugar de criadores de uma outra realidade, quem sabe mais lúdica. Em seu livro *Filosofia da caixa preta*, Flusser (1991, p.15) afirma que “Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”, dessa maneira a oficina colabora e estimula esse processo que vai de encontro às imagens, ainda segundo ele instrumentos são prolongações do corpo humano, desse modo aparelhos fotográficos seriam a prolongação dos olhos, nesse sentido a câmara escura como objeto que precede a fotografia funciona trazendo essa prolongação do olhar e aproximando os corpos do mundo ao redor.

No primeiro momento há um diálogo entre a orientadora e os participantes trazendo questões sobre fotografia e conhecimentos prévios do grupo, em seguida iniciamos a construção da câmara escura, e ao final experimentamos os

¹ xicalima@hotmail.com

objetos confeccionados em ambiente externo, observando as reações do contato pessoa/objeto/imagem para discutirmos sobre a experiência do processo de criação, as expectativas em relação à oficina e os resultados obtidos.

Palavras-chave: câmara escura, fotografia, poética, mundo invertido.

CAPOEIRA ANGOLA E INCLUSÃO NO ENSINO DE ARTE: CRUZOS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Luis Alberto de Souza¹

Norma Silvia Trindade de Lima²

Essa proposta é um desdobramento da pesquisa de doutorado, em andamento, realizada em escola pública, durante as aulas de arte, como uma contribuição para a abordagem da Lei 10.639/03 e Educação das Relações Étnico-raciais, numa perspectiva inclusiva, assim como da descolonização do currículo e das práticas pedagógicas, como uma possibilidade de inclusão de outras formas de reexistências e saberes, em cruzos com as linguagens artísticas no currículo de Arte.

Para isso, essa oficina tem como temática a capoeira angola como um cruzo, que na concepção de Simas e Rufino (2018), está relacionada à credibilização de saberes outros que, historicamente, foram alijados do processo educacional e relegados, na maioria das vezes, ao campo das abordagens folclorizantes ou, servindo de apêndice para outros saberes considerados mais importantes e cientificamente válidos.

A metodologia a ser utilizada envolve promover condições para que os participantes possam experienciar a capoeira angola como uma forma de conhecimento e sociabilidade afro-brasileira.

Apresentação/contextualização da capoeira como uma prática afrodiaspórica, utilizando leitura de imagens.

Musicalidade: A musicalidade é o coração da capoeira é ela que faz vibrar e pulsar, que dá ritmo e ginga aos corpos, estabelecendo diálogos a partir da gramática dos sons, dos toques de cada instrumento. Apresentação dos

¹ l187598@dac.unicamp.br

² normatl@unicamp.br

instrumentos e suas características, exploração das sonoridades e dos parâmetros do som utilizando os instrumentos da capoeira (Berimbau, pandeiros, reco-reco, agogô e atabaque). As cantigas na capoeira.

Um corpo que luta em forma de dança: Proposta para experienciar no corpo os movimentos da capoeira, lembrando os ensinamentos de mestre Pastinha " Cada um é cada um" e é no encontro dos gestos livres que cada um aprende sua forma de aprender a ser e a fazer.

A roda, como terreiro, lugar do saber praticado, da ritualização da prática, do jogo, das frestas. Fechamento: A roda de conversa troca de saberes e experiências, reflexões acerca da possibilidade da capoeira como um meio de propor cruzos para criação de novas experiências formativas e de conhecimentos. Registro¹ que eu deixo: " O que eu levo?"

Palavras-chave: Educação, étnico-racial, ensino de arte, capoeira angola, inclusão.

CARTAS DE SONHADOR, CORPO DE NÓS

Raquel Santos¹

Crislayne Gonçalves Santos Siqueira²

Glória Maria dos Santos³

Millena Almeida Silva⁴

Caio Henrique de Matos Andrade da Silva⁵

Partindo do conceito de Bem Viver como cosmopercepção e possibilidade de reinscrição de corpos de comunidades tradicionais no mundo, promovemos com esta oficina uma possibilidade de experimentação das pedagogias afrocentradas compartilhadas por Azoilda Trindade com sua Mandala de Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros no projeto “A Cor da Cultura”. Esta pedagogia é estudada e praticada em nosso pequeno grupo de pesquisa.

Com a proposta de criação de uma carta coletiva, que exponha nossos sonhos na arte-educação a partir do resgate e compartilhamento de memórias, histórias e sensações, a oficina se divide em três momentos, que aquecem o corpo, pensando seu passado, mapeiam referências, para entender seu presente, e sonham seu futuro.

Iniciada por um aquecimento musical-corporal, as apresentações do grupo serão guiadas a partir de nossas histórias de vida e objetos significativos em nossa trajetória enquanto arte-educadores, vamos mirar a possibilidade de conectar as narrativas compartilhadas em grupo através de palavras, levando em conta as vivências e repertórios que cada educador/a carrega consigo.

Após entender o que este corpo carrega, o grupo será convidado a participar do jogo “Me lembra”. Neste jogo, busca-se resgatar memórias a partir

¹ raquelsantosbrasil@gmail.com

² crislayne.goncalves@unesp.br

³ gloria.maria@unesp.br

⁴ almeidamillen@gmail.com

⁵ chm.silva@unesp.br

da proposta de relacionar palavras que surgem a partir do exercício do lembrar. Fazendo a gira nesta espiral do tempo entre passado, presente e futuro, a ação seguinte consiste em selecionar as referências que aparecem no jogo anterior, apresentando uma constelação pedagógica que reúna as palavras em papel kraft e os desejos de futuro destes corpos apresentados, sugerindo assim, a escrita de uma carta coletiva com o tema: Projetando mundos através da educação.

Após a escrita, será aberta uma roda de trocas sobre as experiências vivenciadas durante o encontro para então leitura de nossa carta, como finalização do processo.

Material necessário: Solicitaremos no momento de inscrição que os participantes tragam um objeto/imagem/música que seja significativo em sua trajetória enquanto arte educador/a para compartilhar no momento de apresentação. O grupo fornecerá barbante, papel kraft e lápis.

Abertura: Aquecimento corporal com sensibilização sonora

Sistematização: Apresentação pessoal a partir das memórias com os objetos e desenvolvimento do jogo “Me lembra”

Encaminhamento/Finalização: Escrita de carta coletiva, roda de compartilhamento e leitura da mesma.

Palavras-chave: memória, bem viver, educação, escrevivência, história de vida.

CARTOGRAFIAS DA MEDIAÇÃO: INVESTIGANDO AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM NA ARTE

Tainá Alves Custódio¹

A proposta de oficina é o exercício de uma vertente da pesquisa que está em andamento dentro do curso de Mestrado em Artes no Instituto de Artes Unesp. Dessa forma, a presente pesquisa apresenta-se como proponente da prática artística como possibilidade de ser o cerne do desenvolvimento de pesquisa científica em arte, relacionando três pontos: o fazer arte, a mediação cultural e a leitura do discurso do outro. Assim, a proposta é de realizar Cartografias da Mediação - registros das ações e das falas - ao pensar não só sobre a prática da mediação, mas também sobre a presença de sujeitos participantes dessa prática, considerando suas vivências, experiências e histórias. Portanto, ao mesmo tempo que se propõe o relato de experiências já realizadas, pretende-se realizar também a ação com o grupo presente na oficina, integrando-os à prática da pesquisa e possibilitando que se apresente a pesquisa a partir do seu fazer.

Durante a oficina será proposta uma vivência artística, pensada pela artista-pesquisadora. A vivência será seguida por trocas de experiências entre os participantes, realizando, após o contato com a obra de arte, uma conversa sobre como foi para cada sujeito vivenciar essa prática, a fim de que sejam compartilhadas impressões, ideias, sentimentos e inquietudes. Durante as falas presentes na troca de experiências proposta aos participantes, haverá o registro dessa conversa por meio da linha, permitindo uma composição coletiva do caminho da fala resultante dessa partilha de impressões. A linha será passada de mão em mão, formando um caminho, um desenho, um emaranhado: o registro do caminho da fala.

¹ ta.custodio@unesp.br

Dentre as investigações da ação, que se utiliza do método cartográfico, é possível destacar a reflexão sobre a posse do discurso, sobre o deslocamento da posição do mediador centralizador e monopolizador da fala e sobre uma ação de mediação que contenha como princípio a escuta.

Durante a oficina serão exercitados o fazer coletivo, o reconhecimento das subjetividades e os espaços de fala.

Palavras-chave: Cartografia, Prática Artística, Arte-educação, Registro, Mediação, Silêncio.

DANÇA CRIATIVA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PELO SISTEMA DE MOVIMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Adriana Vilchez Magrini Liza¹

A oficina é uma rara oportunidade oferecida aos professores(as), ao mesmo tempo que se abre como um campo de pesquisa vivo e necessário, já que há poucos estudos unindo os aportes teóricos dos Estudos de Rudolf Laban e a formação contínua de educadores da Educação Infantil. A proposta da formação prática, tem como princípio, trazer para (os)as professores(as) a oportunidade de aprender e vivenciar os saberes sensíveis. Uma formação através da experiência corporal, envolvendo a linguagem da dança entrelaçada com outras linguagens da arte. Ampliando o repertório de suas escolhas com experiências estéticas e nutritivas, fundamentadas por Laban (1879-1958). Pretende-se com a oficina, desenvolver um encontro que exercite os princípios estéticos da Educação, pensando na sensibilidade, na ludicidade e na liberdade de expressão por meio de práticas artísticas e culturais. Considerando que as práticas pedagógicas que compõem as propostas da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações, as experiências corporais, o movimento e a brincadeira. A oficina de formação/pesquisa, terá como proposta, experiências sensoriais, expressivas e corporais pensadas para os(as) profissionais que atuam com crianças, visando promover a sensibilização, a escuta de si para além da palavra, a reconexão consigo e o despertar do corpo. Durante a prática da oficina, os(as) participantes estarão em contato com objetos propositores, como matérias que provoquem e motivem suas ações de mover, pensar e sentir, como por exemplo, alguns tipos de tecidos, penas e fitas etc. A proposta metodológica da oficina, terá como referência, o fruto da pesquisa de Dissertação de Mestrado: Traços, trajetos e processos da Dança Criativa (LIZA, 2019) e embasada pelos estudos da Arte do Movimento de Rudolf Laban no

¹ avm.liza@gmail.com

século XX, porém adaptada e (re)apropriada para as infâncias nos tempos atuais. Propõem-se um despertar da consciência corporal a partir dos seguintes elementos básicos da dinâmica e comuns em sala de aula e aula de dança: espaço, descalçar-se, roda da conversa da dança, acordar o corpo e objetos propositores. Espera-se com a oficina, ao propor a formação docente, crie uma rede de relações que se incorporem em ações pelas experiências dançantes, além de uma construção coletiva de reflexão sobre a dança como linguagem, no campo de experiência. Espera-se também que os(as) participantes, consigam compartilhar de forma prática, lúdica, poética e sonhadora, todo seu repertório de vivência, colhido nas oficinas com suas crianças.

Palavras-chave: Dança, Criança, Formação Docente, Rudolf Laban.

EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Paula Vieira De Sousa¹

A presente oficina tem como objetivo, fornecer subsídios a atuação dos profissionais da Educação Infantil e sua relação com o ensino de artes de forma a contribuir com o desenvolvimento integral das crianças. Tendo em vista que o ensino desta área do conhecimento, fica sob égide dos/as pedagogos/as ensinarem artes as crianças. A partir de experiências realizadas com oficinas, um/a pedagogo/a atuando no campo da Educação Infantil com Arte, desenvolvem-se questões e reflexões sobre essa trajetória cotidiana que busca vivenciar a arte com as crianças e compreender o sentido que essa área do conhecimento humano faz para elas. Refletir atividades realizadas, discutindo-se aspectos implicados nos processos de ensino-aprendizagem, contextualizados na respectiva instituição onde foram desenvolvidos. A partir das experiências e da reflexão, compartilhar um caminho, porém, já apresentando possibilidades de intencionar algumas vertentes metodológicas que, talvez, possam apresentar-se como pertinentes ao trabalho do/a pedagogo/a com Arte no contexto educacional em que a criança pequena é a protagonista desbravadora do próprio conhecimento artístico.

Pedagogos/as atuando como docentes na educação infantil, no qual tiveram como suporte a formação recebida no componente curricular "arte-educação" oferecido como componente curricular no curso de Pedagogia e professores/as de educação artística sem a formação pedagógica com limitações no que se refere às linguagens abordadas para a docência na educação infantil. O ensino de arte na educação infantil acontece de formas diversificadas, nas práticas de creches e pré-escolas, uma vez que na prática, os docentes da educação infantil têm formações diferenciadas, alguns são licenciados em Pedagogia, outros ainda são formados na modalidade de nível

¹ paulagemeasousa@hotmail.com

médio, o magistério. Vale ressaltar que na docência na educação infantil, existem práticas cotidianas de fazeres artísticos nas salas com atividades que incluem música, dança, teatro, pintura, desenho e a utilização de imagens fazendo uma indissociabilidade entre a educação da criança pequena e o universo artístico.

A união entre Pedagogia e Licenciatura em Educação Artística na formação do professor/a de Artes na educação infantil, destaca-se pela necessidade de um ensino de Arte em favor de um ensino integrado e planejado. A oficina visa reforçar a importância da formação contínua dos pedagogos/as que atuam no ensino de Arte e conclui que esse componente possui uma potência pedagógica em favor do desenvolvimento da condição estética e crítica dos discentes.

Palavras-chave: Formação de Professores, Educação Infantil, Ensino de Artes, Ensino da Arte na Educação Infantil.

GRAFISMO INDÍGENA COMO (RE)EXISTÊNCIA IDENTITÁRIA ORIGINÁRIA

Sarah De Castro Ribeiro Nhambiquara¹

Budga Deroby Nhambiquara²

Transgressão é uma das maneiras que bell hooks (2013) utiliza para descrever processos educativos que compreendem outras ferramentas/ saberes de ser, estar e educar. Casé Angatu, assim como muitas lideranças indígenas, afirma que São Paulo é terra indígena, porém ele questiona “Como perceber essa presença originária nas histórias, memórias, identidades e territorialidades paulistas?”. Podemos encontrar nos grafismos indígenas meios para ampliar nossa percepção sobre os povos originários brasileiros, (re)conhecendo padrões estéticos sob outra ótica.

Esta oficina apresentará alguns grafismos indígenas de diversas etnias e por meio de estratégias e ressignificações de olhares propõe processos de transgressão ao nos tirar do lugar comum, questionando padronizações e nos propondo construções, desconstruções, reconstruções.

Objetivando mais especificamente: (Re)Conhecer grafismos indígenas no cotidiano, compreender por exercícios de análise de imagem a importância, uso e significados de alguns grafismos, principalmente da etnia Guarani, etnia mais numerosa no estado de São Paulo. Experimentar tintas naturais (jenipapo, urucum e açafrão), experimentar o grafismo indígena em suportes diversos como a pele, papel e/ou tela. Conhecer o conto originário Guarani “Terra sem Males.”

Deste modo a oficina tem previsão de fluir a partir de quatro momentos que podem ser alterados a partir do repertório trazido pelos participantes.

1º Momento: Roda de conversa e construção coletiva dos significados de indío, indígena, povos originários e grafismo.

¹ sarah.ribeiro@unesp.br

² deroby.indio@gmail.com

2º Momento: Contação da história Yvy Mara'E'Y (Terra sem Males), apresentação de alguns artistas indígenas como Daiara Tucano, Jaider Esbel, Auá Mendes; roda de conversa sobre o significado de alguns grafismos, importância para a construção da identidade indígena e usos atuais.

3º Momento: Preparo das tinturas de jenipapo, urucum e açafreão. Orientações sobre usos, conservação e retirada do corpo.

4º Momento: Pintura de grafismos no corpo ou tela de pintura. Encerramento que estimule a troca de percepções sobre a oficina proposta.

Durante a oficina todos estarão em roda, a fim de propiciar a escuta e a fala e utilizaremos data show, papéis e riscadores diversos, assim como pigmentos extraídos do urucum, jenipapo e açafreão.

Palavras-chave: arte indígena; grafismo; educação decolonial; tinta natural.

LAMBE COM EDUCAÇÃO - OFICINA DE LAMBE-LAMBE COMO TÁTICA POÉTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA DE ARTE/EDUCAÇÃO

Flávia Teodoro Alves¹

Nesta oficina, pretendo compartilhar os procedimentos poéticos, estéticos, políticos e artísticos de lambe.bem, minha identidade de arte de rua da poeta multimeios Colar lambe-lambes pela cidade primeiramente foi uma ação artístico-pedagógica na EJA em São Paulo/SP. lambe.bem surgiu depois, em resposta a um episódio de manterrupting* no trabalho em setembro de 2019. Ao longo da pandemia, ganhou feições digitais, com foto, vídeo e liveperformances coletivas e individuais. Embora seja difícil separar completamente forma, conteúdo, técnica, intenção, acaso e toda a maçaroca que envolve uma criação multimeios, mostrarei um pouco das técnicas autodidatas e dar ênfase nos procedimentos poéticos como pistas para criação de lambes dos participantes, sempre com o intuito de combater as ficções que nos impõem e de contar nossa própria história sem suavizar o enredo e sem intermediários. Originalmente essa oficina foi concebida como recompensa de uma campanha de financiamento coletivo para o primeiro livro de poemas da autora, Não Existe Guarda-Chuva Pra Quando Chove de Cabeça para Baixo, lançado em maio de 2022 pela Fábrica de Cânones. Para o congresso OPAE, pretendo compartilhar um pouco mais das ações e procedimentos arte educativos, realizados na EJA e Ensino Fundamental II, mostrando como o lambe-lambe pode ser uma forma de arte educação rebelde, engajada e até malcriada.

A intenção é abraçar o papel educativo do artista e da sua arte no mundo. Aproximar os campos, sem buscar consenso ou harmonia. O caos, o choque, os trânsitos me interessam. A arte como um sistema, que não diferencia processo

¹ maisumaauladearte@gmail.com

e produto, vida e obra, criador e criatura, trabalhando nas fissuras, nos ruídos, no erro. Se há uma estética, é a estética do deslocamento.

Não há meios de diferenciar o que me afeta e meus modos de afetar o mundo. Meu corpo está na rua, friccionando os muros, resistindo ao branco que tenta me apagar. Quero mais é rasgar o pensamento cartesiano, carnavalizar as coordenadas.

Palavras-chave: lambe-lambe, arte de rua, EJA, ensino fundamental II, poética, poesia, estética, militância.

LEITURA AFROREFERENCIADA E JOGO NA SALA DE AULA

Marcos Clóvis Fogaça¹

Jhonatan Cardim Siqueira²

A Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil, conceito criado por Kiusam de Oliveira, reflete o “fortalecimento das identidades das crianças e jovens negras através do encantamento na escrita literária, pensando que há uma forma de construir tal texto elaborado como num bordado” (2020, p. 10). Para tanto, a literatura afro-referenciada propõe narrativas que viabilizem a representatividade negra para as infâncias pretas na formação de uma percepção de identificação, pois ao não se ver representada na literatura a criança coloca-se no território da não existência, da não valorização. A literatura é uma ferramenta que pode habilitar e acessar aspectos extremamente profundos e necessários de mergulho no processo de construção de identidades das crianças de forma geral e das crianças pretas de forma específica. A nossa proposta de oficina parte de um bate papo sobre esses conceitos e a importância de dialogar com obras afroreferenciadas. Osicineiros pretendem estabelecer uma aproximação do jogo como estímulo para a leitura, pensando de que forma o instante do presente no ato de ouvir e narrar histórias pode ser reconfigurado, ganhando novas formas de pensar a leitura na sala de aula. Para isso será usado como aporte teórico a obra “Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário” da Doutora Heloíse Vidor, Professora da UDESC- Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Os livros para a oficina serão: O coração do Baobá de Heloísa Pires Lima, O bicho mais poderoso do mundo de José Bocca, Procura-se Carolina de Otávio Júnior e Com que penteado eu vou? de Kiusam de Oliveira.

¹ marcosclovis_arte@yahoo.com.br

² jhonatancardim@icloud.com

Palavras-chave: literatura afrorreferenciada, infâncias pretas, teatro e leitura.

Referencias

OLIVEIRA, Kiusam. Literatura Negro-Brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. Feira Literária Brasil – África, Vitória, v.1 n.3. 2020.

VIDOR, Heloise Baurich. Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário. Hucitec, São Paulo, 2016.

LINGUAGEM MUSICAL E A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Illo Wagi Soares Bueno De Camargo¹

A música é inerente à vida humana, e um dos papéis da presença de práticas musicais nas escolas é fortalecer a musicalidade que faz parte da vida de qualquer pessoa, sendo reconhecida e nutrida, ampliando relações conscientes e criativas de cada indivíduo com o mundo ao seu redor. O contato com a diversidade de ritmos, estilos, gêneros, concepções e modos de entender e significar o que chamamos música, determinam o processo que visa a intenção de propiciar amplas leituras de mundo. A música como área do conhecimento é um campo que se abre para diálogos com outros campos, questões socioambientais, impactos tecnológicos, globalização, entre outras questões que precisam de diferentes pontos de vista. Nesse sentido, a linguagem musical é apresentada de forma integrada e significativa. Oferecendo atividades práticas que estimulem o cognitivo, compreendam o social e expressem o emocional.

Pesquisas desenvolvidas nos últimos tempos têm nos instigados a considerar a música e a educação musical de maneira inventiva e criativa, no entanto, os currículos têm exigido conhecimentos básicos, principalmente dos elementos constitutivos da música e suas propriedades. A maior dificuldade está justamente em compreender esses conhecimentos que, embora sejam básicos, são também técnicos. Melodia, harmonia e ritmo são universos que abarcam outros elementos como: métrica, notação, contrata-ponto, estrutura, materialidade, textura, etc.

A proposta da oficina é elucidar a arte musical aproximando os professores de Arte com formação em outras áreas - que não a musical - da linguagem musical. Assim como, apresentar perspectivas e abordagens do ensino musical aos estudantes de graduação que cursam licenciatura em Música e pretendem lecionar na Educação Básica Pública. Além de elementos técnicos,

¹ illo_bueno@hotmail.com

a oficina explorará as relações culturais rítmicas da cultura brasileira, propondo atividades práticas e dinâmicas.

Na arte musical, os processos de hibridização cultural são constantes. O contato entre diversas formas de fazer música enriquece a prática musical e será amplamente explorado nas atividades práticas. Buscando sempre um diálogo com outras linguagens artísticas e outras áreas do conhecimento, assim como sugere a BNCC, a música será abordada de forma integrada.

As atividades propostas foram desenvolvidas a partir de habilidades específicas apresentadas na BNCC e habilidades integradas que compõem o Currículo Paulista. Esse conjunto de habilidades são referentes a formação do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

Palavras-chave: Música, Ensino, Educação Pública.

MÚSICA NA PRÁTICA: MÉTODOS ATIVOS

Elizandra Martins Miranda¹

A oficina é direcionada a arte-educadores e professores de música. Serão promovidas atividades práticas trabalhadas dentro do processo do fazer musical, abordando diversas estratégias e metodologias pertinentes ao aprendizado da música. Essas práticas favorecem a interação com o outro, o pensamento criativo, a manipulação de instrumentos musicais convencionais e não convencionais, o trabalho com a voz e com o corpo, brincadeiras, imaginação e encenação. A oficina abrange pedagogias musicais abordadas pela primeira e segunda geração de educadores dos métodos ativos de educação musical, destacando Émile Jaques-Dalcroze, Edgar Willems, Zoltán Kodály e Carl Orff, na primeira, e Murray Schafer e John Paynter, na segunda. A proposta trará adaptações relacionadas ao cancionário popular brasileiro, fundamentadas nas pedagogias citadas. Os métodos ativos são caracterizados pela experiência direta do aluno a partir da vivência de diversos elementos musicais. Nessa perspectiva, o aluno participa ativamente dos processos musicais desenvolvidos em sala de aula, processos esses que oportunizam o contato com vários aspectos da aprendizagem musical. O objetivo é contribuir com a formação continuada, aquisição de repertório, práticas e vivências que podem fazer parte do âmbito escolar durante as aulas de arte/música, a fim de fortalecer o desenvolvimento do ensino-aprendizagem das práticas musicais dentro dos espaços formais e não formais de ensino. As atividades trabalhadas comunicam-se com as habilidades constitutivas da BNCC estabelecidas pelo MEC. Sendo assim, se realizará metodologicamente uma oficina de práticas exploratórias com duas horas de duração. Para tanto, tomou-se como base atividades coerentes com a prática artística e musical voltada para o Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais. O público-alvo para a oficina será composto por

¹ elizandra.martins@unesp.b

alunos de licenciatura, mestrandos e doutorandos inscritos no II Congresso da OPAE. Essa oficina trará inovações profissionais no campo da arte para os professores no processo de formação, para os que querem atuar na educação ou para aqueles que já atuam.

Palavras-chave: Música, Ensino fundamental, Pedagogia musical.

NA RODA DOS POVOS

Mirza Ferreira¹

O ato de se colocar em círculo acompanha a humanidade desde a sua pré-história. Seja para se aquecer em volta do fogo, para cultuar um deus ou deusa, para celebrar uma colheita ou para se preparar para uma guerra, o círculo é algo presente e comum em diferentes grupos e épocas da humanidade. Muitas danças tradicionais de diferentes povos e etnias também acontecem em diversas formações circulares. E muitas destas inspiraram Bernhard Wosien na criação do movimento das Danças Circulares. Movimento que surgiu na década de 1970 tendo como base física a comunidade de Findhorn, na Escócia. Esse movimento cresceu, se alimentando de danças tradicionais de distintas regiões do planeta, realizadas por diferentes grupos de diversas nacionalidades. Na atualidade encontramos profissionais que trabalham com as danças circulares em diversos pontos do planeta e em diferentes contextos e áreas do conhecimento: na educação formal e informal, em grupos artísticos e na área de saúde.

A oficina "Na roda dos povos", uma oficina prática com duração prevista de duas horas, busca oferecer aos participantes a oportunidade de experimentar essas danças com seus diferentes ritmos e qualidades de movimento. Busca ainda propiciar uma reflexão crítica acerca da cultura corporal de diferentes povos, etnias e épocas. Ao se aproximar e experienciar as tradições culturais que estruturam os passos e gestos simbólicos de cada dança, o/a participante tem a possibilidade de desenvolver uma maior compreensão de toda a diversidade cultural. Estar em círculo, de mãos dadas, dá a oportunidade de vivenciar a dança de uma forma coletiva, gerando, dentre outras coisas, a sensação de pertencimento a um grupo. Os ritmos individuais se organizam para a criação de um ritmo grupal. A roda passa a funcionar como um elemento vivo mantido pelo grupo. Cada um e cada uma importam. Na roda não existe protagonista. Todas

¹ mirza.danca@gmail.com

as pessoas estão na mesma posição e equidistantes do centro. Não há destaque para quem tem mais experiência ou mais habilidade técnica. As danças circulares são danças coletivas, onde o que importa é manter a roda girando, independente da execução "correta" dos passos. É um espaço para aprender, vivenciar e sonhar junto.

Palavras-chave: Danças Circulares, Danças Tradicionais, Cultura.

O CORPO ANIMADO

Elisângela de Freitas Mathias¹

Os desenhos animados são reconhecidos pela técnica de juntar vários desenhos ‘parados’, em uma sequência de deslocamentos que movimentados, seja de modo manual ou mecanicamente, geram a ilusão de estarem ‘vivos’ e apresentam uma narrativa visual.

A oficina O Corpo Animado é uma proposta que traz o próprio movimento do corpo, por meio de suas articulações, como o suporte para a animação de um desenho. A proposta de desenhar no corpo é um desdobramento de vários conteúdos estudados em Artes Visuais, da Arte Indígena a Body Art, relacionados com a prática do desenho que tem no corpo o seu suporte. Essa proposta de oficina, também, se apropria de brincadeiras resgatadas da infância, onde as partes do corpo são desenhadas com a finalidade de explorar maneiras lúdicas, tanto individuais como coletivas, de brincar com o desenho e com o corpo, em esquetes improvisadas e espontâneas.

O Corpo Animado, apresenta a proposta de pesquisar e experimentar o corpo como um suporte para o desenho que se pretende ‘vivo e animado’. A partir da utilização de diversos materiais gráficos (lápis aquarelado, canetas hidrográficas, tintas corporais), a atividade consiste em uma prática experimental, livre e coletiva, de desenhar personagens/figuras no próprio corpo, bem como, no corpo do colega, especialmente em áreas do corpo com maior articulação - como é o caso dos braços, mãos, dedos, entre outras. A prática de desenhar junto e nos corpos, estimula a troca de ideias e a criação coletiva, dessa maneira, a atividade terá como culminância a simulação de movimentos corporais que se desdobrem em animações cênicas.

¹ belearte@gmail.com

A oficina se pauta no pensamento transdisciplinar de Gianni Rodari (1982) ao tratar a fantasia e a imaginação como um modo de promover um outro olhar para a realidade. Através do cômico e do lúdico, a atividade proposta tem como pretensão, explorar um olhar que não anula o mundo que conhecemos, mas que nos propicia meios de saber operá-lo, reorganizá-lo e ressignificá-lo, de maneira sensível, criativa e investigativa.

Palavras-chave: Desenho, Corpo, Suporte, Animação.

PESSOAS NEGRAS NAS OBRAS DE BELL HOOKS E WALTER FIRMO: A LEITURA DE IMAGENS COMO FERRAMENTA PARA A LEI 10639/03

Beatriz Abade das Neves¹

A oficina pretende apresentar a leitura de imagens como metodologia para se abordar questões propostas pela Lei 10639/03. Utilizando-se de imagens de Walter Firmo (1937-), fotógrafo brasileiro com vasta obra acerca de pessoas negras, e de obras de bell hooks [Anseios: raça, gênero e políticas culturais (1980); Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra (1989); Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (1994) e Olhares Negros: raça e representação (1992)], importante professora feminista e antirracista estadunidense, o objetivo é refletir em conjunto sobre as representações negras presentes em nosso imaginários e os estereótipos que essas criam, e apresentar as obras de Firmo e hooks como possibilidades para construir um novo imaginário de sobre pessoas negras.

Os participantes serão apresentados a uma série de imagens fotográficas produzidas ao longo da carreira de Firmo, que abordam questões como famílias negras, festejos populares, masculinidades negras, corpos negros, personalidades negras e possibilitam a ampliação de repertório. Também serão apresentados a trechos de hooks que discutem as mesmas questões. Essa apresentação será conduzida a partir de perguntas disparadoras e comentários relacionados às falas dos participantes, de modo que a leitura seja construída coletivamente, abordando não só questões técnicas das imagens, mas escolhas estéticas do artista, que possibilitam novos olhares acerca da representação negra, para que seja possível retomar e discutir as relações criadas entre imagem e texto, e entre as diversas leituras, utilizando os textos de hooks como alicerce para se pensar não só a representação negra na mídia e suas

¹ beatriz.abade@unesp.br

influências, mas também no papel do educador como fundamental para uma prática pedagógica antirracista.

Ao final, haverá uma roda de conversa que propõe reunir os conceitos discutidos nas leituras, bem como discutir as possibilidades da leitura de imagem no contexto da aula de artes. De que maneira oferecer novas imagens sobre pessoas negras pode nos ajudar a discutir a história de pessoas negras no Brasil? De que forma apresentar novas imagens? Qual a importância da representação e representatividade negra em sala de aula? De que maneira a construção de imagem pode influenciar a maneira como enxergamos as pessoas negras? É possível construir novas representações? Só é possível obter respostas, mobilizando coletivamente práticas pedagógicas antirracistas.

Palavras-chave: raça, representação, leitura de imagem.

PROFESSORA MARLI: EM UMA HISTÓRIA SEM FIM

Gisele Gobbo de Souza¹

Em "Professora Marli: em uma história sem fim " trata-se de uma animação, produzida por mim, Gisele Gobbo de Souza, Danièle Barão Crot e Maria Isabel Ferreira de Almeida, e nesta animação é narrada a aula da professora Marli que abalada pela pandemia, sai de cena da sua sala de aula. Então, Marli fica pensativa com o que iria fazer de proposta para a sua aula devido a pandemia, assim pensa para suas aulas, lecionar pelo computador através da internet, como um ensino à distância. A partir de então, Marli fica pensativa, mas de tanto pensar, teve um sonho, o qual se transformou em uma sereia e seus alunos em peixinhos.

Esta animação foi construída através de cenas da professora Marli com ideias transcritas pelas professoras que produziram esta animação. No início foi construída uma cena por mim, Gisele Gobbo de Souza, da qual esta cena foi compartilhada com as participantes que tinham como tarefa produzir e dar continuidade a história. Como não existia um roteiro definido, o recebimento da animação já era uma surpresa para as integrantes do grupo. Este filme torna-se uma história sem fim, pois pode ser compartilhado e continuado a cada capítulo por outras pessoas, sendo uma novidade a sua continuação.

Assim, esta oficina " Professora Marli: em uma história sem fim ", surge com o intuito de sugerir de como fazer animação com recortes de papéis desde o cenário até os personagens, e o público pode utilizar o próprio celular para construí-las com recortes de papéis.

História do filme:

Esta animação foi produzida durante a pandemia e cada uma das produtoras filmaram em suas residências. Começou com uma conversa no grupo

¹ gobbabr@gmail.com

de uma rede social, por meio da qual eu, Gisele Gobbo de Souza, enviei um exemplo com uma personagem recortado em papel.

Na ideia inicial foi pensado em fazer o roteiro pela rede de conversação. Mas Isabel Ferreira de Almeida disse faz primeiro, e manda para nós, e que depois continuamos. E assim, a professora personagem do filme, a cada momento tinha as características de cada uma que produzia essas cenas, o que foi uma surpresa, pois não sabíamos como seriam produzidas as características de cada personagem.

Link: https://youtu.be/RMFg_WCC7oA

Palavras-chave: Animação, recortes, arte, educação, pandemia.

SONHANDO A REAL: O CORPO ATRAVÉS DA RESPIRAÇÃO, SOB O TEATRO DE ANTUNES FILHO

Vinícius Franzolini¹

"Sonhando a Real: O Corpo Através da Respiração, sob o Teatro de Antunes Filho", tem como objetivo principal proporcionar aos participantes uma vivência prática do trabalho do corpo do ator e da importância da respiração na expressão artística. A proposta da oficina é um mergulho imersivo de duas horas com base nas referências técnicas e experiências do Teatro de Antunes Filho e do CPT (Centro de pesquisa teatral). A oficina será conduzida pelo ator educador, Vinícius Franzolini, formado pelo CPTzinho/CPT (Centro de Pesquisa Teatral) em 2018, discente de licenciatura em Arte Teatro pela UNESP, oferecendo aos participantes a oportunidade de vivenciar métodos e exercícios desenvolvidos por Antunes e assimilados por Vinícius. A abordagem principal será a exploração do corpo como instrumento expressivo e a conscientização da respiração como elemento fundamental na condução do trabalho do ator em performance teatral. Durante a atividade, os participantes serão convidados a experimentar diferentes técnicas de trabalho corporal com movimentos à partir da respiração. Explorando o movimento à partir da sensibilidade e da respiração. Serão propostos exercícios de aquecimento e práticas teatrais específicas desenvolvidas por Antunes Filho no CPT e assimilada por Vinícius, como por exemplo: a "Onda e o Desquilíbrio". A respiração será o foco central da oficina, uma vez que ela é considerada a base para o desenvolvimento da presença cênica e da capacidade de se conectar com as emoções. Serão realizados exercícios de respiração consciente, explorando diferentes ritmos e intensidades, assim como a relação entre a respiração e a expressão corporal. Os participantes serão incentivados a experimentar, descobrir e desenvolver sua expressão individual, respeitando seus limites e explorando novas possibilidades. Serão oferecidos momentos de

¹ vinicius.franzolini@unesp.br

reflexão e troca de experiências, proporcionando um ambiente de aprendizado colaborativo e enriquecedor em uma oficina de duas horas: primeira parte: aquecimento (trinta minutos), segunda parte: introdução e prática (uma hora), e terceira parte: Devolutiva e Roda de Conversa com os alunos (trinta minutos). A oficina destina-se a professores de arte, estudantes, artistas e entusiastas das artes cênicas, interessados em aprofundar sua compreensão e habilidades no trabalho corporal e respiratório. Não é necessário ter experiência prévia em teatro, apenas disposição para experimentar e se entregar ao processo. Ao participar desta oficina, os envolvidos terão a oportunidade única de vivenciar tais exercícios e adquirir ferramentas práticas para começar a entender o desenvolvimento de seu trabalho corporal e respiratório, fortalecendo assim sua expressividade artística e sua conexão com o público.

Palavras-chave: O Teatro de Antunes Filho, corpo do ator, respiração, expressão artística, vivência teatral.

II CONGRESSO DA OPAE



instituto
de artes

PPG artes

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes



Cê de
Conteúdo

FaEB
Federação de Arte
Educadores do Brasil

Pina_



CCQ USP
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS



bienal

